NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437936 7

THOMAZ RIBEIRO

DISSONANCIAS

VERSOS

PORTO
LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON
CASA EDITORA
LUGAN & GENELIOUX, Successores
1880

Todos os direitos reservados

1. Poetry (Portuguese)

DISSONANCIAS

DO MESMO AUCTOR:

A Delfina do mal, poema. Segunda edição correcta, com uma carta do auctor e um prologo de *Camillo Castello Branco*. 800

A Indiana, entre-acto em verso. 300

D. Jayme, poema. Oitava edição, com uma conversação preambular pelo fallecido *Visconde de Castilho*. 800

A mesma obra. Primeira edição popular. 400

Sons que passam. Quarta edição. 600

Vésperas, poesias dispersas . . . . . 1$000

THOMAZ RIBEIRO

DISSONANCIAS

VERSOS

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
CASA EDITORA
LUGAN & GENELIOUX, Successores
1890

Todos os direitos reservados

NEW YORK
PUBLIC
LIBRARY

CARTA DE CONVITE

Nas comedias antigas vinha o *Prologo*,
— um personagem neutro e á peça estranho —,
em longo, esdruxulo e metrico monologo
vario na contextura
e vario no tamanho,
dizer do Auto a trama e a urdidura.
O auctor para que o antigo em tudo imite,
mette o — Prologo — em carta de convite.

Em festa familiar, convivio intimo,
o poeta recebe os seus amigos.
Não podendo sahir, mandam-lhe os medicos
distrahir-se; — enganar males antigos...
quer dizer: — incuraveis! — O diagnostico
é fatal e cruel.

Uma recrudescencia vem, ás vezes,
aggravar-lhe a doença antiga e chronica:
derrama-se-lhe o fel
e torna-se-lhe a lingua sêcca e aspera;
O que se diz: — má lingua, — ou — lingua má —
em linguagem medica.
E realmente será.

D'onde este aggravamento? A medicina
diz: que das intemperies da politica,
dos serões jornalisticos e poeticos,
das leituras romanticas e classicas,
n'uma palavra: — d'abusar do — Esdruxulo — !
um veneno peor do que a morphina,
mais atrophiador, mui mais ruim,
que o vai pondo alheado e paralytico,
até que chegue esse momento critico
d'entrar na sepultura este humor caustico
e desfazer-se, emfim.

Quer, pois, antes que chegue esse momento,
a leitura fazer d'umas estancias,
— um quasi — testamento.
Chama-lhes o poeta: — *Dissonancias* —,
o que ha de parecer um contra-senso
e não é.

Depois que a Musa nova
logrou fazer novo instrumento musico,
de vozes naturaes e effeitos magicos,
adaptando-lhe um novo diapasão,
o tangeu, o exhibiu e o poz á prova
de assumptos varios — comicos e tragicos,
invento magistral de tanto merito
que teve universal aceitação,

soterrando, de vez, todo o preterito,
quiz o poeta erguer-se aos novos methodos
e á nova afinação.

Corre, invejoso, e toma a harpa vetusta.
Para modificar-lhe as vibrações,
sobe, desce na escala, e nunca ajusta
as notas da harpa aos sons da nova lyra!
Desesperado, então, acceso em ira,
de novo lucta!... e mais!... e uns sons plangentes
dizem que se resigne ou que se carpa!
acaba de partir as cordas da harpa
que já eram doentes.

Ficaram-lhe os bordões
oscillantes, discordes, ralhadores!
Uma questão de nada entre doutores,
ou pendencia formal de rufiões.

Isto explica o titulo
com que elle trata as desiguaes estancias,
e denuncía a indole dos versos.
Com desaccordes no acompanhamento
só podem recitar-se — *dissonancias* —.

Chama pois a capitulo
amigos... e até mesmo os seus adversos;
mas póde acontecer, — e agora é vicio
das normas sociaes d'esta sazão —,
o sarau transformar-se n'um comicio.

Completemos, que é tempo, a informação:

No logar d'honra da modesta sala
o retrato d'el-rei e o de Camões
recebem continencia e saudações.
Talvez a alguem pareça estranha a gala,
vendo-os ambos ao rez da sepultura,
um resurgindo já, outro, o monarcha,
proximo a resvalar da estancia escura
ao cadinho efficaz do purgatorio;
que alli, segundo affirma o patriarcha,
n'um piedoso, infeliz, rasgo oratorio,
fundado em tal ou qual razão catholica,
tem de purificar-se dos peccados...
— paga de róes e juros atrazados, —
sem lhe valer a benção apostolica!
— indulgencia de Christo —
que o papa lhe mandou,
que o nuncio lhe levou
e que elle recebeu com tanta fé!...
e tanta devoção!... á vista d'isto
não se sabe por quê, nem para qué!

O patriarcha disse um desprimor,
que deve ser um erro de doutrina.
Se a *indulgencia* não é, para os senões
da fraca humanidade, a azul piscina
d'anchura para todos os tamanhos,
é capaz algum *livre pensador*
de perguntar: — Honrado prégador,
a que vendeis perdões
e annunciaes os milagrosos banhos?
E' mais justo e melhor vender a tina. —

Seja o que fôr! — Sem mais:
Os dois grandes varões, dois immortaes,
recebem continencia e saudações.

O auctor diz a verdade;
lamenta, accusa, ralha e dá conselhos...
Quanta imprudencia para a sua idade!
Jesuitas, atheus, legisladores,
o presente e o futuro,
os pobres e os senhores,
em metro ás vezes dôce e ás vezes duro,
todos acham aqui o seu revez;
mas isto de escrevel-o em portuguez
é quasi que dizel-o á puridade.

Toda a sala forrou d'amplos espelhos!...
— Desembesta o furor da gente feia,
que abunda, — oh! Deus do céo! — na sociedade!
Antipathica ideia! —
Não trata a madrigaes, não lisongeia
a diva d'hoje a — Popularidade —.

Desafiando assim o extremo excidio
nas paginas d'um livro abstruso, ingrato,
dir-se-hia que provoca o assassinato,
para vêr se refoge ao suicidio.

. . . . . .
. . . . . .

Comtudo, se viesse a mocidade
sem preconceito, sem desconfiança...
inda podia haver alguma esp'rança!...
Para hoje, não! — para a futura idade.

AD OSTIA

I

Enfermo, em noite calma e n'um momento placido,
quiz ter emtorno a mim tudo o que havia triste:
— as estrellas do céo, o orgão do templo, as lampadas,
o mar escuro e mesto, a tradição que existe
de que houve um povo heroico, uma nação liberrima
na terra onde eu nasci.
Convidei ao sarau as sombras melancolicas
d'uns vultos que encontrei nos penetraes da historia;
— grandes —, n'uma pobreza em que eram gloria... uns canticos!
— pobres —, n'uma grandeza em que era ouro... a gloria!
Deixei cahir o sol; podia vêr-me lagrimas,
elle, que sempre ri.

II

Saudades convidei; quiz ter na festa funebre
tristezas, sim, porém que fossem menos duras
que o scepticismo atroz que obumbra o meu espirito,
que a minha desesp'rança, as minhas amarguras.
Poetas ha tambem no meu sarau, e ha martyres;
e um velho a mais, — sou eu.
Faltaes... — Visões, talvez, d'uma razão decrepita!
sinto medo, por vós, de vós, ó moça gente!
senhores d'ámanhã! delicias nossas — flóridas!
filhos de nosso amor!... E acaso do Presente
garante alguem a flôr?... o fructo?... — Vá! respondam-me!...
...Ninguem me respondeu!

III

Que somos nós — Presente — ? Um turbilhão de ephemeros,
sem crenças e sem norte; egoismo sem futuro;
ambição sem nobreza; orgulho inane e tumido,
a perorar de dia, a demolir no escuro,
a rascunhar na areia, a errar e a variar calculos,
sem nada edificar.
A vendilhar no templo, a retouçar nos tumulos;
a pôr a patria em alvo, as tradições em fuga;
a rasourar brazões e a formigar na heraldica;
fingindo de truões a vêr quem gosta e aluga,
ou creando um bazar — *Diffamação — Descredito* —,
a vêr quem vai comprar.

IV

E emquanto o mundo avança e vai creando esplendidas
maravilhas sem fim e a humanidade exulta,
se alguem d'aqui deseja ir ajuntar-se ao prestito
dos obreiros do bem, — como a gentalha o insulta!
e lhe malsina o empenho e lhe rebate os meritos,
babujando-o em desdem!
Uns velhos do Restello, uma prudencia emerita;
uns Sanchos, histriões de macambuzia astucia,
tendo o seu mundo alli, — dentro da pança espherica!
um gremio social que sob a firma: — *Sucia* —,
é quem nos dita as leis e nos rebaixa ás praticas
de povileu-Ninguem —.

V

— E o merito, onde está? — De malsinado, esconde-se.
— E o altivo patriotismo? — E' tido por demente.
— E o genio? — Anda banido, excommungado, inedito.
— E a soberania? — Aguarda. — E o povo? — Esse consente.
— E a abnegação? — *(Risada)*. — E o brio, — o valor civico?
— Cegou-se e ensurdeceu.
A companhia: — *Sucia* — é a traficancia indomita,
que intriga, que envenena e medra no despojo
das podridões que faz, das ruinas, dos cadaveres!
que em seus balcões-roleta, e em seus palacios-fojo,
bezerros d'ouro tem, como brazões symbolicos,
sobre os seus cofres-céo.

VI

O povileu-Ninguem —, rodeia a mesa esqualida
onde, a jogar, se esvai, se avilta e se embriaga;
onde, banqueiro a usura — a tentadora omnimoda,
lhe inflamma a sêde ao vicio, e a mesa inunda e alaga
de letras, notas e ouro, a propiciar-lhe um credito
que o leva á perdição.
Demonio da montanha, a fascinar os prodigos,
deslumbrados, primeiro, ante oceanos d'ouro!
despenhados, após, e bracejando, naufragos,
nos mares da Judeia, — a do moderno touro,
que os espera na praia e lhes enterra as laminas
da famosa armação.

VII

Depois um novo Egypto! Este jardim d'Hesperides
cae na tutela vil d'alguns dragões-credores,
que o tomam por sequestro e o guardam em deposito,
sem inventario prévio! — á honra dos tutores!
e as sphynges do deserto, obeliscos, pyramides
de velhos Pharaós,
são nada para o juro! e as mumias dos sarcophagos,
e os braços dos felahs do Tejo, — o escravo Nilo!
Depois, mais um tratado escripto em geroglificos,
e o povileu-Ninguem — não sabe lêr aquillo!...
Prole de nós-Presente — e d'esta escóla perfida,
filhos! que sereis vós?!

VIII

Temos-vos ensinado a desprezar, no intimo,
a gloria, o amor, a esperança, a patria, a humanidade;
a engeitar a velhice, a rir d'affectos candidos,
a pisar Deus, na fé, e a flôr, na mocidade;
a exaltar o homem, só, creando o — *forte espirito* —
e o — *livre pensador* —.
Eu não percebo nada! um velho sou, philosophos,
mas temo por instincto o vosso *credo* novo;
andaes-me a infatuar o individuo! — um atomo!
e daes-me um bonifrate em vez de dar-me um povo!...
Que mestres e que pais de que vós sois discipulos,
filhos do nosso amor!

IX

Os — bons —, que de luctar houveram força e animo,
refizeram a patria, as leis, a liberdade.
Pagou-lhes em pasquins, em torpes ephemerides,
calumnias e desdens, — ingrata heroicidade!
do povo resgatado a multidão anonyma,
a féra-povileu.
Depois, junto ao despojo, a simularem lastimas,
chorando a *immensa dôr,* votaram monumentos;
e andaram lendo o rol de mil virtudes limpidas
e o das ingratidões, em cynicos lamentos!
Oh!... repugnante! Os — bons —, que haviam rido ás satyras!...
...Não córa quem morreu.

X

Do — povileu — ao — povo — a estrada é longa e ingreme;
o — povileu — é o inerte, o — povo — é o que trabalha;
o — povileu — é o vicio, o — povo — o Atlante, o Hercules;
o — povo — é altivo e nobre, o — povileu —, canalha.
— Quem distanceia os dois? — Nem distincções nem titulos,
nem o querer d'el-rei.
Fique affirmado assim! que andamos n'uma época
de contrabandear co'as leis da fidalguia,
nobilitando o crime, exautorando o merito,
e vendo entrar no paço alguns, que da enxovia,
por direito penal, são necessarios hospedes,
que assim o manda a lei.

XI

Senhores d'ámanhã... Não vos convido; affiige-me
esse mordaz desdem que vos encrespa os labios;
essa precocidade, — o sêllo dos ephemeros, —
que ante-sazão vos faz uns rematados — sabios;
e o olhar sempre minaz, armado de monoculo,
em riste contra nós,
que somos o — *avôsinho!* — o Adão do velho Caucaso,
fossil, que, no museu das vossas phantasias,
Darwin offerece e expõe para modêlo authentico,
pedra fundamental das suas theorias.
E acaso vos honraes da arvore genealogica?!...
Netos de taes avós?!...

XII

A crêr no darwiniano estudo anthropologico,
appliquem-se-lhe as leis precisas do atavismo:
— Depois do humano aprumo, as curvaturas flaccidas;
— após o gesto nobre, as mofas do cynismo:
— as mãos crescendo em geito e duplicando em numero;
— cauda cingindo os rins;
— o nervosismo, a astucia, o espirito malefico,
vai do gorilha ao jocko, e d'este ao insulso mono.
Cahindo sempre assim, da humanidade o specimen,
e revertendo ao chôco, á gestação, ao somno,
refaz, no velho Caucaso, o novo Adão ridiculo,
e Adão gera Cains

XIII

e depois o diluvio! A serie genesiaca
ora ascende ora desce: e ha homens de sciencia,
que julgam vêr indicio ou provas symptomaticas,
evidentes, fataes, de enorme decadencia
na reversão da especie. Eu fico entre os incredulos,
que me honro de ser pai.

.....

*

Senhores d'ámanhã! cedendo a honrado estimulo
e ao muito que vos quero, embora o meu receio,
a minha casa é franca e o meu affecto, ingenito;
se é rude a minha voz, se ha dentro de meu seio
muita amargura horrenda, ha muitas visões, lucidas!...
Quereis honrar-me? entrai!

JANUA CŒLI

I

Nos floreos tempos biblicos,
n'essas longinquas éras
da quadra genesiaca,
— simples, — de paz, — austeras,
o portuguez Monarcha,
— o que hoje desce ao tumulo, —
seria um patriarcha
da primitiva lei.

Nos aureos tempos épicos,
ao pé da gloria summa
De Affonso e Pedro: — os Romulos —,
Elle seria o — Numa, —
o fundador piedoso,
o grão cultor pacifico,
o artista primoroso,
o — Pai — Cidadão — Rei.

II

Ao seu brazão heraldico:
— as quinas sobre a esphera —,
que jámais quiz por symbolo
aves de preza, ou féra,
juntar a enxada ao sceptro
quiz o Monarcha civico,
e á c'rôa, — a penna e o plectro,
— ao seu labor, fiel.

Vendo-o a Rainha, extatica,
absorto, attento e mudo,
dando os retoques vividos
no regio, herdado escudo,
disse-lhe: — Ainda um traço!
aqui o tens! — Mostrava-lhe
no provido regaço
as rosas de Isabel.

III

Nobre conjuncção limpida,
nuncia d'immensa gloria!
ó constellação fulgida,
subindo o azul da historia,
não cairás, descança!
O Rei prostrado, — o ultimo
dos mortos de Bragança,
repousa, mas não jaz!

Não! só se extingue o ephemero.
Não! só o indigno esquece.
Nome que escrevem lagrimas,
pronunciando-o a prece,
resae da sepultura
que, em vez de lemma funebre,
inscreve: — Amor — Ventura
— Gloria — Justiça — e Paz.

IV

Hontem, por noite lobrega,
noite profunda! um sino
dobrou, na torre olympica
do templo manuelino.
Tinham saido os pobres,
os enlutados miseros;
iam carpir-se, os dobres,
nos eccos da amplidão.

Em torno do sarcophago,
em celeres adejos,
cyrios, brandões e lampadas
cortavam de lampejos
fatuos, a face ao justo.
— Ella — a Viuva, em supplicas,
velava o morto augusto.
prostrada ante elle... Então!...

V

Visões, talvez, das lagrimas!
das trevas! da distancia!...
bate-lhe o peito em fremitos!
e vê na sacra estancia,
— sombras de gesto rude
e cataduras tetricas! —
cercarem o ataúde
altissimos varões!

Quem são?... Conhece-os! Ergue-se,
e deslumbrada, absorta,
sente-se presa! gélida!
e mais que os mortos, morta!
— Manoel — o afortunado —
— Vasco da Gama — o intrepido —
e d'elles — lado a lado, —
— Herculano — Camões.

VI

Eram as sombras épicas
dando, em seu preito — exemplo;
fazendo ao regio Hospede
as honras do seu templo.
Era o raiar da gloria!
o abrir das portas celicas!
o alvorecer da historia
e d'hymnos triumphaes.

Quando a Rainha — angelica! —
entrou nos regios paços,
a côrte viu-lhe, — atonita!
nos soberanos traços,
signaes de pasmo e espanto
e de ineffaveis jubilos!...
Inda lhe viram pranto
mais não lhe ouviram ais.

SURREXIT

E lá vos tem logar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

CAMÕES.

De que val' procurar-lhe a sepultura?
Elle não jaz, resuscitou da morte;
e, solta essa alma heroica, ousada e pura,
do horror da vida e das galés da sorte,
sentiu alar-se pela immensa altura,
livre, immortal, feliz, sereno e forte,
azas de ouro e de luz, fronte aureolada,
hymnos, prismas, perfumes: — alvorada!

II

Ninguem o viu surgir: a Inveja esqualida,
ao pé da campa, emfim, adormecia;
Natercia, a virgem meiga, etherea e pallida,
subira ao ceu, a vêr de lá se o via;
ninguem, pelos despojos da chrysalida,
curvava os dedos sobre a campa fria,
que o poeta, em miseria extrema e unica,
nem tinha, como Christo, a pobre tunica!

III

Silencio e solidão! o monstro, apenas,
resfolegava do sepulchro á beira,
dormindo o inquieto somno das hyenas,
cansado, a descansar a vez primeira.
Camões viu-o e parou! — «Das minhas penas
«auctora vil e eterna companheira!
«lepra do genio! parasita immundo!...
«E pensar que isto dicta as leis ao mundo!

IV

«E pensar que na patria minha amada
«has de ficar, cevando em sangue as prêsas!
«hydra covarde e vil! dissimulada!
«enroscando-te a todas as grandezas!

« prendendo toda a audacia sublimada!...
« Eu a polir as glorias portuguezas,
« tu a sujal-as com tua baba escura!...
« qual de nós vencerá?... Eu! fera impura!

V

« Eu, ante quem do Grego e do Troyano
« a Odysseia e a Eneida emmudeceram;
« eu, que ousei, de Alexandre e de Trajano
« dizer ás sombras: — « ide! » — e se esconderam.
« Cantando o peito illustre lusitano,
« a quem Neptuno e Marte obedeceram,
« dei-lhe a immortalidade! e d'esta sorte
« não chega a inveja onde não chega a morte. »

VI

E nas azas da fé subiu! subia
pela immensa amplidão do espaço immenso!
era mais vivo o sol, mais claro o dia,
mais dôce a aragem, mais suave o incenso,
e mais distincta a celica harmonia!
côro que parecia andar suspenso
d'esse abysmo luzente e palpitante
dos ceus de Homero, de Virgilio e Dante.

VII

E começou de vêr, longe, indistincto,
erguer-se, ante os seus olhos deslumbrados,

em deleitoso, amplissimo recinto,
zimborio assente em plinthos mil dourados;
nas galas e primores de Corintho
as mil côres dos prismas iriados;
tudo crystal e ouro e pedras finas
e, na cimalha, o seu brazão das quinas!

VIII

—«Que templo é este e que paiz de flôres
«me vem buscar de regiões distantes,
«como buscava a ilha dos Amores
«o Gama e os seus heroicos navegantes?!
«Quem são essas donzellas? que primores
«me promettem seus olhos lacrimantes?...
«Oh! conheço-vos bem, joias d'est'alma!
«Natercia! Ignez!... Meu Deus! a minha palma!

IX

«Alma minha gentil que te partiste
«tão cedo da outra vida descontente!
«eu fiquei-me na terra sempre triste,
«e tu, lembrando aquelle amor ardente
«que lá nos olhos meus tão puro viste,
«vaes dar-me o coração eternamente!
«Bem haja Deus! que para merecer-te
«tão tarde, só, de lá me trouxe a vêr-te!

X

« Collo de garça, Ignez! não percebiam
« os algozes crueis que te matavam,
« que n'um mundo melhor reviveriam
« amores que em teu peito semeavam,
« de noite em dôces sonhos que mentiam,
« de dia em pensamentos que voavam,
« os rouxinoes, as flôres e o socego
« dos saudosos campos do Mondego!

XI

« Tu não sabes as queixas maguadas
« que murmuram por ti o valle e o monte;
« não sabes as suavissimas toadas
« que palpitam d'amor n'esse horisonte;
« não sabes que de lagrimas choradas
« correm sobre o teu sangue, em pura fonte!
« Lá te chamam, Ignez, eternamente,
« o rio, a selva, e o canto meu plangente!

XII

« Porém onde estou eu?» — « Camões, chegaste,
« após tanta miseria e tanto damno,
« ao Pantheon que lá nos consagraste,
« á patria e a nós!» — « Que sois?... Oh! não me engano!»

—«A legião de heroes que alevantaste
«nos versos do teu canto sobrehumano!
«Entra na tua immensa galeria
«alumiada á luz do eterno dia!»

XIII

Quantos vultos de nobres cavalleiros,
pelas extensas naves alinhados!
Reis de Ourique e de Aviz; bronzeos guerreiros
de Tanger, Ceuta e Arzilla; os namorados
donzeis de Aljubarrota, e os altaneiros
Magriço e os onze; ao fundo, n'um dos lados,
Egas Moniz e Affonso,—o veneravel;
no outro, João primeiro e o condestavel.

XIV

Cem columnas de bronze, em mil relevos
ostentam feitos lusos de alta fama,
desde os leões do Herminio, rudes, sevos,
a quem de Viriato a audacia inflamma,
'té,—de Ourique ao Salado—, assombro aos evos!
o longo desbarate da mourama;
ondas, naus, marinheiros!... Os milagres
do—«Talent de bien faire»—erguido em Sagres!

XV

No extremo, o logar de honra era vazio.
—«É teu»,—lhe disse o Gama erguendo o braço!

e os heroes de Malaca, Ormuz e Diu,
bateram com os broqueis nos peitos de aço.
No fundo estava o Adamastor sombrio,
medonho e mau, na côr terreno e baço,
cheios de terra e crespos os cabellos,
a bocca negra, os dentes amarellos.

XVI

O poeta sorriu-se! — «E tu, gigante,
«que vens aqui fazer?» — «Mostrar-me grato,
«pois que arrostaste, intrepido, arrogante,
«com minhas furias... e com o meu retrato.
«Mostrou-m'o um dia Thetis!... Repugnante!!
«Curei-me d'esse amor tão insensato;
«mas para precaver de novas maguas
«vai-m'o sempre mostrando em suas aguas!!»

XVII

Quiz ainda o poeta olhar a terra...
era toda escondida em véos sombrios!
só a voz do canhão, que assombra e aterra,
echoava nos concavos desvios.
—«Meu pobre Portugal! a insidia e a guerra!
«e ninguem a reinar!!... Audacia e brios,
«semeei-vos, debalde, em chão de abrolhos!!...»
E cahiram-lhe as lagrimas dos olhos.

XVIII

Trezentos annos ha que aos duros tratos
da sorte refugiu... É bem distante
para nos accusarmos, insensatos!
Porém, Camões! se no teu peito amante
ha perdão para os netos dos ingratos,
olha da eternidade! olha um instante!
verás que a patria, onde só viste abrolhos,
faz estrellas do pranto dos teus olhos!

TE DEUM

I

Vai, Musa lusitana, entra no templo santo
da Roma pontificia, e ao santo padre um canto
votivo, filial,
leva, como presente, ao jubileu, que envida
a Egreja universal
a concorrer ao sacro-augusto anniversario
do poeta, do artista, — o successor vigario
de Jesus, — o homem-Deus.
Que no jubileu santo a voz de Portugal,
fidelissima, austera, honrada, intemerata,
tremente — sim, mas não plangente,
diga ao que as chaves tem dos penetraes dos ceus:

*

— Senhor! ao pai em Christo que os condemna
a acorrentados morrer,
vêm os lusos christãos do vasto Oriente
dizer o — *Ave Cesar* — sobre a arena,
e trazer-te a mortalha sacrosanta
de Francisco Xavier.

Nada mais têm, senhor! reliquias santas,
ganhas com tanto amor e tantos damnos,
a barbaros, gentios, musulmanos,
na America, Asia, Africa e Oceania,
tonsurado cossaco ás sujas plantas
pisou e profanou! revel precito!
Padre! em teu nome, e de Jesus!... Maldito!
blasphemo! — Em nome só da simonia,
ou da *Congregação & Companhia!*

Nada mais têm, senhor! joias de custo
com que, nos festivaes da santa Egreja,
de Deus se recamava o throno augusto,
á horda insaciavel
eram vertigem de cubiça e inveja
que terminou... no crime abominavel!

Nada mais têm, senhor! o sino d'ouro
da Sé primacial da nobre Goa
calou, d'envergonhado, a voz plangente,
que se ouvia de Roma e de Lisboa,
que chegava aos confins do vasto Oriente.

Cahiu da torre egregia e jaz sepulto...
não ousamos dizer — em ruinarias,
que ficam mal ao pobre as fidalguias;
— nos entulhos, no lixo do presente!
e sabe Deus se para sempre inulto!

E, bem o sabes tu, santo vigario,
após muito lidar na obra divina
e a tarefa cumprir que Deus destina,
toda a grandeza acaba n'um calvario.
O nosso era devido! ultima gloria
dos que lidam por Deus, na senda escura,
ingreme e só, precipitosa e dura,
do bem da humanidade.
Longa nos ia a rua da amargura!

Ha de escrever a historia
que ha seculos nos tinha Roma em pena.
Se é hoje a tua mão que nos condemna,
ao clamor da traição, da aleivosia,
triumpha a iniquidade,
com assombro, senhor, da christandade,
mas cae por uma vez a hypocrisia.

Bem hajas, Santo padre! os condemnados
repetem-te o — *Ave Cesar!* — Sobre a arena,
tristes e reverentes, — não — prostrados.

Era costume, na pagã cidade,
ao tigre hyrcano, ao leopardo, á hyena
dar em repasto escravos... ou christãos;
tu, para haver circenses de mais brilhos,
dás-lhes, senhor, os teus melhores filhos.

Consente que ao beijar-te as sacras mãos
ante a horda feroz,
pezames com emboras
te offertemos, senhor, mais compungidos
por ti do que por nós.

Salve, chefe da Egreja! se em más horas,
que Deus encurte! roncos e bramidos
os teus membros, d'horror estarrecidos,
sacudirem com gelido pavor,
é fome que as hyenas enfurece;
vai-lhes lançando á fauce escancarada
o que restar da Egreja em Portugal:
primeiro, — Cabo-Verde, que fenece
para além, muito além do Senegal;
depois Loanda e Congo, — a celebrada
missão, que levou luz Cafúe a dentro;
de Moçambique a prelazia, então;
— as columnas de fogo do sertão
que se encontraram da Africa no centro! —
na Asia o que restar ao portuguez monarcha:
dá-lhes Cochim, Damão e Meliapor;
depois a patriarchal e o patriarcha;

depois, na Europa, a luzitana igreja;
e depois... ficas tu, que Deus proteja!

Deus te salve, hostia imbelle em mãos d'algozes!
prisioneiro dos teus, que não de Roma!
— d'essa horda feroz, que ninguem doma,
faminta d'um poder que nada farta.

Perdoamos... a ti, que és bom e és justo.
O — *non possumus* — dos teus antecessores
é verdadeiro, é certo!

. . . . . .

II

O rei que herdára o padroado augusto
dos miseros christãos de *todo* o Oriente,
quiz juntar um primor aos mil primores
da tua sacra festa,
e alguma estrophe, ao universal concerto.
Achou nas mãos um calix!... [1] se seria...
Oh! lembrança funesta!
crueldades do acaso!! — o da agonia?!
Era o de D. Manuel!! Olhou-o absorto
na mão tremente e segredou: — É justo!
reliquia santa do padroado morto! —

[1] O rei de Portugal offereceu ao papa o calix de D. Manuel, o que se fizera com o ouro que trouxeram as naus descobridoras da India.

Escreveu-te sereno e respeitoso:
— *Pater, si fieri potest...* —
Essa carta
datou elle do paço, e eu digo e juro
que fôra escripta no recinto escuro
dos olivaes do Horto.

. . . . . .

III

Perdôa, santo padre, á musa portugueza
vir de tão longe, só, á tua sacra festa,
devota e filial, mas enlutada e mesta,
e, em meio a tanta luz, lançar uma tristeza.

Se um dia, por acaso, achares na memoria,
entre os cuidados mil da tua Babylonia,
— o Oriente e Portugal, — em horas d'uma insomnia,
uma graça, senhor, — relê a nossa historia!

IV

— A via triumphal de palmas e de ramos
juncai, povos do mundo, ao successor de Pedro! —
Musa, longe d'aqui, longe, o cypreste e o cedro!
— *Pro pontifice* — reza inda um momento, e vamos.

Te Deum laudamus!

O ENTERRO CIVIL

Pater demitte illis!

I

Jesus, que mal fizeste á sociedade,
que te cobre de affrontas e desdens?
tu que ensinaste ao grande a — caridade,
a paciencia ao pobre, o amor ás mãis,
tu que encheste de bens a humanidade,
que nada lhe pediste e nada tens,
que por amor dos filhos teus morreste,
Jesus, que mal fizeste?

D'onde vem esta sanha, este delirio
de preferir a sombra eterna á luz?
de não querer na morte um canto, um cirio,
nem a aureola, sequer, da tua cruz,

que sempre fôra esperança, no martyrio,
d'uma vida melhor, dôce Jesus?
Visionario divino da Montanha,
d'onde vem esta sanha?

O nada! sempre o nada! o nada eterno!
Tantos sonhos de nobres ambições,
tanto espirito lucido, superno,
tanta saudade e amor nos corações
e o nada após!... o tenebroso inferno,
viscoso tremedal de podridões!
infecta, suja, lobrega morada!...
O nada!... sempre o nada!

Quando eu entrei na vida a minha aurora
tinha rosaes na terra e sóes no ceu;
livres, meus pais, criam em Deus, agora
chama-se — *livre-pensador* — o atheu!
E o que depreca e espera e crê e adora?...
Mas, livre-pensador, senhor, sou eu!
e creio n'uma palma promettida
ao despontar na vida.

II

Passando vai na rua o prestito funereo
d'um *livre-pensador*. Do leito ao cemiterio
longe não é! no emtanto a turba dos atheus
quer dar lições ao mundo e escarnecer de Deus.

Por isso, percorrendo os bairros populosos,
e as praças principaes, em giros tortuosos,
Lisboa inteira os vê. Lá vão! Dez homens só!...
— Se ao vêl-os ha quem ria, ha mais quem tenha dó.
A pé, tochas na mão: — bordões de peregrino,
pois que apagadas vão... e escuro é o seu destino.
No centro do cortejo, a pouco e pouco, á mão
crianças erguem sós o gelido caixão.
Crianças! — a innocencia, o germen do futuro!
a aurora a despontar, perdida n'esse escuro
labyrintho do nada; septicismo a sorrir;
escóla que não tem presente nem porvir!...

De violetas, no braço a c'rôa enfia um velho,
e a chave em fita azul.

— Mirai-vos n'este espelho!
nem uma prece, um hymno, um cantico, uma cruz!
Repara bem, Lisboa! Attenta bem, Jesus!
É preciso, é mister que o mundo se resigne
a aprender as lições d'aquelle morto insigne,
que tinha ao velho Deus, um grande, immenso horror,
tendo... tres annos só, — o *livre-pensador!*

Extraordinario atheu!!! que espirito precoce!
que milagre... do nada... ou... fosse do que fosse...

Que lugubre comedia!
(aqui para entre irmãos:
mal escolhido assumpto!)

que sempre fôra esperança, no martyrio,
d'uma vida melhor, dôce Jesus?
Visionario divino da Montanha,
d'onde vem esta sanha?

O nada! sempre o nada! o nada eterno!
Tantos sonhos de nobres ambições,
tanto espirito lucido, superno,
tanta saudade e amor nos corações
e o nada após!... o tenebroso inferno,
viscoso tremedal de podridões!
infecta, suja, lobrega morada!...
O nada!... sempre o nada!

Quando eu entrei na vida a minha aurora
tinha rosaes na terra e sóes no ceu;
livres, meus pais, criam em Deus, agora
chama-se — *livre-pensador* — o atheu!
E o que depreca e espera e crê e adora?...
Mas, livre-pensador, senhor, sou eu!
e creio n'uma palma promettida
ao despontar na vida.

II

Passando vai na rua o prestito funereo
d'um *livre-pensador*. Do leito ao cemiterio
longe não é! no emtanto a turba dos atheus
quer dar lições ao mundo e escarnecer de Deus.

Por isso, percorrendo os bairros populosos,
e as praças principaes, em giros tortuosos,
Lisboa inteira os vê. Lá vão! Dez homens só!...
— Se ao vêl-os ha quem ria, ha mais quem tenha dó.
A pé, tochas na mão: — bordões de peregrino,
pois que apagadas vão... e escuro é o seu destino.
No centro do cortejo, a pouco e pouco, á mão
crianças erguem sós o gelido caixão.
Crianças! — a innocencia, o germen do futuro!
a aurora a despontar, perdida n'esse escuro
labyrintho do nada; septicismo a sorrir;
escóla que não tem presente nem porvir!...

De violetas, no braço a c'rôa enfia um velho,
e a chave em fita azul.

— Mirai-vos n'este espelho!
nem uma prece, um hymno, um cantico, uma cruz!
Repara bem, Lisboa! Attenta bem, Jesus!
É preciso, é mister que o mundo se resigne
a aprender as lições d'aquelle morto insigne,
que tinha ao velho Deus, um grande, immenso horror,
tendo... tres annos só, — o *livre-pensador!*

Extraordinario atheu!!! que espirito precoce!
que milagre... do nada... ou... fosse do que fosse...

Que lugubre comedia!
(aqui para entre irmãos:
mal escolhido assumpto!)

que sempre fôra esperança, no martyrio,
d'uma vida melhor, dôce Jesus?
Visionario divino da Montanha,
d'onde vem esta sanha?

O nada! sempre o nada! o nada eterno!
Tantos sonhos de nobres ambições,
tanto espirito lucido, superno,
tanta saudade e amor nos corações
e o nada após!... o tenebroso inferno,
viscoso tremedal de podridões!
infecta, suja, lobrega morada!...
O nada!... sempre o nada!

Quando eu entrei na vida a minha aurora
tinha rosaes na terra e sóes no ceu;
livres, meus pais, criam em Deus, agora
chama-se — *livre-pensador* — o atheu!
E o que depreca e espera e crê e adora?...
Mas, livre-pensador, senhor, sou eu!
e creio n'uma palma promettida
ao despontar na vida.

II

Passando vai na rua o prestito funereo
d'um *livre-pensador*. Do leito ao cemiterio
longe não é! no emtanto a turba dos atheus
quer dar lições ao mundo e escarnecer de Deus.

Por isso, percorrendo os bairros populosos,
e as praças principaes, em giros tortuosos,
Lisboa inteira os vê. Lá vão! Dez homens só!...
— Se ao vêl-os ha quem ria, ha mais quem tenha dó.
A pé, tochas na mão: — bordões de peregrino,
pois que apagadas vão... e escuro é o seu destino.
No centro do cortejo, a pouco e pouco, á mão
crianças erguem sós o gelido caixão.
Crianças! — a innocencia, o germen do futuro!
a aurora a despontar, perdida n'esse escuro
labyrintho do nada; septicismo a sorrir;
escóla que não tem presente nem porvir!...

De violetas, no braço a c'rôa enfia um velho,
e a chave em fita azul.

— Mirai-vos n'este espelho!
nem uma prece, um hymno, um cantico, uma cruz!
Repara bem, Lisboa! Attenta bem, Jesus!
É preciso, é mister que o mundo se resigne
a aprender as lições d'aquelle morto insigne,
que tinha ao velho Deus, um grande, immenso horror,
tendo... tres annos só, — o *livre-pensador!*

Extraordinario atheu!!! que espirito precoce!
que milagre... do nada... ou... fosse do que fosse...

Que lugubre comedia!
(aqui para entre irmãos:
mal escolhido assumpto!)

que sempre fôra esperança, no martyrio,
d'uma vida melhor, dôce Jesus?
Visionario divino da Montanha,
d'onde vem esta sanha?

O nada! sempre o nada! o nada eterno!
Tantos sonhos de nobres ambições,
tanto espirito lucido, superno,
tanta saudade e amor nos corações
e o nada após!... o tenebroso inferno,
viscoso tremedal de podridões!
infecta, suja, lobrega morada!...
O nada!... sempre o nada!

Quando eu entrei na vida a minha aurora
tinha rosaes na terra e sóes no ceu;
livres, meus pais, criam em Deus, agora
chama-se — *livre-pensador* — o atheu!
E o que depreca e espera e crê e adora?...
Mas, livre-pensador, senhor, sou eu!
e creio n'uma palma promettida
ao despontar na vida.

II

Passando vai na rua o prestito funereo
d'um *livre-pensador*. Do leito ao cemiterio
longe não é! no emtanto a turba dos atheus
quer dar lições ao mundo e escarnecer de Deus.

Por isso, percorrendo os bairros populosos,
e as praças principaes, em giros tortuosos,
Lisboa inteira os vê. Lá vão! Dez homens só!...
— Se ao vêl-os ha quem ria, ha mais quem tenha dó.
A pé, tochas na mão: — bordões de peregrino,
pois que apagadas vão... e escuro é o seu destino.
No centro do cortejo, a pouco e pouco, á mão
crianças erguem sós o gelido caixão.
Crianças! — a innocencia, o germen do futuro!
a aurora a despontar, perdida n'esse escuro
labyrintho do nada; septicismo a sorrir;
escóla que não tem presente nem porvir!...

De violetas, no braço a c'rôa enfia um velho,
e a chave em fita azul.

— Mirai-vos n'este espelho!
nem uma prece, um hymno, um cantico, uma cruz!
Repara bem, Lisboa! Attenta bem, Jesus!
É preciso, é mister que o mundo se resigne
a aprender as lições d'aquelle morto insigne,
que tinha ao velho Deus, um grande, immenso horror,
tendo... tres annos só, — o *livre-pensador!*

Extraordinario atheu!!! que espirito precoce!
que milagre... do nada... ou... fosse do que fosse...

Que lugubre comedia!
(aqui para entre irmãos:
mal escolhido assumpto!)

que sempre fôra esperança, no martyrio,
d'uma vida melhor, dôce Jesus?
Visionario divino da Montanha,
d'onde vem esta sanha?

O nada! sempre o nada! o nada eterno!
Tantos sonhos de nobres ambições,
tanto espirito lucido, superno,
tanta saudade e amor nos corações
e o nada após!... o tenebroso inferno,
viscoso tremedal de podridões!
infecta, suja, lobrega morada!...
O nada!... sempre o nada!

Quando eu entrei na vida a minha aurora
tinha rosaes na terra e sóes no ceu;
livres, meus pais, criam em Deus, agora
chama-se — *livre-pensador* — o atheu!
E o que depreca e espera e crê e adora?...
Mas, livre-pensador, senhor, sou eu!
e creio n'uma palma promettida
ao despontar na vida.

II

Passando vai na rua o prestito funereo
d'um *livre-pensador*. Do leito ao cemiterio
longe não é! no emtanto a turba dos atheus
quer dar lições ao mundo e escarnecer de Deus.

Por isso, percorrendo os bairros populosos,
e as praças principaes, em giros tortuosos,
Lisboa inteira os vê. Lá vão! Dez homens só!...
— Se ao vêl-os ha quem ria, ha mais quem tenha dó.
A pé, tochas na mão: — bordões de peregrino,
pois que apagadas vão... e escuro é o seu destino.
No centro do cortejo, a pouco e pouco, á mão
crianças erguem sós o gelido caixão.
Crianças! — a innocencia, o germen do futuro!
a aurora a despontar, perdida n'esse escuro
labyrintho do nada; septicismo a sorrir;
escóla que não tem presente nem porvir!...

De violetas, no braço a c'rôa enfia um velho,
e a chave em fita azul.

— Mirai-vos n'este espelho!
nem uma prece, um hymno, um cantico, uma cruz!
Repara bem, Lisboa! Attenta bem, Jesus!
É preciso, é mister que o mundo se resigne
a aprender as lições d'aquelle morto insigne,
que tinha ao velho Deus, um grande, immenso horror,
tendo... tres annos só, — o *livre-pensador!*

Extraordinario atheu!!! que espirito precoce!
que milagre... do nada... ou... fosse do que fosse...

Que lugubre comedia!
(aqui para entre irmãos:
mal escolhido assumpto!)

Dizei-me, cidadãos ! : —
o livre-pensador, phenomenal portento
que á campa ides levar, deixou-vos testamento ? !
Mostrando, ao expirar, punho cerrado aos ceus,
excommungou a igreja excommungando a Deus,
e disse : — « Nem um padre, um sacerdote do Erro
(— erro — com letra grande ?) ! eu quero vêr no enterro ! ?
nem biblia ou canto-chão, nem alva, estola ou cruz !
nada que falle em Deus, e menos em Jesus ? »
Disse isto, cidadãos ?... Não respondeis ! Seria
desejo de seus pais ? seus pais que eu conhecia
de os vêr, na lida sempre, ambos a mourejar,
o pai cantando, e a mãi... ás vezes a chorar !
Ella morreu, bem sei ; elle... afogou as dôres
no balsamo lethal dos *livres-pensadores !*...

O que a miseria faz ! triste de quem não tem,
no fundo mar da vida, a estrella : — esposa e mãi !

Apostolos do nada, — aqui á puridade,
foi cara esta lição que dais á humanidade ?
o pai quanto pediu por essa podridão
que ao cemiterio vai, com tal ostentação,
que rescende a miseria, horrores, crueldade,
cumplice : — a fome, a infamia, e a invalida orfandade ?
Da vossa propaganda o cofre quanto deu
para ensinar a terra a provocar o ceu,
comprando ao pobre pai a pobre creatura
em prol da nova seita ou nova escravatura ?

Ousados cidadãos... (Cosmopolis se diz
a terra de que o sois? — Beatissimo paiz!)
Insignes campeões da religião do nada,
é falsa essa comedia e é mal representada!
Se não ha vida eterna, alma, nem ceu, nem Deus,
levais caminho errado, ó candidos atheus!
a fabrica buscai (é perto), aonde recorre,
qualquer dono infeliz de toda a rêz que morre.
— Enterro — *é transacção:* vós sois os radicaes!
fraternisem na morte os restos animaes;
a agricultura o pede, exige-o a sementeira;
um sepulchro buscais?! buscai a montureira.

. . . . . .

E' livre o pensamento e o livre-pensador
pouco tem que pensar, tudo aprendeu de cór!!

. . . . . .

III

Que triste cousa é vêr este universo, — um templo
aberto ao scismador para lição e exemplo,
tapetado a rosaes, illuminado a sóes,
tendo em concerto: — o mar, trovões e rouxinoes,
na cupula, o infinito, — a etherea transparencia,
na terra as mãis: — o amor! e os filhos: — a innocencia!
no instincto a casta fé, na fé o almo candor,
no desalento a esperança: — a luminosa flôr

que ao pé de cada sombra esplende e se illumina;
divino aroma, e luz divina! oh! sim, divina!
e passar n'elle o pobre a escarnecer do ceu!
um misero comparsa a figurar de athéu!
passar contrafazendo a sceptica risada;
vêr e negar o — Deus — para exalçar o — nada! —
Blasphemia sem consciencia, affronta sem paixão!
Oh! cynico epigramma! oh! lugubre irrisão!

IV

Jesus, hostia votada aos mil tormentos,
chamava para si os desvalidos
ignorantes e maus; e taes accentos
havia em sua voz, que, enternecidos,
viam fugir-lhes o odio, os desalentos,
e beijavam-lhe as mãos de commovidos.

Jesus dava lições
nos conselhos, no exemplo, nas acções.

Jesus quasi a expirar, já no calvario,
sentiu o escarneo, a affronta, mais que o crime;
e olhando o ceu, — consolador sacrario,
eterno manancial de amor sublime,
abençoava o povo sanguinario,
torpe, ingrato... (infeliz! e isto o redime!)
dizendo com amor:
— «Elle não sabe o mal que faz, Senhor!» —

CONDE DE PODENTES [1]

Ao digno par do reino, ao Conde de Podentes
envio saudações sentidas, condolentes.

O sitio d'onde escrevo e a data dizem mais
do que um poema inteiro aos velhos liberaes.

— Barra, — S. Julião, — mez triste de setembro,
— 25... Bem vês se te amo se me lembro!
Setembro 25!... A vil ostentação
d'um supplicio mortal! — algoz, fôrca, pregão,
descalço o condemnado, o povo, frades... — feras!
Festa de cannibaes! tripudio de pantheras!
A victima eras tu, ousado liberal;
o circo, — a Praça Nova!... — O Porto! o tão leal!

[1] Torre de S. Julião da Barra, 25 de setembro de 1884.

Nos arminhos de 20 e de 28 ousava
lançar nodoas de sangue a tyrannia!... — A escrava!
Não se macúla a fé! vem responder depois
á noite — 29, a aurora — 32.

— 1820 — a data d'uma gloria.
Em 23... 28... Entenebrece a historia.
O sol da liberdade entrou na serração
e só se encontra horror, sondando a escuridão.

Cruz dos Morouços... Vouga... o aborto d'uma guerra;
Galliza, — o purgatorio; inferno, — a Inglaterra,
com seus Belfast-sphynge e Wellington-traidor;
Terceira... tenue luz; aqui, — longo stertor,
sendo as prisões do Estado os marcos miliarios
onde um rumor de vida attrahe os temerarios
que ousam chegar-se ao pé. Têm carcereiro-algoz
e victimas ás mil: — Almeida, — Extremoz,
— Vizeu, — Elvas, — Belem, — S. Julião...
Recorda
Onde sepulto foste ao estalar da corda!
da fôrca onde, ao caír, vieste baquear!
Longe! — Do Douro ao Tejo. Aqui foi o lugar
escuro, sepulchral, das lentas agonias.
Além, — o vilipendio! aqui, — as gemonias.
E ha quem vos tenha em pouco, ó martyres heroes!
quem desdenhe de vós!...
Poucos e velhos sois;

mas ide procurar esses leões... da prosa,
os bravos menestreis da estrophe desdenhosa
e dizei-lhes que a vós, (contas á vista emfim!)
devem a penna, a imprensa, a prosa e o bandolim!
que pagar ao credor só com desdens e affrontas,
é ser... o que se chama á gente de más contas.
Paga o pobre, se tem um coração leal,
ao menos em respeito, — o juro e o capital.
Que vos deixem morrer e cantem, com franqueza,
n'um dia o «Rei chegou» e no outro a «Marselheza».

Martyres, descançai! virão depois de vós,
os filhos d'esses... taes, vingar os seus avós.
.....
.....

Apostolo do bem, não vês como ia agora
a justa indignação romper de foz-em-fóra?
Perdoa; eu vinha só beijar a tua mão,
tal como a de meu pai; co'a mesma devoção.
Que ao menos no rumor ingrato do presente
escutes uma voz convicta, reverente,
dizer-te:
— N'esta cova onde jazeste, aqui,
anda o teu nobre vulto aureolado. — Eu vi!

E escolho este mau dia, excepcional, maldito...
por vêr-te de casaca, em vez de San-benito.

QUIBERON [1]

(DE VICTOR HUGO)

Pudor inde et miseratio.
TACITO.

I

No seu mesmo furor o Mal se denuncía;
na victoria infernal vê-se o Lusbel proscripto,
o anathema sem fim que o mancha e o segue e o guia,
anda no seu triumpho escripto.

1 Todos conhecem a aleivosia a que se refere esta ode de Victor Hugo, mas nunca é de mais recordal-a.

Sombreuil, nobre, moço e valente, irmão d'aquella Sombreuil que, para salvar seu velho pai da matança de setembro, bebeu uma taça de sangue humano, commandava um corpo de emigrados realistas, em Quiberon. Contra elles commandava o general Hoche, o tão querido da historia liberal. Tomado o forte Ponthievre, os emigrados estavam perdidos. Sombreuil offereceu capitulação. Hoche aceitou, compromettendo-se a salvar a vida de todos os que ficassem prisioneiros, excepto a do seu commandante. Sombreuil offereceu contente a sua vida em resgate dos seus camaradas. Sombreuil foi logo executado, mas os seus camaradas não foram perdoados. Hoche não foi cumplice d'esta aleivosia, mas o joven general não era a republica.

*

Deus, quando nós do céo perdemos a lembrança,
dias nos dá de desesperança,
que parece não findam mais!
dias em que triumpha o crime! — um cataclysmo,
que alumia, sinistro em seus clarões, o abysmo
á luz de raios infernaes.

Poetas do presente a quem as tristes scenas
d'estes dias crueis não foram reveladas,
que chorando ou cantando as merecidas penas
procurais negruras não contadas,
quando da joven França alguem louve a constancia,
a nossa gloria e tolerancia,
fecunda paz d'este viver,
por Deus! ide-vos lêr as paginas da historia,
virtudes inquiri, interrogai a gloria,
achareis crimes a escolher.

Prestai-me a bronzea lyra, ó rigidos cantores,
que eu quero exautorar, sem dó e sem piedade
os algozes que a fama anda a c'roar de flôres,
vingando mortos e orphandade.
Dai-me um momento só que eu vença o Genio impuro,
que os leva impunes ao futuro
e á gloria dos immortaes,
como o grego que fez, as mãos forçando e os dentes,
parar no oceano, — assombro de valentes!
navio solto aos vendavaes.

II

Um dia Quiberon, nas ultimas trincheiras
nobres francezes viu dispostos á matança;
á voz dos generaes abriram-se as fileiras,
o obús fumegante descança.
Um, por salvar os seus, offerece a propria vida.
Aceite a palavra suicida
ninguem a acreditou, ninguem! penhores vãos,
que os soldados, ahi, no meio das fileiras
viram dois generaes, á sombra das bandeiras
darem-se e apertarem-se as mãos.

A phalange fiel as armas lança em terra;
um exercito a escolta e ao contemplar-lhe o porte
o povo chora ao vêr esses titans da guerra
já salvos, emfim, da morte.
Vencidos vão pizando os avoengos prados,
e recebe do rei os soldados
um velho templo de Jesus;
sem padres, sem altar, na devastada egreja,
deseja a pobre gente achar, e em vão deseja,
ao menos restos d'uma cruz.

A prece ergue-se em côro e alli com voz plangente,
ferindo o seio, ao céo imploram de mil modos;
só um d'elles não chora entre a captiva gente!
quem? o que vai morrer por todos.

Sombreuil, — o general, — moço, cheio d'esp'rança.
Do supplicio a hora se avança
e elle saúda-a com fervor.
Da execução é bello o apresto funerario
a quem vai pelos seus morrer, como ao calvario
foi expirar o Salvador.

— «Oh! basta já, lhes diz, de prantos e lamentos!
bravos, vosso resgate evita immensas dôres.
Que lagrimas sem fim, que luctos, que tormentos
se poupam a vossos amores!
Eu quebro, a vós e a mim, cadeias ominosas.
Para vossas mãis e esposas
vivei, amigos, por Deus!
havereis ainda paz e vida e liberdade,
dons que vos não invejo; pois bem: — por caridade
não me invejeis a mim os céos.» —

Marca o tambor sinistro a extrema despedida,
aguarda a escolta-algoz; Sombreuil ergueu-se e foi;
faltou-lhe a heroica irmã para salvar-lhe a vida
e, nobre martyr, fez-se o heroe;
confortando-o com a voz e com o santo exemplo
um bispo banido do templo
o seguiu ao lugar cruel.
Que visse o vencedor, perjuro e refalsado,
morrer, fiel ao rei, impavido um soldado,
e um padre a Deus fiel.

III

Vós por quem foi morrer a hostia expiatoria
bemdizei ao Senhor em hymnos triumphaes!
não quer, quem sóbe ao céo envolto em tanta gloria,
os tristes psalmos funeraes.
Banidos, ides ter direitos de cidade;
captivos, sus! a liberdade
já podeis vêr, além, raiar.
Da proxima alforria entoai os dôces lemas.
Abrir-vos-hão, prisões! ides caír, algemas!
cantai! o exilio vai findar.

Oh, sim, que das prisões nos gonzos range a grade;
ensanguentado, olhai! fluctua um estandarte!
guerreira multidão, clamando — liberdade! —
envolve-o por toda a parte.
E os captivos de crêr que emfim o livramento
Era vindo, n'esse momento,
seguiam o risonho algoz;
e diziam-se: — «Adeus! realisou-se a esp'rança,
tornamo-nos a vêr, livres em nossa França!» —
Oh!... longe! que lá não sereis vós.

Ás internas prisões, onde se reza e chora
chega o terrivel som e a curiosidade lavra!
— ha de ser o pregão da liberdade, agora!
cumpre-se a solemne palavra —

pensaram, sem terror, surpresos, sim, coitados!
pois criam lá os desgraçados,
que houvesse perjuros corações?
aos seus guardas, oh, dôr! chamavam — protectores! —
e levava-os de rojo, a horda dos traidores
sobre cadaveres aos montões.

Succede ao dia a noite e á noite o novo dia;
da cidade através, os credulos proscriptos,
vão para o supplicio, em turmas, á porfia,
espantados sim, mas não afflictos;
narrando cada qual, em divinal delirio,
aos companheiros no martyrio
as penas de quem não tem lar.
Succumbindo sem dôr, sem fausto, sem murmurio,
sentem fosse mister que houvesse um vil perjurio
para algemados os matar.

Como cae a floresta aos golpes do machado,
como ao leão da brenha o caçador furtivo
decepa lentamente, ao vêl-o acorrentado,
via o povo, absorto e confrangido,
da tribu inoffensiva alongar-se a matança,
tendo por testemunha a França
ludibrio de heroes que eram réos.
Tal como outr'ora ao pé de estatuas impuras
viuva mãi lá viu matar, entre torturas,
horror! os sete filhos seus!

. . . . . .
. . . . . .

IV

Contam que vem alli, com fallas magoadas,
ao campo onde a traição prostrou esses valentes,
virgens, rojando crepe, heroes, brandindo espadas,
velhos, curvados e trementes,
todos pedindo ao céo, para os crueis, — clemencia!
perdão para tanta demencia,
olvido para um tal horror.

Entre os velhos bretões que viram tantos crimes
quanta vez o que invoca esses heroes sublimes
martyr não é d'immensa dôr!

LUIZ XVII

(ODE QUINTA DE VICTOR HUGO)

Capet, éveille toi!

I

N'aquelle tempo o céo abriu seus aureos porticos.
Afastados os veus diante do sacrario,
mostrou em plena luz o celestial santuario.
Commovido, o Senhor.
D'anjos vinha escoltada alma innocente e candida:
um formoso menino, um desertor do mundo;
no espavorido olhar, que é supplice e errabundo,
traduz um grande horror!
Olhos da côr do céo, louro, esvaído, pallido,
martyr inda innocente!... Os bemaventurados
saudaram-o ao transpôr, a soes illuminados,
os aditos do amor.

II

E ouviu-se em côro ethereo: — « Anjo, o Senhor te espera;
seu seio é luz e amor e eterna primavera;
vai aos seus braços, vai!
E vós, a quem de Deus cabe entoar louvores:
archanjos, seraphins, celicos trovadores,
curvai-vos, — é um rei! — um martyr é, — cantai! »

— « Rei?! onde reinei eu? — com susto, inda, inquiria;
— não! não!! sou prisioneiro! engano! eu não sou rei!
inda hontem eu dormi no horror d'uma enxovia.
Onde fui rei? meu Deus! dizei-m'o, que eu não sei.
Entre horrores, meu pai, Senhor, perdeu a vida,
e o miserrimo eu sou... eu fui, dos filhos teus!
orfão, vim procurar a minha mãi querida
que, em sonhos, vi nos céos. »

E o côro respondeu: — « A tua dôr acalma!
ao povo impio, Deus foi resgatar tua alma;
povo que parte a cruz e rasga as sacras leis!
onde voraz, sedento, em seu furor de excidio
incansavel, monstruoso o tigre — Regicidio
as campas quebra e fossa a procurar mais reis! »

— « Que? pois da minha vida... immensa! estou remido?
todos os males meus foram? não voltam mais?
não vem um carcereiro ao leito desprovido
acordar-me já... logo... hoje... ámanhã... jámais?!

captivo, a Deus pedi que me encurtasse o praso
do meu cruel flagicio! e ouviu-me Deus aqui?
baixinho que eu rezei, ouviu-me!? e fui, acaso,
tão feliz que morri?

«Porque vós não sabeis qual a miseria minha!
martyrios a crescer em crebros escarceus!
depois, quando eu bradava, a minha mãi não vinha
cantar á minha dôr, sorrir aos prantos meus!

«D'incessante castigo agonisante victima,
haste esgalhada ao tronco e o tronco extincto, alli!
prôscripto e sem saber quaes os delictos horridos
que, inda no berço, commetti!

«E comtudo, escutai! longe, em minha memoria,
reminiscencias ha d'um tempo mais feliz;
nos sonhos meus havia aureos clarões de gloria;
contente e a saudar-me, um povo... o meu paiz!...
E tudo se perdeu! a paz trocou-se em guerra,
o destino que eu vira escripto em minha fé
fugiu! Debil creança achei-me só na terra,
tendo inimigos, eu!!... porquê?... não sei porquê!...

«E lançaram-me vivo em carcere funerio!
meus olhos a chorar não viram mais o sol!
vós, sim, ó meus irmãos, entraveis no mysterio
dos tristes sonhos meus e ereis-lhe um arrebol.

«Macularam-me a vida, algozes crudelissimos!
porém os maus, senhor, miseros sempre são;
como elles não sejais vós, surdo ás minhas supplicas
porque eu venho, meu Deus, pedir o seu perdão.»

E os anjos de cantar: — «És no teu reino: alegra-te!
d'astros vamos c'roar a tua fronte pura;
e azas de cherubim te vamos dar tambem.
Iremos consolar toda a creança em lagrimas;
ao orfão miserando iremos dar ventura!
Irmão formoso, vem!»

III

Eis subito uma voz d'accentos mais profundos
o côro fez cessar; houve um silencio após;
e nos confins do céo pararam soes e mundos
a escutar aquella voz:

— «Rei, das grandezas longe eu te guardei, meu filho;
se preso em teus grilhões, fugiste ao regio brilho,
a desgraça bemdiz!
Não conheces dos reis a escravidão suprema;
tua fronte não tem feridas do diadema;
teus pulsos têm vergões? és, inda assim, feliz.

« Creança, attenta bem: se exanime, indefeso,
caíste, ensanguentado e morto, sob o peso
da tua enorme cruz,
tambem meu filho, rei de espinhos coroado,
com sceptro vil nas mãos, morreu vilipendiado!
Chamava-se Jesus. »

ESPARTA

O Dieu! leur Liberté c'était un monstre immense,
Se nommant VÉRITÉ *parce qu'il était nu,*
Balbutiant les cris de l'aveugle démence,
Et l'aveu du vice ingenu!
.....
Mêlant les lois de Sparte aux fêtes de Sodome,
Dans tous les attentats cherchant tous les fléaux,
Par le néant de l'ame il croyait grandir l'homme
Et réveillait le vieux chaos.

VICTOR HUGO.

A patria dos heroes, altiva, independente,
a sobria, a dura e casta, indomita, valente
princeza da Laconia, era, por suas leis,
republica... viril: — escravos tinha, e reis.
Lycurgo sobrepunha a cidadã fereza
ás leis da humanidade e ás leis da natureza.

Diogenes, — o sujo, a vêr o povo heroe
um dia se dispõe. Toma o bordão e foi.
Quando voltou dizia, — o cynico, insolente!
— «Ora encontrei no mundo a terra que tem gente!» —

Que farto, ubero seio, em leite a transbordar
de vida mananciaes! que força a rebrilhar
na mulher varonil de Esparta, — a tão modesta,
que jantava em commun pão negro, em riso, e em festa!
Alli o homem de ferro, o gymnasta, o cantor...
e o *servo* familiar, — o cão do seu senhor!...
Os campos em commun; e o pão que n'elles brota
regado pelo suor de mais um *servo:* — o *illota;*
que não se vai jámais sujar patricia mão
tomando o sacho, a aiveca, a enxada, o alvião.
O *illota* é o da gleba, — o escravo descontente;
o duplo rei o sabe, o senador o sente.
Na *ecclesia* derradeira um grito e algum rumor,
aos nobres (mau signal!) causou pasmo e rubor;
nos *Ephoros* se viu um rir que ninguem sonda!
e uivaram cães de Esparta!...
É mysteriosa a onda
e aspira a tempestade!...

Ora! quem pensa em mal?
ha festas de primor na cidade — arraial.
O persa escarmentado anda pelo oriente
a preparar de novo um golpe armipotente.
Lacedemonia aguarda, em bailes e a cantar,
o mar que ascende e sobe, ao longe a rebramar.

Canta a velhice em côro, em côro a mocidade,
em côro a gente feita; cada um por sua idade.
— *Prudencia,* — diz do ancião, voz tremula e senil;
— *Guerra,* — a viril idade; — *Esp'rança,* — a juvenil;

e em côro Esparta applaude. Após, pyrricas danças;
e os *bailetes* de guerra: — elmos, broquéis e lanças;
a espéra, a arremettida, o bellico estridor!
a batalha cruel... victoria! o grã clamor!
Segue a dança do amor: das convisinhas ruas
vem os mancebos nús, vem as donzellas nuas...
Que?!... se ao esteril leito o proprio esposo vai
buscar quem lh'o fecunde!
A infamia é não ser pai!...
Ousasse-o alguem lançar em rosto á gran-republica!!
— « *Cobria essa nudez a honestidade publica* »,
vos bradarão da historia, os echos, no porvir.
Poupai-vos a desdens, deixai-vos de sorrir,
que a gloria cada dia a inflora, e se illumina!
— Thermopylas, Plateia, e Chypre, e Salamina,
Hellesponto, Bysancio, Corynthо!... que padrões
para attestar a gloria a um povo de varões!

Núa dançou na praça, Hellena, a mór beldade;
núa era a arte grega e núa a divindade.
A nudez é pagã: nú se pintava Amor;
por isso o Olympo ardia e Fauno... era esculptor.

N'essa casta nudez exulta, mocidade!
e que a guerreira frauta estruja a gran-cidade!
as luctas, a quadriga, as danças e as canções
são feitos mui viris. Formai-vos, corações!

.....
.....

*

Já desce a noite negra. A egregia mocidade
nas praças se congrega. Arfar de tempestade
arqueja na atmosphera. A lua já desceu;
o escuro mais profundo esconde a terra e o céo.
Só do *Taygito* o vulto enorme, debruçado
escuta do horisonte. O rio, a encosta, o prado
cantam da noite o hymno; alterna a viração
tem crepitar de chamma e anciar de vibração.
Oh! como armada vai a turba que perpassa!
ou seja em trom de guerra ou seja em trem de caça!...

Montaria ha de ser; lá vão de Esparta os cães,
que a historia ha de guardar.
Dormi, ó pais e mãis.
Tremei, feras do monte, ahi vai a herculea gente
que nos campos se alastra, ampla, caudal torrente.

.....

Os que hão de ser leões lá vão, como seus pais,
banhar-se em sangue!... horror!... baptismo de chacaes!

.....

Não vejas a hecatombe, augusta liberdade!
de Esparta a esp'rança, a flôr, deshonra a humanidade!
O campo é tinto em sangue! espadas, rosto e mãos!...
cadaveres aos mil... meninos!... anciãos!...
mulheres!... Que foi isto, heroes de Salamina?!
Tudo disperso jaz na pavida campina!

Da *ecclesia* é pois vingado o insolito rumor.
Dos *Ephoros* o rir, dos nobres o rubor
eram fatal sentença!!... Illotas esvaídos,
encontrou-vos a morte, inermes e dormidos!!

.....

Nas festas de Dahomey, o feroz negro, aos mil
manda decapitar, da sua grey servil,
dos *bailetes* após, de Hellenas africanas;
e chama a este horror — *as festas espartanas!* —
Tambem se é sobrio alli e forte e... Que dizer?
é facil protestar, difficil responder.
Tambem a invalidez se lança no monturo;
differe em que é de dia o que era, além, no escuro.

.....

Acaso julgais vós que a liberdade quer
espelhos só de sangue em que se possa vêr?...

.....

— *Republica!* — Esta voz de tradições tão farta
lembra-nos sempre a Grecia e ainda na Grecia Esparta.
Sonha-se: — um anjo bom, de risos fraternaes;
assumpto singular de cantos immortaes;
anceio do opprimido, esp'rança da orfandade;
com labios de justiça, e mãos de caridade.

— *Liberdade:* — alforria; almo pregão de paz
nos antros onde o escravo acorrentado jaz.
— *Egualdade:* — planura em meio da agra via
onde sobe a humildade e baixa a soberbia:
— *Fraternidade:* — o abraço onde prender-se vai
inteira a humanidade: a filha d'um só pai.
— *Republica,* eis-aqui teus motes e devisa.
Esperas ainda acaso o advento, prophetisa?
Liberdade, igualdade e santo amor de irmão;
sacrario da trindade: — o altar do coração!...
sonhos de santo amor, que por não serem novos
sem republica, vão realizando os povos.

Se nos fallais de guerra, Esparta póde dar
de gloria exemplos mil. Podeis ahi ficar.
Se buscais liberdade e andais em prophecias,
sois como o povo hebreu que espera inda o Messias,
que ha dois mil annos, quasi, o christianismo achou.
Mas se da insania o vento os olhos vos cegou,
palpai-vos, escutai! — dize-lhes tu, consciencia,
que a propria negativa é a prova da existencia
d'ella, — que existe, esplende, impera em todos nós.

Os sonhos editais dos nossos bisavós,
quando pedis em grita o que vos sóbra em casa.

Peitos a quem o amor da liberdade abrasa,
ouvi-me este segredo e ninguem ouça mais:
— Deixai-me o que é já meu; dou-vos o que me dais.—

EM CONTINENCIA [1]

E julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo Rei se de tal gente.
CAMÕES — *Lusiadas.*

Com profundo respeito e reverencia!
venho tambem á lusitana festa;
veterano que passa em continencia
ante uma gloria mais que ao mundo attesta,
que, se póde enlutar-se uma eminencia
e ficar algum tempo muda e mesta,
a nuvem passa e do Sinai no cume
se reaccendem fanais de vivo lume.

Se após muito lidar, muita batalha,
muito instruir, muito guiar o mundo,
se encosta a descançar o que trabalha,
nem é lethargo o somno seu profundo,

[1] Versos recitados pelo actor Brazão no *festival* que a imprensa offereceu a Capello e Ivens, no theatro de D. Maria II.

nem os loureis que o cobrem são mortalha!
Se dos fructos do seu labor fecundo
o querem desposar ignaros povos,
ergue-se e vinga-se em prodigios novos.

Que quer dizer o excepcional carinho
com que a nação acclama e condecora
estes dois, ao volver ao patrio ninho,
honra não feita aos seus irmãos d'outr'ora?
Ella, alheia a expansões e ao borborinho
facil d'outras nações, febril agora!
é que são, na tormenta, com que arrosta
— uma gloria, um protesto, — uma resposta.

Resposta a quem? a uma invejosa imprensa
— estrangeira, por Deus! muito estrangeira! —
que attenua o amargor de cada offensa,
(de que a mais torpe é sempre a derradeira),
no demonstrar uma ignorancia immensa;
resposta a alguma voz ingrata e arteira
que insinua, que mata, inunda e assola
mas acaba por fim pedindo esmola.

Ás insidias d'algum omnipotente;
ás ingratidões, vis, do mundo inteiro
que, forte, póde ser rico e potente,
mas não poderá nunca ser primeiro,

emquanto houver, nas ribas do occidente,
este pequeno povo aventureiro
que inda longinquos povos senhoreia
e escreveu, por historia, uma epopeia.

Honra ao passado, ó crentes do futuro!
gloria ao futuro! esteios do presente!
ergueu-se a nuvem, dissipou-se o escuro!
eis redivivo o lume refulgente.
Ante este preito coloroso e puro
eu passo em continencia reverente.
Pois que protesto sois, lição e gloria
que a epopeia registe, — e siga a historia.

31 DE DEZEMBRO [1]

AO DAR DA MEIA NOITE

AO MEU AMIGO FRANCISCO GOMES DE AMORIM

(De *J. Siagre* — Traducção livre)

Dá meia noite e após... mais nada! o anno é morto;
a ultima hora já soou;
do tempo a onda o achou do nada sobre o porto
e ao mar do passado o arrastou.

Assim a vida passa. O tenue sopro ethereo
do nosso ephemero existir
sae d'um mysterio: — o berço, e cae n'outro mysterio:
— a campa! — abysmo de porvir.

[1] Vendo manuscriptos estes versos d'um poeta belga, e tão distincto, como o attesta o trecho de poesia que damos aos leitores, pedimos ao nosso bom amigo e illustre confrade Gomes de Amorim, a quem poeta os consagrou, permissão para os traduzir. Agradecemos a sua condescendencia e pedimos desculpa ao esmerado poeta da apresentação que dos seus versos fazemos ás letras portuguezas.

Sondar o grande enygma, em vão a intelligencia
o intenta e lucta! — esforços vãos.
de que ri uma estranha altissima potencia
que nos tomou em suas mãos.

Pretendel-a sondar é tentativa insana,
curve-se ante ella a nossa fé
que nunca ha de saber a intelligencia humana
porque se vive e para quê!

Viver é seguir sempre a voz que chama, e guia
os corações, a seu prazer;
sem orgulho gozar, soffrer sem cobardia,
olhar a morte sem tremer.

Viver é emfim amar; á inextinguivel chamma
nada se póde contrapôr;
sente-se vida emquanto se ama
e morre-se no instante em que se perde o amor.

ANTIPODAS

Sob as copadas arvores olympicas
dos elysios jardins, o sol radiante
via surgir, d'um leito d'ouro e purpura,
Camões, Virgilio, Homero, Tasso e Dante.

Embebidos no celico espectaculo
não viram que os buscava, entre as ramadas,
um forasteiro audaz, de rosto ironico:
— « Bom dia, ó vós das frontes laureadas!

lhes disse: — vates sois de tubas epicas;
eu sei os vossos nomes. Com que espanto
vos li... (tinha ainda fé!) os nobres canticos!... »
— « Tu és?... » — « O mutilado de Lepanto. »

— « Cervantes ! » — « Sim, Camões, o vosso antipoda.
Quando soube que Homero foi mendigo,
proscripto o Dante, e o Tasso em negro carcere
ia morrendo louco, e tu, amigo !

tu, cuja patria eu via, ingrata e misera !
teu brio aos pés calcar, pária indefeso !
vinguei-vos com o meu riso acerbo e sceptico
e cuspi n'esse mundo o meu desprezo !

Matei-vos em Quixote, almas phantasticas !
e para completar minha vingança
a humanidade retratei n'um symbolo
truão, covarde e egoista, — em Sancho Pança.

Só Virgilio, feliz entre os miserrimos,
não soube o que era fome ! » — « Á sua historia
faltou a sagração dos grandes martyres !
Roubou-lhe a sorte esse florão á gloria.

Perdoemos, Cervantes, aos anonymos
que nos quizeram mal ; são similhantes
a terra e a humanidade ; gastam seculos
de gestação, — a gloria e os diamantes. »

AS VIRGENS DE VERDUN [1]

(DE VICTOR HUGO)

Le prêtre portera l'étole blanche et noire,
Lorsque les saints flambeaux pour vous s'allumeront,
Et de leurs longs cheveux voilant leurs fronts d'ivoire
les jeunes filles pleureront.

A. GIRAUD.

I

A que me trazeis vós a minha lyra?
espectros! que buscais?
fatuas fórmas, o rir que em vós se ostenta
será, se a minha mente não delira,
o crebro fusilar d'uma tormenta?
signal d'odios mortaes?

[1] Não será inutil para melhor se apreciar esta ode de Victor Hugo, recordar aos nossos leitores que o poeta se refere a uma das sentenças mais crueis do *tribunal revolucionario,* de ensanguentada memoria. Havia em França um grande partido realista, que a todo o custo pretendia libertar o rei, e a familia real, da sorte cruel de que afinal foi victima. Quando o exercito do rei da Prussia entrou na cidade de Verdun e com elle emigrados francezes que voltavam á patria em nome da libertação do rei, *a quem haviam prestado juramento de fidelidade,* o que

Porque sobre essas charpas tão vistosas
crepes, desceis em ondas luctuosas?
porque, sobre festões,
se ostentam enroscados
insultantes grilhões,
e esses lyrios de sangue estão manchados?

Fugi! deixai-me! entrai nos vossos tumulos!...
Mostrais-me estes esquifes? de quem são?
Eis o carro fatal, prenhe de victimas
e andrajoso carrasco, — A multidão!
Ouço os cantos da morte e os d'um festim!
Esse carro parou! não quero vêl-o!
Desce o ferro! Correi! ide sustêl-o!
Cae sangue!... e é sobre mim?

Porque affligir minha alma dolorida?
sou innocente do attentado atroz;
deixai-me pois, ó miseras creanças;
minha mãi só me deu á luz da vida
após os dias das crueis vinganças.
Que mais quereis de mim? — chorei por vós.

ainda n'esse tempo era respeitado e respeitavel, o partido realista em Verdun recebeu-os com festas e distribuiu soccorros aos seus compatriotas. Coroadas de flôres e por ordem de seus pais, assistiram á festa e offereceram esses fataes soccorros as meninas das principaes familias d'aquella cidade. Isto as fez condemnar pelo tribunal da morte. O carro funebre que as levou ao supplicio todas vestidas de branco, parecia um açafate de lyrios, diz Lamartine. D'ellas a mais velha não contava ainda 18 annos.

Louras sombras que rindo assim me olhais,
tenho eu culpa dos crimes de meus pais?
Da minha lyra tremula
quereis a elegia das saudades,
que dos algozes leve ás almas lugubres,
errantes na região das tempestades,
cortejo de remorsos infernaes?

II

Em lugubre recinto,
cercado de sangrentas sentinellas
sentenceia o medonho tribunal.
Ergue-se o accusador; tremem-lhe os labios
n'um sorriso fatal.
É Tainville — o cruel; da patria em nome
incita, á hecatombe de infelizes,
assassinos ferozes,
que muita vez carrascos são juizes
como os juizes, quasi sempre, algozes.
Sente de sangue insaciavel sêde
e compraz-se nas ancias da agonia
aquella alma ferina,
que designa ao ceifar da guilhotina
a seara feraz de cada dia.

Designa, e os seus lictores obedientes,
pelas portas de ferro escancaradas,
lhe trazem arrastadas
ás pobres rezes, pallidas, trementes.

As virgens de Verdun, entre os soldados
sobem, cheias de graça e de pudor;
o povo, abrindo aos lados,
contempla silencioso e reverente,
aquelle grupo angelico, innocente,
e chora! Ó luz do amor
na consciencia do escravo! alvor sublime
da virtude que, ao menos uma vez,
se repousa, n'aquella candidez,
do cançaço lethal de tanto crime!

Porque ao entrar d'aquellas formosuras,
avergadas ao peso dos grilhões,
não caistes, abobadas escuras,
muros d'aquelle inferno das prisões,
restituindo os monstros da matança
aos antros infernaes, d'onde surdiram?
Os teus guerreiros, França,
onde estavam, que não lhes acudiram?
Nas fronteiras, ganhando tanta gloria,
que escondiam no louro festival
os que lhes deshonravam a victoria.
No mesmo dia, ó traiçoeira sorte!
Moreau subia ao carro triumphal
e outro carro levou seu pai á morte!

Ante a irrupção das legiões do norte,
adornando com louros os cyprestes

que d'hora a hora semeava a morte,
os generaes francezes,
cobrindo bravamente os seus revezes,
vinham sobre Paris a passo e passo.
Frederico a Verdun se dirigia,
a reparar das pugnas o cançaço;
Verdun, primeira praça que vigia
o norte, dos confins da patria oppressa.
Verdun viu n'elle um rei libertador;
e, embora o trovejar d'horriveis leis,
toda em galas, velhice, mocidade,
mandou abrir as portas da cidade
ao vingador dos reis.

Então por vossas mãos, (e eis vosso crime!)
adornastes de flôres
as armas dos estranhos vencedores!
imprudencia fatal que se não rime!
Debaixo dos festões, tristes creanças,
vos espreitava o gladio das vinganças.
Outro crime ajuntastes, imprudentes!
No exercito invasor vinha a cohorte
de irmãos vossos, feridos, indigentes,
inda mal firmes, affrontando a morte.
Vós chorastes as suas desventuras
e foste'-os soccorrer a plenas mãos!
Podieis crêr, ingenuas creaturas,
que houvesse crime em acudir a irmãos?

*

Pois esta nobre e fraternal piedade
terá pena de morte!... E talvez não!
O fero accusador
fica hesitante, ancioso,
ante lindeza tal e tal pudor,
e sente a ferocissima paixão
d'um desejo brutal e vergonhoso.
Occultando o fraterno beneficio,
(e depende de vós),
arrancadas sereis ao vil supplicio!...
Clemencia d'um algoz!
Julga que o medo vos abate os brios.
Accedei aos seus torpes desvarios,
bem vêdes que o favor deve ser pago!
(perverso coração, como te illudes!)
degradai-vos e o infame areopago
concorda em perdoar vossas virtudes.

Dizei-me, virgens timidas,
quem deu tão nobre orgulho a olhar tão nobre?
quem vos fez rebentar dos olhos tumidos
pranto, que o rubor mesmo inunda e cobre?
D'essa coragem vejo
que, embora o accusador não insultasse
vossa casta isenção e nobre pejo,
nem mesmo em meio aos tratos mais crueis
negarieis, jamais, o acto sublime
de soccorrer vossos irmãos fieis!
que é honra confessar tão nobre crime.

Dão sentença de morte, esses malditos
sacerdotes sangrentos do terror.
Do povo, se o receio abafa os gritos,
um murmurio attesta o immenso horror!
voltai lindas creanças á prisão,
algumas horas mais; rezai sem medo
e sem remorso. Esses cabellos d'ouro,
de vossos pais enlevo e seu thesouro,
deixai cortar. Quando por sua mão
vossas mãis, — pobres mãis! — lhes punham flôres,
e se orgulhavam de vos vêr formosas,
não viram, não!... ludibrio da má sorte!
que enlaçados e occultos entre as rosas
iam goivos da morte.

Momentos mais e ás vossas frontes puras
anjos darão immarceciveis flôres;
hymnos de festa ao soluçar das dôres
vão succeder, celestes creaturas.
Vereis em torno a vós, na eterna aurora,
Carlota, outra Judith predestinada,
— a vossa antecipada vingadora; —
e Cazotte, e Izabel, — a mallograda,
e Sombreuil, que inda treme, inda descora
ao recordar o sangue que bebera
da taça que um carrasco ebrio lhe dera.
Martyres cujo incenso apraz nos ceus,
ao grande martyr — Deus.

III

Fórmas d'inquieta luz, fatuas, errantes,
ostentam-se aos meus olhos espantados!
os espectros desdobram fluctuantes
longos sudarios vis, ensanguentados,
Tumulos, carro, guilhotina funebre,
na treva immensa entraram,
na funda noite dos volvidos seculos.
Levou-me as virgens a nascente aurora.
A lyra que os espectros me entregaram
não canta já... e inda a minha alma chora!!

A «MARSELHEZA»

Fui hoje á feira, ao sitio idyllico e historico
que ao pé da capital d'este paiz rhetorico,
politico, feliz! guarda recordações
da critica mordaz do velho de Camões;
a columna da infamia, um templo manuelino,
um claustro-monumento, aborto do destino,
memorias de Pombal... um mundo que passou
desde os galeões do Gama até ao «Rei chegou.»

O largo do Restello era brilhante e guapo,
com barracões de lona e manequins de trapo;
com secias e tafues a simular paixões,
com bilhas de avental, patrulhas e pregões;
nuvens de pó, clarins e figles e tambores,
creanças a gritar, e uns graves maçadores

que fingem abstracções olhando o mar e o céo
e fisgam o primeiro incauto e é servo seu!
Luzes de fumarada espessa e nauseabunda
e aromas de petroleo, e vaza em maré funda;
muitas joias de vidro, um *restaurant-café,*
um realejo, um gigante, um urso, um chimpanzé;
n'um cosmorama o Egypto e n'elle... o diabo a quatro;
um saltimbanco... e alli, um templo da arte, um theatro!!
um theatro de feira, um pandemonium atroz!

. . . . . .

Sêres de grenha hirsuta e caras de esquimós,
com bonnet phrygio á banda e braços arqueados,
cantam a «Marselheza»; e o povo erguido e em brados,
de punho ameaçador, delira na ovação...
inconsciente, coitado! Ouçamos a canção:

«Sus! filhos da patria que o dia
«da grande gloria despontou!
«já contra nós a tyrannia
«sangrento pendão desfraldou!

«Ouvis seus mugidos ferozes?
«ouvis além? ao nosso lar,
«aos nossos braços! vem matar
«esposa e filhos!! os algozes!!

«Ás armas, cidadãos! formai legiões, soldados!
ávante! e um sangue impuro inunde os nossos prados!!»

. . . . . .

E este é o hymno da republica?
voz de fé, de amor, de esp'rança?
pregão fraterno, que a França
manda a todas as nações?
Isto! um clamor de energumenos,
estranho aos nossos destinos!!...
E é este o hymno dos hymnos!
este o esplendor das canções!

Isto applaude e canta, em jubilos,
tanta pobre gente ignara,
que não sabe o que cantára
nas rimas da estranha voz!
E tem Portugal apostolos
que espalham este veneno,
uns com o ar do Nazareno,
outros com o riso do algoz!

Dizei-me, insontes republicos:
onde se ostenta, em que parte,
o ensanguentado estandarte
que a tyrannia arvorou?
onde tremúla essa flammula?
oh! mostrai-m'a, eu sei-lhe a historia!
e — *rompa o dia da gloria!*
e onde vós fôrdes, eu vou.

Onde *muge* a horda turbida
que á voz dos tyrannos ousa
matar-nos filhos e esposa,
mesmo dentro em nosso lar?
onde formigam as tetricas
phalanges da tyrannia?...
Ó dia da gloria, ó dia!
inda bem que *vais raiar!!*

Pois el-rei, o benemerito,
proclamado — bom, humano,
liberal, artista, lhano,
do povo amigo e seu pai,
manda hostes de janizaros,
mugindo! bravos novilhos!
matar-nos mulher e filhos...
E elle onde está? onde vai?

Commanda as hostes, o Attila
d'este jardim do occidente?
ou, Carlos IX inclemente,
desfecha o regio arcabuz?!...
El-rei transformado em despota!!...
Carrasco nervoso ou frio,
é demasiado sombrio
em paiz de tanta luz.

E a rainha! aquella esplendida
senhora das nossas almas,
Ella é que entretece as palmas
e os louros para esses taes?
Essas mãos plenas de dadivas
e bençãos, puderam ellas
bordar diademas de estrellas
no pendão dos cannibaes?

Beijai-lhe hoje as mãos sacrilegas!
chamai-lhe: — *Mãi da orphandade*
e — *Anjo bom da Caridade*
e... Que desengano, ó Deus!...
Sorri de amor a esses principes
que aprendem dos pais protervos
a chamar ao povo — servos! —
e a *matar-lhe os filhos seus!*

Quem prevêr pudéra o intimo
sentir dos reis!... Ó cantores
da «Marselheza», os traidores
que *mugem* vêdes e ouvis?
O tyranno hasteando o lábaro?
das hostes o impio cortejo?...
Pois eu nem ouço, nem vejo!
e vós... perdoai! mentis!!

Mentis, não! errais. Sois victimas
de quem vos quer vêr ferozes,
e com hypocritas vozes
vos mata a esperança e a fé.
Essas estrophes decrepitas
respiram odios, vingança!...
Ó povo! eterna creança!
contra quem, e contra quê?

. . . . . .

Serviu em dois espectaculos
o vosso canto guerreiro,
que importastes do estrangeiro
por affronta aos nacionaes.
Quem vos ensinou a musica
podia lêr-vos a historia;
foi, nas batalhas, — á gloria;
foi, na hecatombe, — aos punhaes.

Rouget compunha esses canticos
quando da Gallia as fronteiras
entravam nações inteiras;
foi então e foi alli.
Cantava-os quando, na vespera
de cem gloriosas batalhas,
em Strasburgo, das muralhas,
via Coblentz e Valmy.

Quando da Europa as innumeras
phalanges, de toda a parte
tinham por alvo o estandarte
da França indomavel, só!
em côro unisono, o exercito
entoava o heroico brado,
e o mundo, a seus pés prostrado,
mordia o sanguineo pó.

Era uma epopeia homerica
lançada em rhythmos violentos,
na lucta d'um contra centos,
de convictos contra heroes.
Das margens do Ebro ao Vistula,
do Rheno ao Pó, mais se ouvia
que o troar da artilheria,
a «Marselheza»!... E depois?

Depois cantava-a nos carceres,
em morticinios ferozes,
a multidão dos algozes,
de incendiarios e ladrões!
Catadupas de cadaveres
inundavam, fumegantes,
Lyon, Bordeus, Paris, Nantes,
ao som do hymno de leões.

Que pois quer dizer, emeritos
cantores da «Marselheza»,
esse ardor, essa crueza,
essa febre, esse furor?
com vossos ares olympicos
que imaginais ser? soldados?
ou, de punhaes e machados,
heroes de um novo *terror?*...

Cuidado porém, que as lugubres
convulsões das tempestades,
e o ruir das sociedades,
dão Marats e dão Simons;
e após de Luiz — o *ultimo,*
chega a vez aos girondinos,
e, ainda ao som dos mesmos hymnos,
aos Robespierre, e aos Dantons.

. . . . . .

Oh! longe, longe! estas perfidas
visões de sonhos malditos!
aos escravos! aos precitos!
que não a nós!... E eu sonhei!...
Aqui já não ha patibulos,
nem guilhotina se fórma,
onde a caridade é norma,
onde a liberdade é lei.

Sonhai-vos em Roma? em Genova?
aqui não ha gemonias;
em Sparta? nas montarias,
sendo ilotas? sonhais mal;
julgais o Tejo Adriatico?
mas não estamos em Veneza!
esta terra é portugueza;
este reino é Portugal.

Aqui não ha crimes horridos,
nem quem os cante e acompanhe,
que os *Jehu* e as Théroigne
são gente d'outras nações.
Odios, se os ha, são ephemeros;
que em peitos leaes e bravos,
se crueis são os aggravos,
são grandes os corações.

Aqui o viver é limpido;
e, como as aguas luzentes,
são as paixões transparentes,
sonhos e ambições tambem.
Limpámos de nossos codigos
do sangue a nodoa infamante...
Que povo nos vai adiante
na via-sacra do bem?

. . . . . .

Quereis vós um brado unanime?
juremos que: — se algum dia
as hostes da tyrannia
nos vierem affrontar
patria ou liberdade, — impavidos
venceremos como nobres,
ou, entre incendios e dobres,
morreremos a cantar:

— «Ás armas, cidadãos! formai legiões, soldados!
«ávante! e um sangue impuro inunde os nossos prados.» —

PRO TEMPORE

Á SAGRADA CONGREGAÇÃO DE «PROPAGANDA FIDE»

Jerusalem! Jerusalem!...
JEREMIAS.

I

Quando o oriente deixei: — jardins e tumulos! —
em Roma visitar quiz as cem Romas
que se erguem, dia a dia, ao bater magico
de vara de condão.
Eu vinha de Elephanta e das Pyramides,
fatigado de Brahmas e Mafomas;
vinha buscar, no pantheon catholico,
o Deus da redempção.

II

Que reliquias de mundos! desde Romulo,
e o seu burgo, ao throno de Saboya!
Berço, perdido em noites mythologicas;
sceptro, encontrado nos pragaes de Troya.

O berço a acalentar d'esta grandeza,
— uma nympha e uma loba: — a paz e a guerra —
Romulo e Numa! inicio augusto! — um symbolo
que diz: — tomando e cultivando a terra
se conquista poder, gloria e riqueza.

III

Dos reis nasce a republica e egregios consules,
ardendo em febre de triumphos novos,
signas levando e impondo aos velhos povos,
costumes dando e leis, a cada um,
e podendo inscrever, por gloria maxima,
nos seus pendões, em motes soberanos,
em honra da nação,
o: — *Senatus populusque romanus,*
em honra do orgulhoso cidadão.
mais do que um rei: — *Civis romanus sum.*

IV

Immensa guerra, immenso triumphar!
Uma nação repleta de nações,
refluindo em caudaes de legiões!
enormissima absorpção a transbordar.

Depois a negra sanha dos triumviros
se esfuma e se condensa. Bruto e Cassio
caem na prêza adunca dos leões.

Adivinha-se a mão dos torvos Cezares
na lei das proscripções
e no tingir das tunicas, na purpura
do sangue em ondas, que inundava o Lacio.

V

N'esta desgraça immensa o christianismo
tinha já invadido as catacumbas
e ia armando o seu ninho sobre o abysmo
e erguendo o seu sacrario sobre as tumbas.

Entram na arena-circo, a fé e os martyres.
A humilde catechese
busca o tegurio e a tenda: — povo e *castra;*
fonte serena e dôce que se alastra,
mansa, attrahente, rumorosa e limpida!
Um tremulo d'amor n'uma exegese
divina! paternal!
suavizando a miseria, as dôres sevas
do escravo, do opprimido. Almo conforto
em arido pragal.
Um raio de luar abrindo as trevas
e ao nauta, entre bulcões, mostrando um porto.

E segue e se avoluma; arroio agora
serpeia e se aproxima ao templo, ao solio:
que d'esse povo requeimado em vicios,
da arena e do prostibulo ao capitolio,

706662

só ella mata a sêde abrasadora;
só ella corre affoita entre os flagicios
e lava o sangue, e as lagrimas da dôr!
só ella é redemptora,
só ella — manancial de puro amor.

E assim batalha, inerme, e assim conquista,
a fé christã, — Victoria nunca vista! —
a Roma, emfim vencida, e o vencedor.

VI

Agora vou poupar lições de historia
e esta em que me empenhei é longa, infinda.
Eu sei que a tendes toda na memoria
e — *Flos sanctorum* — muito mais ainda.

VII

Um dia visitando o Vaticano,
— o pantheon papal —,
achei no archivo as bullas pontificias
affirmando: — *Que foram as primicias*
da igreja oriental
devidas ao trabalho sobre-humano
e — só —, de Portugal.

Tomei nas mãos, beijei, acceso em jubilo,
o velho pergaminho encarquilhado.
Mais: — *Que era,* PARA SEMPRE, *o padroado*
das igrejas christãs de todo oriente
IRREVOGAVELMENTE *assegurado,*
— IRREVOGAVELMENTE —
á c'roa portugueza.
sob pena da maxima censura,
ao pontifice audaz, irreverente,
que tocasse na lei d'essa escriptura.

Era o texto... porém, com que surpreza
encontrei n'uma nota marginal,
de tinta mais recente e mão ignota,
pois não tinha signal d'assignatura:
— *Pro tempore...* — Em verdade, estranha nota!
— *Pro tempore* — annotando o — *irrevogavel!...*
Não entendi. — É distincção casuistica
do sabio, suspicaz bibliothecario;...
ponto escuro talvez do breviario
de que elle, por acaso, fez registo.
Como eu sei pouco de prosodia mystica,
embora ache notavel,
não sei traduzir isto.
— *Pro tempore!...* —

Notei que era tardissimo!

— Será commigo esta advertencia, aqui?
— *Pro tempore* — talvez queira dizer:
— são horas, meu amigo, até mais vêr! —
E sahi.

VIII

Vi tudo o que ha de vêr-se antigo e novo
na capital-museu;
e não comporta um resumido escorço
a historia colossal d'aquelle povo,
e os primores da velha capital.
Até vi, prologando o carnaval,
i barbari — no Corso.

IX

O que mais me prendeu...
(Vai rir o artista e apostrophar-me o atheu!)
foi, sobre a Via-Appia, uma capella,
pequena, estreita, baixa e desornada,
cuja lenda singela
precisa em termos breves ser contada:

Um milagre do céu,
segundo affirmam codices da igreja,
alli, no proprio sitio onde se deu,
exigiu a erecção d'aquelle templo
— minusculo, — mas cujo pavimento,
— as gastas pedras da vetusta estrada, —
reverente, submisso, o crente beija
com maximo respeito e devoção;
e alli é e será memoria e exemplo,
(sem nota marginal) — *per omnia secula...*
Salvo seja
se uma invasão de *livres-pensadores...*
Vamos a narração:

A historia está pintada nas paredes,
dentro da capellinha; sem primores,
que os *frescos* são de anonymos auctores.

Pedro ia saíndo e Christo entrava.
Pedro fugia, condemnado á morte;
Christo, vinha submisso e penitente.
O velho nunca fôra muito crente
nem era muito forte.
Christo sabia o que elle foi no horto.
Imagine-se o espanto
Com que elle via — vivo! — O mestre morto!

Côres de pejo á face mesta assomam!
ergue os braços, e diz, banhado em pranto:
— *Jexus! Jexus! quo vadis?* — *Vado Romam iterum crucifigi.* —[1]
A esta lição

Pedro recobra o animo apoucado,
bate no peito e accusa o seu peccado.
Dissipa-se a visão,
mas tinha feito a luz.

Voltou para prisão
e foi pouco depois crucificado,
ao inverso de Jesus.

Este milagre da allucinação
é lucido intervallo
acceso do remorso entre os horrores,
e póde facilmente acredital-o
o mais feio dos *livres-pensadores.*

[1] Authentico: — Jesus, onde vais? — Vou a Roma para ser outra vez crucificado.

X

Um dia, ha pouco; o reino fidelissimo
fanatisado — pelo bem das almas
e pelo amor de Deus e lusas glorias
d'além-mar, d'esse paiz das palmas,
glorias, mercê de Deus, inda não mortas,
lá foi bater do Vaticano ás portas
e pedir a execução d'um velho pacto,
que assignou Pio IX, — o veneravel.

Foram verificar; viram. De facto
lá estava a *concordata*
authentica, textual, ratificada
com as assignaturas, sêllos, data,
cedula do registo, — as mil minucias
d'um acto diplomatico;
mas tinha n'uma nota marginal:
— *Non possumus* —.
Um — *pro tempore* — agora sem astucias,
Um — *não quero* — formal.

XI

. . . . . .
. . . . . .

Que fazer contra Roma? essa inflexivel
mãi que dispõe do inferno e dos perdões?
que passa — de — amantissima, — a — terrivel; —
dos — Pios, — Innocencios — e — Clementes, —
aos Xistos, — Alexandres — e — Leões, —
(que muita vez têm sido os justiceiros)?
que, vendo-nos doentes,
ou nos cura a jejuns e penitencias
ou mata, a excommunhões?...
que representa — Deus! —
principio, centro e fim de quanto existe...
Não te rias, atheu! se nunca o viste
é porque nunca ergueste olhos aos ceus.

Que fazer, na apertada conjunctura?
Conceder uma nova *concordata;*
entregar quanto exija a sacra-usura,
vendo ruir por terra o que era — estavel; —
vendo e ouvindo negar o que era e — é; —
deixando revogar o — irrevogavel; —
e nem pensar na — *maxima censura...* —

E assim se perde a fé
nos ditames sagrados da Escriptura.

Por esta sem-razão
e por esta fatal sem-ceremonia
se revolta Ceylão
e se passa de Roma a Babylonia.

XII

Consummou-se o perjurio, o sacrilegio,
submisso o pápa e nós.
Chamou-se — *concessão d'um privilegio* —
ao — *reconhecimento d'um direito!...* —
Revogou-se o formão do antigo preito
que houveram, além-mar, nossos avós.

A historia, oh! ha de ser inexoravel!...
Ora! que importa a historia,
quando lhes basta e lhes sobeja a gloria
d'haverem revogado o irrevogavel?... —

Vamos:
A propaganda heresiarca,
se nos levou o augusto padroado,
rasgando o manto ao portuguez monarcha,
na derradeira phase
do negocio feliz e capital,
deu-nos, por um primaz, um — patriarcha! —

porém, — *pro tempore!* — Emfim, traduzo a phrase
embrionaria, fatal,
e já comprehendo a nota marginal.

Quer dizer: — Até breve, — ou — Entrementes. —
— Por algum tempo só. — Descança um pouco... —
Um compasso d'espera.

Apologo: — O VELHACO E OS INNOCENTES. —
ou: — FESTAS D'UM TUTOR AVARO AO LOUCO. —
ou: — PASSATEMPO ENTRE O CORDEIRO E A FERA. —
.....

Ó Roma! ó santa igreja!
pede, supplica a Deus que te proteja!

XIII

Lembram-se da Via-Appia e da capella
e do encontro de Pedro e de Jesus?
da legenda christã, simples e bella,
como um raio divino d'essa luz
que deslumbra, retem, avisa e passa
e por isso se chama: — a luz da graça? —

Se alguem me ouviu e é crente,
referre o seu bordão de peregrino,
veja e reforce bem cada sandalia,
limpe-as do pó e siga o meu destino,
d'animo paciente,
que não vamos á Italia!
vôlto, desenganado, ao velho oriente.

Voltemos pois, e já, d'esta romagem
que sem norte emprehendi, sem rumo, a tôa.
Faz épocas a historia e o acaso scinde-as;
ao revés dos — *barões assignalados,*
que embarcaram do Tejo para as Indias,
eu naveguei das Indias a Lisboa,
por mares já de muito navegados
e com ventos galernos, de feição.
Lembra-me haver prestado esta homenagem:

— «Eu vinha d'Elephanta e das Pyramides,
«fatigado de Brahmas e Mafomas
« a procurar, no pantheon catholico,
«o Deus da redempção.» —

Sabeis o que encontrei: — uns cartorarios
falsificando os documentos publicos;

uns vendilhões dos templos; uns falsarios,
que vestiam — de padre — os seus caixeiros,
— d'ostiario e sacristães — os commissarios,
e faziam de modo, os formigueiros,
que o pápa mesmo lhes ouvia as missas
e aceitava das mãos da simonia,
a hostia maculada! — Ouvis, christãos?
Um envenenamento, que os sicarios
praticavam no — pão de cada dia, —
padejado na propria sacristia,
por sacrilegas mãos!...
Excelsos, profanados santuarios!...

Era assim que jámais se descobria
o quotidiano roubo dos sacrarios.

XIV

Dizem que havia um padre então na Italia
devotado á desgraça... — um padre, — emfim;
chamava-se — Dom Bosco, — era um exemplo
digno de pantheon que fosse um templo;
mas não vivia em Roma, era em Turim.
Foi da igreja christã gloria e fanal;
o santo padre considerava-o tanto
que, em consistorio, hão de fazel-o santo.
E não foi cardeal.

XV

É de noite. O luar,
como chuva d'orvalho auri-luzente,
cae tremulo, a esbater-se, a scintillar,
das virides palmeiras do oriente
sobre as franjas de prata com que o mar
lhes borda os seus tapetes de verdura.
A lua é grande! — um sol mesto e doente,
que desmaiado cae da immensa altura,
longe! sobre os abysmos do occidente.

Mas... ha nuvens além! ha já negrura
entre sul e nascente.

Um sino ao longe soa...
convite a acompanhar a hostia eucharistica?
ou noticia de luto e funeral?...
Era o sino da sé — primacial —
hoje — patriarchal, — da velha Gôa.

São doze badaladas. Meia noite.

XVI

Escondido em ruinas e arvoredo
como quem busca um ninho onde se acoite
por humildade ou medo,
pousa um templo christão,
que tem por padroeiro o — Bom Jesus. —
Dentro do templo ha luz,
que bate n'uns relevos em montão
e são todos de prata cinzelada;
obra para se vêr.
O montão d'obras primas fórma o tumulo
de Francisco Xavier.

Um velho frade, tremulo e doente,
vive nas dependencias do santuario,
guardando, intemerato e reverente,
o tumulo do apostolo, e ante o sacrario
mantendo, sempre acceso, um lampadario.

XVII

Duas palavras só; breve noticia
das origens do velho franciscano:

Seu pai fôra pastor; — um trasmontano
de terras de Miranda, ao pé da raia.
Deu-se a invasão franceza
e elle foi alistar-se na milicia
heroica, ao chamamento do Silveira.
Bateu-se em toda a linha da fronteira
e morreu na Biscaia.
Morreu como um valente!
morreu n'uma escalada, indo elle á frente.

Deixou viuva e um filho. Ella beata
da grey do *bispo santo* de Bragança,
tinha deliquios, extasis divinos,
insensivel á voz, luz e flagicios!
Não era uma insensata;
d'allucinada, sim, mostrava indicios.
Atordiam-n'a o incenso e os sacros hymnos.
O bispo tinha esp'rança,
perseverando assim, n'esse caminho
de a vêr entrar no ceu, tornada arminho.

O pequeno, sem pai... quasi sem pais,
era um sêr doentio e original;
nunca temeu de lobo ou cães damnados;
andava dias, só, por monte e prados
ora a cantar, ora, entre pranto e ais,
a embrenhar-se no denso matagal.
Transumpto d'um e d'outro de seus pais:
— um desequilibrado. —

Quando Veiga Cabral,
o irmão do bispo santo, — um trasmontano
sem medo de tufões nem d'Inglaterras,
foi para as Indias, viso-rei do estado,
o Bento, — o pequenito, — enthusiasmado
não sei com que visões d'intimo arcano,
veio dizer-lhe um dia:

— Pois senhor viso-rei... senhor morgado!
gosto muito de guerras
e de vêr muito mar e longes terras,
e quero ir com vossa senhoria. —

Ahi está por que frei Bento da Agonia
nos apparece em Gôa.
É sempre o mirandez visionario,
duro, sem ceremonias, pittoresco,
a transbordar ás vezes de alegria,
essa alma ingenua e boa!
— a do rapaz, n'um quasi centenario!
outras, a recitar latim fradesco,
da biblia, do missal, do breviario.

Quiz ser e foi soldado;
e coube-lhe matar uns dois bandidos
Ranes, incorregiveis, em Pondá.
Eis Bento — o trasmontano — proclamado,
por voz dos brancos: — Salvador do estado! —
pelos indús: — Rajá. —

O viso-rei jantava
quando a nova chegou aos seus ouvidos.
Chamado o heroe ao paço,
na presença de muita fidalguia
deu-lhe o governador um longo abraço,
dizendo-lhe com toda a bizarria:
— Bravo, soldado! e agora dize, Bento,
que queres?
— Saiba vossa senhoria,
que entrar para um convento.—

XVIII

.....

Uma noite frei Bento da Agonia
correu todas as cellas do mosteiro,
dizendo a cada frade: — Companheiro,
vamos á esmola.
Adeus! adeus!... *Quomodo sedet sola civitas plena!*... Adeus! — e se carpia.

Á hora em que na casa franciscana,
da já quasi deserta velha-Gôa,
se choravam palavras tão saudosas,
— notavel coincidencia a registar!
firmava-se em Lisboa
o celebre decreto do Aguiar
em que extinguia as ordens religiosas.

Deu muito que fallar
este caso, nas Indias, largos annos;
mas Bento nunca ousou referendar
a attestação — formal — dos franciscanos.

XIX

Aos fios d'ouro, tenues, tremidos
que derramava o ether nos palmares,
requestavam-se os tigres, a bramidos;
por sobre a humida relva, dôcemente,
colleava a serpente;
e retoiçava o tubarão, nos mares.
Formosa lua cheia, em pleno oriente!

XX

EPILOGO

Soára meia noite. Pela rua
frei Bento ouve cruzar-se um passo leve!...
salta do leito, enverga o velho habito,
espreita!... Oh! Deus do ceu! alguem se atreve!...
Sente que uma gazua
abre a porta do templo. O velho então
põe a sobrepelliz, estola e amito,
embebe o hyssope e esconde-se no pulpito,

a supplicar em calida oração,
indignado, cruel, tremendo, afflicto!
e termina em murmurios, em segredo:
— Jesus do meu amor, não tenhas medo.
Vai haver — *Dies irae* — com sermão! —

Entram no templo santo...
Imaginem do frade o sacro horror!
entram no templo augusto do Senhor,
não — gentio, nem mouro, —
porém um cardeal e um monsenhor,
(ao que dizia o traje e o tratamento):
e trazem o arcebispo amordaçado,
pedindo-lhe incessantes: — o thesouro... —
Repugna ao frade acreditar! — de espanto!
De momento a momento
param do templo á entrada
carroças destinadas a transportes.
Ouvem-se vozes fóra. Entra um arrais:
— *A la gloria d'idio.* — Italiano! —
dizia o frade, — a si —, do horror no cumulo.
— *Carin'*, vão arrastando aquelle tumulo,
os que forem mais fortes,
e que o levem á barca de S. Pedro
que ficou amarrada ao pé do caes.
Comnosco vai; como bagagem nossa
escusa d'ir á alfandega.

Outros que se encarreguem do sacrario,
de castiçaes, galhetas, lampadario,
tudo que são miudezas.
— Gente boa a guardar cada carroça!
entendes, Salvator'?
Levem esse bastão
que foi do viso-rei conde d'Alvor;
ao menos o castão.
Os outros ás gavetas d'essas mezas
buscar as vestimentas. — E o thesouro,
perguntam ao primaz,
dize, onde o tens guardado? —
E o pobre do arcebispo amordaçado!

— E não te parte um raio, satanaz! —
murmurava frei Bento, ainda prudente.

XXI

N'isto solemne e altivo, ao pé do tumulo,
surgiu, em subitanea apparição,
o santo padre, de tiara e báculo,
cercado d'uma aureola refulgente.
Estende o braço e diz-lhes: — Inda não!
da santa igreja somos nós pontifice!
Em nome do Senhor!
respeito ao que ainda resta a Portugal!

— *Pro tempore!* — lhe brada o monsenhor!
— *Pro tempore,* — repete o cardeal.
Escravo és hoje nosso e o imperio teu!
Olha! — as chaves do ceu! —

XXII

Agora inunda o templo immensa luz!
sobre a velha cidade o ceu troveja,
e com grande esplendor, no altar da igreja
apparece Jesus.

— Confiscai-me tambem que sou do espolio;
que sou dos padroeiros padroeiro,
e que tenho um sepulcro e tenho um solio. —

— *Pro tempore* — bradava... o ecco, e o vento
lançando a cruz do altar no pavimento
e apagando a luz.
Passava sobre ao ruinas um tufão.

XXIII

Erguido agora o frade sobre o pulpito
declamava o sermão:

— Senhor, dizia em brados de possesso,
a que te vens metter n'estas questões?
(*Ex abrupto* começo!)
para ouvires assim uma blasphemia!
— *Pro tempore!* — Oh! desvergonha da canalha,
que julgas-te ser Deus da tua igualha!
Fugistes, covardões?
é que me não quizestes vêr do avesso!
Enganastes Jesus, um ingenuo moço,
que — padres — vos julgou e ereis — ladrões, —
que inda hei de vêr de cordas ao pescoço.
Deus! ouviste-os fallar? — Tudo estrangeiro!
Essa chave, Jesus, que elles mostraram,
julgas que era a do ceu? era gazua!!
Oh! pelo amor de Deus;... do padre eterno!
vai avisar teu pai e o ceu inteiro!
— Ás armas! — Praza a Deus inda não esteja
a saque o ceu! Põe-te no andar da rua
esses ladrões, verás!
De gladio, ó cherubins, e a pontapé
despenhai-m'os no inferno,
e eu, Senhor, que o veja!
e hei de vêr! tenho fé!...
— *Pro tempore,* — ladrões! e dito assim
de punho arregaçado e voz minaz!!
.....
Deus! que no inferno essa canalha pene,
e para sempre — *Amen!*
et per omnia secula, sem fim!!! —

Ajoelhou no pulpito;
e depois de limpar-se e de tossir,
ergueu-se na tremenda escuridão.
Com o olhar percorreu a extensa nave,
qual se a podesse vêr, — como se a visse!
e, lentamente, persignou-se e disse,
com voz monotona, arrastada e grave
como d'alguem que falla inda a dormir:

Peço uma *Ave-Maria*
pelos que n'esta noite d'agonia
tiveram paciencia de me ouvir. —

XXIV

N'essa manhã... já não conservo a data!
era assignada em Roma a *Concordata*.

XXV

MORALIDADE

epete-se um milagre após dezoito seculos;
ıcontram-se ainda os dois, — S. Pedro e o bom Jesus;
as Pedro é sempre fraco, e agora não tem lagrimas!
Christo vai morrer de novo n'uma cruz!

ARTIGO TRANSITORIO

Deus dedit Deus abstulit
Sit nomen Domini benedictum.
JOB.

I

Adoeceu a terra!
A nossa mãi, nossa alma, nossa vida,
o nosso grande amor. . . . . .
. . . . . .
Não sei se aberra
das doutrinas da igreja universal,
a minha condolencia enternecida,
a minha invocação sentimental!...

Jesus dizia mal dos *bens terrenos,*
mas n'isto quero crêr se referia
ás ganancias crueis dos *syndicatos;*
não contestando a *Cesar os tributos,*
nem a seus filhos, — grandes ou pequenos, —
o indispensavel *pão de cada dia,*
nem agua fresca e limpida, nem fructos.

Demais, é fama que Jesus comia
e tanto que ceiava...
(por signal com discipulos ingratos!)
e abrilhantava as bodas de Canná.

Não era a terra pois que apostrophava,
nem maldizia d'hortas e lameiros;
era dos formigueiros!
E conhecia só os da Judeia
d'então! voltasse agora cá
e teria de vêr, espavorido,
como a praga enxameia!

Restituido ao texto o bom sentido
e livre do receio de censuras,
por menos obediente ás escripturas,
reato o fio á primitiva idéa.

II

A terra anda doente.
A *alma mater* da pobre humanidade
vai da vida no outomno!
Cançada, exhausta, velha, entorpecida,
recebe nas entranhas a semente,
mas a anemia da provecta idade
concede-lhe só fructos abortivos.
Tem nauseas e tem somno
e traz allucinados os sentidos.

Percorre sempre a luminosa esphera,
como a espojar-se na amplidão profunda
em torno ao sol adusto, que a fecunda;
macho que ella não vê, que a não adora,
mas que a submette e obriga e tyrannisa
a seus brutaes amores!
Jumenta d'hortelão em torno á nora
com que as hortas fecunda e o milho e as flôres;
egoa do hypodromo em torno á pista...
ou vacca em volta da eira...

(Bem me quero eu fazer — naturalista!
chamei a terra já: — egoa e jumenta
e vacca, e mula e nossa mãi!... horrores!
pois ainda esta protervia não contenta
e musa dos novissimos auctores!
Não! não chego á craveira,
e tremo sempre de dizer blasphemia!)...

Somnambula, atrophiada, inconsciente,
arreatada e pavida,
a terra gira e vai, mas vai doente,
sempre forçada á guia e sempre gravida!...
Que tristeza de femea!

III

O lavrador na aldeia é triste e absorto.
Sem pampanos a vinha e sem racimos!
sêccos os soitos, o olivedo, morto!...
as laranjeiras, — verdadeiros mimos

d'argenteas flôres e de fructos d'ouro,
transidas no pomar, — gelido exilio
ás bellas orientaes, glorias do mouro...

(Mas isto é das georgicas transumpto
e estou quasi a fallar como Virgilio!
Que demonio d'assumpto!)

IV

O lavrador sentado junto á córte
n'um tronco velho e que ha de ser desfeito
em achas destinadas á lareira
onde a dona da casa, — a mulher forte
de largas ancas e abundoso peito,
insigne fiandeira e tecedeira,
ha de fazer serão,
o lavrador aguarda a lenta morte
de tudo quanto herdou, quanto plantára,
e os seus olhos são torvos e annuveados.

Tem os braços cruzados;
e sobre o coração,
que sempre em seus trabalhos o animára,
repousa a dextra mão,
callejada, escabrosa e destemida,
que nunca fraquejou, na adusta lida.

V

N'isto chegava o Fisco! — uma agonia!
exigindo-lhe a parte que a nação
deve á soberania
para sua existencia e defensão...

Meu Deus! como a exigencia recrescia!
Era quasi a partilha do leão!

VI

Ergueu-se o lavrador
e disse ao Fisco:
— Entra, escolhe e leva,
se acaso o que ainda tenho tem valor;
mas não voltes, senhor,
que o muito que já devo sobreleva
o pouco, o quasi nada que me resta;

e tudo será dado ao desbarato,
que em breve os campos todos serão matto,
marneis, juncaes, charnecas e floresta.
A usura ainda empresta,
mas victima ha de ser dos seus despojos
que tanto e longamente preparou,
rasgando-se nas silvas e nos tojos
que na sua cegueira antecipou.

— Diz o mesmo o commercio, a industria e as artes
mas cresce cada dia o fausto e o luxo
e por todas as partes
só fallam de milhões.

— Puro ludibrio
e pura embriaguez ou hypocrisia!
nós vivemos n'um dia
de tremendo, fatal desequilibrio.
Naufragaremos na fatal derrota.

— Se és adivinho, ou bruxo
estás prophetisando a banca-rôta!
E que ha de ser do Fisco?
de mim?... Pobre de mim!

— Tu bem comprehendes que has de entrar no risco,
mas has de entrar no fim.

VII

Dirão que fiz um lavrador politico
talvez em demasia,
e julgarão que a pratica é ridicula;
mas aqui entre nós, em cortezia,
não esqueçamos que o momento é critico.
E saibam, afinal,
que esteve o lavrador na capital
ha poucos mezes, n'um congresso agricola.

Foi mesmo candidato a deputado;
e a lavoura, que ainda hoje é força e — unica! —
julgou-se apenas minima particula
e... mais um pai-da-patria mallogrado
confiou dos ministros na fé punica.

VIII

Eu entrava de fóra do povoado
quando chegava o Fisco ao pé da córte.
Trazia as minhas filhas a meu lado,
enfeitadas de flôres do amplo prado
onde andaram atraz das mariposas
loucas! brilhantes! celeres, — felizes!...

Ao vêr-lhes a contente formosura
n'esse prado a florir,
n'essa relva coberta de matizes,
dil-as-hiam dois anjos que eram rosas
ou duas rosas que sabiam rir!

— Ó pai, como isto é lindo e que bom cheiro!...
— Olha! que abelhas d'oiro!... E além, no outeiro,
as ovelhas mansinhas, que dão lã!...
— E as brincalhonas cabras que dão leite
a saltarem por entre os estevaes! —
me diziam as vividas creanças:
— Eu gosto mais de cabras.
— E eu d'ovelhas, —
dizia a séria Branca á doida Irene.

Eu todo me fundia em complacencia
embriagado da luz d'essa innocencia;
e desafio um pai que me condemne.

Porém veio o momento
de dizermos adeus aos malmequeres.
Era urgente, custasse o que custasse,
dar a triste noticia:
— Vamos terminar hoje este deleite.
— Ó pai, pois isso faz-se?
— Que desmancha prazeres!
— Sim... porém, minhas filhas, sois mulheres!

É quasi noite! vamos!
— E ámanhã?...
perguntaram as duas com malicia:
— Ámanhã voltaremos, se gostais,
e andaremos no campo o dia inteiro.
— Eu tenho d'arranjar um novo enfeite
de florinhas azues, — dizia a Irene,
— E eu quero estudar mais estas abelhas
que vivem só d'orvalhos e de flôres,
e não brincam! trabalham como as velhas
que não cuidam senão dos seus labores!
Pois vê-se que são inda raparigas!...
Eu por mim não conheço quem trabalhe
como ellas e as formigas! —
dizia a minha Branca, a seductora
creança, que nasceu triste e senhora!
— Porque andam a lavrar aquelles prados?
perguntava a mais nova.
— Os lavradores
precisam de fazer as sementeiras.
— E assim furtam a relva ás lavadeiras
e o pasto aos pobres gados?
São bons, os taes senhores! —

. . . . . .
. . . . . .

IX

Que interesses oppostos, encontrados,
ha entre os lavradores e as creanças!
E que pontos de vista
distinctos, divergentes,
que nos dão desesperos e esperanças!
O trabalho scismando na conquista
de riquezas crescentes de milhões;
a innocencia, — nas placidas paizagens,
na ventura das grandes quietações!

. . . . . .

O activo lavrador, Adão expulso
do Eden, abatido e scismador,
fazendo eternamente,
em calculo profundo,
as contas d'inventario e d'orçamento;
descontando, á rijeza do seu pulso,
as per'las do suor que, por moeda,
o senhor lhe outorgou paternalmente...
E agora emfim que lhe adoece o mundo,
e que os fructos lhe nega ao seu labor
que ha de fazer, Senhor?
Tem pois de succumbir de queda em queda?...
Senhor! que ha de ser d'elle?!
. . . . . .

Que a humanidade lucte o dia inteiro
e madrugue, e serôe, e se desvele
na lida em que moureja e se consomme,
ha de morrer de fome?...

X

Tal era o cruciante pensamento
do grande inquebrantavel luctador,
quando eu entrava na quieta aldeia.
Oh! li-lhe sobre a fronte amargurada
a tenebrosa idéa,
do — nada — que viveu e volta ao nada! —
Tremenda ante-visão do immenso horror
dos que n'um — ai — unisono, profundo,
morrem, presenciando o fim do mundo!
Oh! li-lhe a tenebrosa prophecia
dos que, no desespero do cansaço,
se recusam a dar o ultimo passo,
certos de que anoitece o ultimo dia.

Eu ouvira o dialogo
entre elle e o Fisco, — o Estado, — que investia
contra o quinto preceito do decalogo,
e arrolava na casa laboriosa,
que fôra, emquanto forte e venturosa,
da aldeia — asylo, albergue, enfermaria,
— a roupa, a lenha e o pão de cada dia.

XI

— Deus o guarde, visinho!
— Boas tardes, senhor,
— com quê, adoeceu-nos a lavoura?!
A Céres que os poetas pintam loura,
vinha eu pensando agora no caminho,
encalveceu! cabeça de doutor
ou mesmo de doutora,
que as ha tambem por cá... O mundo corre
n'uma vertigem louca!
— O mundo morre! —
disse convicto e mesto o lavrador.

— As prosapias que eu vi n'essa Lisboa!
o vicio insaciavel dos prazeres;
a abolição formal das medianias;
o ninguem querer ser o que era e é,
(que eu conheço de muitos a relé!)
prosapias de tambor que ao longe sôa
e que por dentro é vão!
ocio d'esposas, fausto de mulheres,
a que emprestam brazões e fidalguias
a imprensa, que as namora, ou falsas tias,
pois que d'avós... nem ellas saberão!...

Quem faz hoje os milagres d'esta vida,
phantastica, risonha, folgasã?
fal-os a usura, — o credito.
E quem desfaz a teia assim tecida
cõm tramas d'oiro e sêdas? o descredito,
que ha de vir ámanhã. —

XII

Vê-se que o lavrador tinha restricto
o seu ponto de vista.
Viu pouquissimo e mal, que viu distante,
uns resquicios de credito e d'usura;
viu, e perdeu-lhe a pista,
mas ficou, do que viu, certo e convicto,
em seu conceito claro, inabalavel,
de que o mundo que viu era oscillante
n'um equilibrio instavel.

E havendo-se aquietado por momentos,
como a cobrar alentos,
volveu mais excitado e mais sombrio:

— E quando eu via a multidão de luzes
nos caminhos de ferro, na Avenida,
nas ruas, nos theatros, sobre o Tejo,
no extensissimo Aterro á beira rio,
e nas cabeças vãs d'essas mulheres...

Dou-lhe a minha palavra! — eu tinha pejo
quando ouvia dizer: — *que formosura!* —
phrase a cada momento repetida;
e pensava commigo, em grande horror,
na agonia fatal da agricultura. —

Eis o ponto de vista verdadeiro
do honrado, laborioso lavrador.

— Vejo que está bem triste, e sem razão!
Vou dizer-lhe o que viu na capital
completando-lhe assim a narração:

XIII

Na sua phantasia, allucinada
pela febre e o pungir dos seus martyrios
viu, em cidade morta, alas de cyrios
n'um cortejo funerio!
viu phantasmas e pallidas estatuas
com mortalha dourada;
milhares e milhões de luzes fatuas,
n'um largo descampado cemiterio!...
. . . . . .
E tudo isto, amigo e bom visinho...
porque não temos vinho!...

O visinho tem medo!
e antolha-se-lhe a vida um desvario,
da loucura senil do velho mundo,
que julga moribundo,
convulso, allucinado, surdo e cego,
estrebuxando ao rez da sepultura!
E viu sómente o *Prego;*
que diria se visse a grande usura?!
Comprehendo o seu terror e vê? não rio!

Mas a terra não morre, — quer pousio;
Deus tambem descançou e era mais forte.

Não será para nós o mal maior,
que sabemos ser parcos e ser pobres.
Coitados d'esses taes que viu na côrte,
a fingirem de grandes e de nobres.

Falta vinho? pois sobram-me esperanças,
de que hei de ser feliz, seja o que fôr!
— E quem lh'as deu, senhor?
— Estas creanças! —

XIV

Aqui o lavrador olhou-me attento
e os olhos me enterrou!... um instante só,
mas eram duas lanças!
depois mirou-me as filhas um momento,
e julguei vêr — no olhar para ellas, — dó!
e no olhar para mim, — desconfianças.

— Escute-me, visinho, e não se assuste
das loucuras que ouvir. Eu sou diverso
de todos os poetas do universo.
Elles buscam brilhantes phantasias;
verdades eu só busco de proveito
ou de consolações ao ente afflicto;
e onde a verdade encontro a applaudo e aceito.

XV

Abriu a humanidade eterno inquerito
sobre o porvir obscuro;
sem pontos de partida, no preterito,
sem bussola, nos mares do futuro.

Idolos consultando ou feiticeiras,
Deuses, sinas, Egerias, aves, astros,
sombras em projecção, nuvens ligeiras,
augures, ventos, flammulas e mastros,
sonhos, flôres, murmurios, — quanto existe.
Fraca, ignara e triste,
a humanidade inquire, apalpa e sonda,
na fé, no desespero, no receio!
quando lhe invade o seio,
das ancias de saber, a inquieta onda.

O sabio espreita, com desdem nos labios;
mas nós não somos, felizmente, sabios.
Antipathica gente os — *Ursiclos!* —

Eu, quando venho repousar na aldeia,
fugindo das politicas intrigas,
ando por essas varseas e ribeiras
co'as minhas filhas, minhas feiticeiras,
sós, eu e ellas; — sós!
e trago de lições minha alma cheia,
quando volto das rusticas fadigas.
— Horas de bom proveito! E d'onde alcança...
— Verdades e lições? — D'estas cabeças...
— Ó pai!...
— Não é da tua é d'esta minha
que tem cada lembrança!...

— É d'ambas, meu amigo; esta, adivinha;
esta, pondera; um par que se completa.
— Bem sei! a Branca é a sabia, eu, a pateta!
— Irene, se começas!...
— Agora fallo eu só, minha indiscreta.

XVI

— Falta a grande riqueza, — o espumeo vinho
que transbordava em cubas e lagares
e que d'ouro inundava os nossos lares?...
Louvor a Deus, visinho!
Falta o veneno, o opio do occidente,
a perdição dos pobres! O ouro maldito
que manchado nos vinha da taberna
era o preço de crimes e suicidios,
levando aos mansos lares a desdita,
e enchendo, lodacenta onda precita!
prostibulos, cadeias e presidios.

Inda ha pouco uma pobre rapariga,
(Outra fonte de ensino a aproveitar:
— a musa popular;)
Cantava na deveza esta cantiga:

«Dizem que o vinho dá vida...
«maldita da minha sorte!
«quem fez minha mãi tão triste?
«quem levou meu pai á morte?»

XVII

— Quando as fontes seccarem, quando a relva
morrer nos prados, quando a loura abelha
deixar de fazer mel, quando na selva
não balarem armentos, quando a ovelha
já não der lã, nem leite a cabra e a vacca,
nem pelles para roupa á humanidade,
então a terra é morta! antes, — maldito
o que d'uma alma vil ingrata e fraca,
lançar pregões de medo á sociedade.
O luxo é escarneo e crime! o ouro é precito,
a preguiça, inhumana.
Que surja do palacio, uma cabana!
Dentro d'ella a familia laboriosa
volva á antiga pureza e formosura!
em vez da festa régia e clamorosa,
o modesto serão das fiandeiras;
em vez de farda, — blusa;
e por vinhos do Porto ou Cyracusa,
taças de mel, de leite e d'agua pura,

em meza limpa e farta,
e em convivencias cordiaes e amenas.
Vale a pena trocar vicios d'Athenas
por virtudes de Esparta.

Sempre hão de ficar livros, pois que a imprensa
foi prodiga e foi provida. Os teares,
voltarão para o lar;
ha de sempre haver teias, — linho e panno;
e milhos na horta e fructa nos pomares,
pescadores no rio e á beira-mar.
Não se morre de fome; é puro engano!
cruel espada sobre nós suspensa.
Não queiramos o fausto da cidade,
a purpura de Tiro, que é maldita,
mas a riqueza sã da humanidade.

E para terminar, visinho e amigo!
se me ouve complacente e me acredita
façamos uma lei n'um só artigo:

— «Fica abolido o luxo...» —

— E o meu piano?...
— E os meus brincos... gritavam minhas filhas,
com ar entre irritado e peremptorio?
— Pois bem! não quero ser um pai tyranno.
Escutai, gentilissimas cigarras:

ARTIGO TRANSITORIO:

«A assembleia por favor concorda
«em que pianos, harpas e guitarras,
«existentes á data d'esta lei,
«emquanto não quebrar a ultima corda
«e os ultimos bordões,
«se deixem a donzellas e a donzeis.
«Concedidos tambem brincos e anneis.» —
— Agora terminei. —

— Combinado, visinho?
— Combinado.
— Convenceram-no, emfim, as conclusões?
— Convicto inda não vou, mas — resignado. —

EPILOGO

No começo da proxima semana
fui surprehender o lavrador, coitado!
a plantar uma vinha americana!...

MORALIDADE

Busca-se, em vão! reconduzir a gente
de novo ao tão chorado paraizo.
Inda que Deus o queira, não consente
o regresso aos dominios do juizo
a classica serpente.

Que vale hoje a maçã?... sabios são todos!
Deus fez-se bom rapaz, não tem mysterios.
Graves estudos sérios
demonstram claro, e todo o mundo o sente,
que muito mais do que a maçã, nas feiras
valem as uvas, e ainda mais o vinho;
e tudo isto desde que no Minho
se empoleirou a vide nas maceiras.

Como isto se professa e se consente,
é força concluir, a meu despeito,
que, se não de direito,
o demonio é de facto, omnipotente.

P. S.

Quando quaesquer missionarios
fizerem sermões suasorios,
vendo que são refractarios
á doutrina os auditorios,
redijam, sem commentarios,
uns artigos transitorios.

É isso o que fica, — eu sei!
da melhor lei.

CARTA D'ALFORRIA

EPISTOLA DE PARABENS

A SUA MAGESTADE O SENHOR D. PEDRO D'ALCANTARA

Por ter obtido generosamente do Brazil
o seu diploma de liberto

Omnes amici mei...
JOB.

I

A Sua Magestade Imperial!...
. . . . . .
— Dizendo só assim, sem dizer d'onde,
parece um cumprimento curial,
sem offensa aos ministros brazileiros,
visto que o nome de — Brazil — se esconde.
Evito alguma nota diplomatica
e salvo os meus patricios *marinheiros.*
É bom ser cauteloso na pragmatica.

A sua magestade imperial,
minusculos agora o — *m* — e o — *i* — ...
. . . . . .

Até os commandantes do *Alagôas,*
entrando o Tejo e fundeando aqui,
podiam arvorar velhas bandeiras,
pondo-lhes escumilha nas corôas.
Eram pendões imperiaes *minusculos,*
visto faltar modêlo
para novo desenho, a novas côres.
Içal-os, pois, não deshonrava os musculos
dos nobres vencedores
do bravo Paraguay, em Riachuelo.

Tambem posso dizer: — *A ti, D. Pedro!* — ...
É mais republicano, é mais pedestre,
e é mais patriarchal;
e, emquanto assim o abato, eu subo e medro! ...
Mas não! — é velho e bom e grande e mestre!

A Sua Magestade Imperial!
E agora vai maiusculo o — *I* — e o — *M* —.

Se n'estas minudencias me demoro
é que tudo é prudente, ou — tudo treme
de dizer o que sente, — se é que sente! —
de respeito, carinho, obsequio, amor;
e singra o cumprimento entre desvios,
— oh! femenilidade que eu deploro! —
como baixel pirata entre baixios:
olho no imperador,
olho em Manoel Deodoro!

Por mim, no dia em que este fôr proscripto,
se fôr, que o não desejo! e entrar no Tejo,
prometto ir ajuntar-me ao seu cortejo.
Gritar, nunca gritei, tambem não grito;
mas se o não vou saudar ás eminencias,
protesto não faltar ás condolencias.

II

Senhor, bem vindo! Posso emfim saudar-te
da minha obscuridade remançosa;
eu, que fugia sempre de buscar-te,
que sempre me ficava quedo e mudo
quando podias tudo,
saudo-te hoje que, prostrado, inerme,
já não pódes fazer-me
barão, conde, marquez, gran-cruz da Rosa.

Dizem que vais deixar-nos; sinto-o d'alma!
Perdido o teu Brazil a patria é esta,
esta a casa solar de teus avós;
e se o lar da familia a dôr acalma,
Senhor, vem para nós!

A rua da amargura é longa e mesta;
a bahia do Tejo é clara e mansa.
Martyr eternamente *violentado,*
encosta a cruz aos muros de Bragança.
Arrasta'l-a a sorrir, mas vens cançado!
em casa estás, descança!

Se te pagaram mal os teus amores
a ti, — liberal, bom, franco e leal,
prestigioso, honrado, —
foi que o paiz das palmas e das flôres
não se julgou de todo emancipado
emquanto houvesse um rei... — de Portugal.
Mais um motivo para seres nosso,
visto como de nós te veio o mal.

Eu sei, Senhor, que uma policia... nova!
te invade em chusma o lar... — abstruso preito! —
remexe nos papeis, desmancha o leito,
o oratorio profana e espreita a alcova;
que sonda o rez do chão, a sala, os tectos,
e com sem ceremonia e riso e geito
devassa os gabinetes mais secretos!
dá-nos, em rol diario, os teus manjares;
pede *inter...* nome feio em lingua estranha!
— mote ás variações dos seus cantares!... —
Como a imprensa inventou praga tamanha!
Mas não fujas, Senhor, d'este castigo,
que onde tu fôres dar, vai dar comtigo.

III

Ou quer ou quiz o occidental colosso
substituir as côres — ouro e verde —
á nacional bandeira.
Que tempo que elle perde
em taes cogitações, em tal canceira!
Se consentem que estranho se intrometta
nas coisas da familia brazileira,
eis uma indicação amiga e franca:
— escolham a côr branca,
orlando-a em volta d'uma tarja preta. —

Eu podia fazer, como poeta,
ganhando fama e gloria de erudito,
uma dissertação longa, completa,
um esmerado estudo
sobre a razão de ser d'esta proposta;
mas isto é mais artistico.
E eu me explicarei, se houver conflicto.

Pois que sempre era liso e raso o escudo
de todo o cavalleiro incipiente,
ao futuro deixava emblema e distico...

Não quero discretear; não é prudente.
E nem o leitor gosta
d'ouvir ou lêr razões de facto ou dito;
pois se elle entende tudo!
E na época actual da era presente!

Occorre-me, porém, n'este momento
relatar o que li n'um livro raro,
ha seculos impresso em Salamanca.
Li, — não posso dizer se vagos topicos
ou se demonstração plena, completa,
de que, não sei por que razão, nos tropicos
muita vez a côr preta se faz branca
e, muitas mais, a branca se faz preta.

Ahi fica o reparo.
Acabo de lavar
as minhas mãos, pela proposta idéa,
na presença de toda a galiléa
d'áquem e d'além-mar.

IV

Tambem dizem, Senhor, que já do Atlantico,
mandaste, por alado mensageiro,
ao teu Brazil querido o extremo adeus...
— anhelo... antigo! paternal! romantico!
de velho encanecido patriarcha! —
e que viste voar a pomba da Arca
'té se perder nos céos,
como se perde no occidente o astro
a que o ausente confia o derradeiro
voto saudoso d'um perdido amor!
Se o facto é verdadeiro,
que imprudencia, Senhor!

Imagina que foi pousar no mastro
d'um navio negreiro!...
. . . . . .

— Pois sahiu esta hypothese á ventura!
e sinto que pareça um desprimor,
suspeita que fulgiu e que se esboça
ao de leve, e comtudo sem mysterio;
pois sendo certo que, afinal, o imperio
baniu a escravidão e a escravatura,
podiam ter, a escravatura, e a roça,
ajudado a banir o imperador.

Volvamos ao papel e ao portador:

Imagina-o suspeito d'espião,
torturado, apalpado;
encontrado o papel e registado
no diario de bordo! prisioneiro
o misero, espantado mensageiro,
e com grilhões aos pés, como um ladrão!

Pensa agora no horror da auctoridade
recebendo o suspeito documento,
lendo e relendo a cifra enigmatica,
consultando o conselho á puridade,
tendo uma idéa! e logo
pondo o fatal papel junto do fogo
a vêr se encontra alli tinta sympathica!

Resolve-se por fim — tomar assento,
em sessão permanente, extraordinaria,
de que: — de sobre o mar, o imperador
enviára ao Brazil... — Revel! traidor! —
uma proclamação incendiaria!
E para desaggravo da nação,
— acto contínuo — o pombo executado
por crime de traição e aleivosia,
e condemnados — vós — á revelia,
pedida a Portugal a extradição!...

Fugi, Senhores!... — Não! que o portador
tendo a garganta larga, se era macho,
percebendo que o tinham por traidor
enguliu o despacho!

D'esta sorte o Brazil dormindo em calma
accorda, sem cuidados, alto dia,
e segue sem receio e sem revez,
no mais puro e ideal socego d'alma;
e ficam ainda a salvo d'esta vez
D. Pedro, e a lusitana monarchia.

V

Tudo isto o que faz
é pensar que os arroubos da poesia
são causas d'imprudencia a mais completa;
e concluir, Senhor:
— Não póde haver imperador poeta,
nem poeta que seja imperador. —

Que eu entendo que o mundo não se entende!
Se o reinante é poeta, — escreva prosa! —
se escreve prosa, a opposição emprehende
mostrar-nos que a dicção é suspeitosa;
se falla — certa é logo a inconveniencia;
se não falla e se esconde, — é oriental
imperador da China ou do Japão; —
se amnistía, bondoso e paternal,
— tem medo! quiz matar, tremeu-lhe a mão! —
se nos manda enforcar — é cannibal! ... —

Não entendo! Com a mão na consciencia!

Hontem diziam: — Que sagaz politico!
como elle prevê tudo, e toma a frente
aos liberaes desejos da nação! —
Hoje: — Eu tinha previsto o dia critico
d'este desabamento, era evidente!
descer de concessão em concessão! ... —

Os do — *pró* — e do — *contra* — os mesmos são,
e viram tudo pela mesma lente.

VI

Consola-te, Senhor! reinos e imperios,
que foram — *santo officio* — aos governados,
são hoje — *santo officio* — a quem governa!
os reis são pois aos tratos condemnados!
seja em que logar fôr dos hemispherios,
o throno deu lugar ás gemonias!
o sceptro diz: — condemnação eterna! —
a purpura é signal de vilipendio!
os povos andam a atear o incendio
que devoral-os póde entre agonias!

Feliz de ti que, protector e amigo,
sagraste aos filhos teus toda a existencia;
coração sempre bom, mão sempre justa!
E de lá que trouxeste? — a consciencia!
do bem-fazer a recompensa augusta!
da honra unico premio.

Pela real corôa a laurea cinge
de sabio, de poeta, e exulta! os sabios
esperam-te em seu gremio.
Que um sorriso te esmalte os frios labios!

Não tens manto real? veste a alva stringe!
Já não és *violentado,* és libertado.
Desperta, emfim, do pesadêlo atroz
a que, ao nascer, te havia condemnado
a tua sorte algoz.

VII

Dizem que a monarchia é aggravo e insulto
aos destinos viris d'um povo adulto!
e assim será talvez! Oh! mal peccado!
Tudo está em saber, mas com verdade,
qual é do povo a idade,
o sexo, o nome, a filiação, o estado,
o que se não estuda nem se aprende
nos registos civis ou nos do abbade.

Outra materia em que ninguem se entende.

Já hoje a questão magna, a questão publica,
a questão social da humanidade,
não é de rei nem roque nem republica,
é puramente e só — *d'auctoridade* —,
o — legal empecilho, —
que ainda garante o somno aos moradores.

Dir-se-ha, e isto nos sirva de cautela!
que o que n'esta pendencia se revela
é propicio advento a salteadores.

Que porvir de grandeza e gloria e brilho!
No entanto uns vão de velhos a meninos,
outros, sem attingirem madureza,
vão da infancia á senil decrepitude;
(testemunhas de lei — Camões, Castilho)
tal é *desconcertada a natureza!* —
o andar o mostra e a lingua e os desatinos.

Mas vão lá consultar os taes senhores!
muitos são grandes, todos são — maiores!... —

Ecco, do immenso, universal concerto
saudo-te, Senhor, do fundo d'alma;
nasceste martyr e colheste a palma;
nasceste para escravo, — eis-te liberto!

VIII

Acompanho os teus votos de ventura
ao Brazil, — filho nosso, ou nosso irmão...
se elle nos aceitar o parentesco.
Ás vezes quanta mais democracia
mais se apura a pretensa fidalguia,
no aprumo da creatura,

no porte e na prosapia das nações;
a ponto de negar-se: — tradições,
haja de fastos proprios cópia ou mingua,
— avós, — a gloria herdada, — o nome, — o escudo,
— a historia, — a propria lingua...
Encontra-se de tudo;
mas no Brazil, Senhor, decerto não.

IX

Ousaste ser libertador, — escravo!
liberta emfim de ti, da monarchia,
a republica, em premio e sem aggravo!
impôz-te... ou deu-te! a carta d'alforria.

Pois que é tornado em sambenito o arminho,
acclamo-te, Senhor, não te deploro!...
. . . . . .
Se me adianto mais n'este caminho,
chego a dar — vivas — a Manoel Deodoro.

IN EXCELSIS

CORÔA DE SAUDADES PORTUGUEZAS SOBRE O FERETRO

DA

PRIMEIRA DAMA BRAZILEIRA

CARTA DE PEZAMES AO SEU AUGUSTO VIUVO

Que muero, porque no muero.
SANTA THEREZA DE JESUS.

I

Senhor, começa a morte
a cumprir os decretos d'exterminios,
longe da tua patria e teus dominios.

Quiz Deus que Ella morresse em Portugal.
Que morresse a teu lado
e na *Cidade Invicta*, — a tão *Leal!*
ao pé do coração do Rei-Soldado!
Repara na harmonia dos destinos:
— Os grandes que o Brazil baniu do solio,

devendo-lhes ventura e liberdade,
vieram achar lagrimas ou hymnos,
— pantheon glorioso ou capitolio, —
dentro dos muros da *Leal Cidade!*

II

Pobre fronte senil!
curva-te á lei fatal da treda sorte.
A humanidade é má, sempre que é forte,
ou tal se julga ao vêr-se triumphante.

III

No mysterioso instante
de libertar-se o espirito gentil
da grande, augusta Mãi, Avó, Consorte,
Ella viu, na miragem da saudade,
do desterro sem culpa, — o seu abril!
— o seu multiplo amor, — o Esposo, os Filhos...
sonhos de tantas glorias e venturas,
tantas prosperidades, tantos brilhos!
os bens que semeou por sua mão
e os prantos, a miseria, as amarguras
que pôde suavisar com bem-querer!...
e disse: — «Nunca mais eu te hei de vêr!...
«nunca mais formosissimo Brazil!...

E evocava a celestial visão,
n'um tremulo de voz, sorriso e pranto,
que inspirára ao pincel um novo encanto
de *transfiguração.*
E alou-se para Deus a alma gentil
e partiu-se de dôr um coração.

IV

Que mal fizestes vós? que mal fez Ella,
a quem Deus aureolou de eterna aurora?
Volve, Senhor, a mim teus olhos baços!
dize-me os crimes teus, que o mundo ignora!
Que mal fizestes vós áquelles povos
que, nos seus pendões novos,
estrellas pintam, apagando a estrella
que tantos annos lhes guiára os passos
pelos caminhos da honra e da ventura?
Dize: qual foi o crime, a culpa, o erro
porque te condemnaram a desterro
que só tem de acabar na sepultura?

V

Inda hontem eu sorria, ao recordar-me
da *carta d'alforria* generosa
que trouxeste d'além das grandes aguas,
dada com pouco sangue e muito alarme.
Era um raio de luz na *luctuosa,*

procurando uma tregoa ás tuas magoas,
pois que, menos que drama, era comedia
que se representava no teu Rio.
Porém o palco é dividido: — a um lado
ha tripudios alegres no tablado,
e no outro ha pranto e morte; — uma tragedia! ...
Agora já não rio.

VI

A humanidade é má, se em multidão
conseguir os laureis d'uma victoria
ou a ganancia vil d'uma traição.
E por mais vil que seja sempre a historia,
ha de justificar os ganhadores,
e castigar as victimas da sorte.
E sempre, covardissima canção,
mendicante e servil, chamará — gloria —
ao crime collectivo e aos seus horrores!

Queres saber? — acho ventura a morte.

VII

A humanidade é má, cruel, damninha.
A biblia diz que Deus se arrependera

de haver creado o homem. Razão tinha.
Seja Cam ou Caim a humana fera,
ou mate ou escarneça,
que lhe importa, Senhor, que uma cabeça
cáia por terra aos golpes d'um cutello?
que n'um dia... n'uma hora! se embranqueça
o loiro, formosissimo cabello
d'uma fraca mulher? — Prorompam hymnos!
o povo, — o grão senhor, — o formidavel,
— o anonymo, — o inconsciente, — o irresponsavel
despenha-se, em triumpho, aos seus destinos,
em catadupa clamorosa, ingente...
nem sempre crystallina ou transparente.

VIII

E a multidão applaude-se! Que póde
uma voz, fraca e só, contra esses crimes?
ninguem, ninguem a escuta nem lhe acode,
a não ser com grilhões ou com mordaça.
— A multidão algoz vence. Depois
chega a historia e chama-lhes: — Heroes —.
chega a epopeia e chama-lhes: — Sublimes —!...
. . . . . .
Esqueceu a desgraça.

IX

Não penses que entre o povo e as monarchias
eu seja parcial da prepotencia,
como não sou tambem das anarchias.
Por estudo e por indole, a tendencia
da minha alma leal, mas insubmissa,
pôz o seu ideal n'uma trindade
que inda ha de ter direitos de cidade:
— Libertação, Verdade e sã Justiça. —

Cahir do throno um imperante, é grave...
É vago o adjectivo? Quem mais sabe
que diga e que precise o que eu não sei.
— É mui grave cahir do throno um rei;
— mais grave é cahir d'elle a monarchia;
— mais grave é vêr sem norte a ignara grey;
e, sem respeito a si, ao mundo, á lei,
vêr a nação perdida, no outro dia.

X

Diz a artificial — austera critica
que não ha coração, nem póde haver,
nos feitos e conceitos da politica,
onde ha direitos só, ou só dever,

— «A politica» — ! Mysterioso — verbo —
da moderna magia ! o passaporte
de todo o crime, — desde o roubo á morte !
grande salvo-conducto do protervo
que em todas as facções cabe e se ageita
e se faz serviçal e attenta e espreita
a monção de roubar ou de ferir,
em nome... do poder... da auctoridade...
do fraternal amor... da liberdade...
de tudo que o faz rir,
quando se vê no espelho da consciencia
que já perdeu com elle a austeridade,
e se vê bem ! — desmascarado e só.

Senhor, é bom morrer !
inda que por mais nada, por não vêr
as ulceras da nova decadencia,
e por não aspirar mais d'este pó.

XI

— «A politica exige-o
«é mister praticar um feito ousado,
«prova de força, que nos dê prestigio.» —

E pratica-se logo o acto immundo.

Esta a lei da anarchia.

— A Politica e — O Facto consummado — !
eis as *razões d'estado,*
Na America, na Europa, em todo o mundo,
que republica reja ou monarchia.

XII

Que não ha coração?!...
ou deve conservar-se mudo e quedo,
ante a fria razão,
nas maximas questões da sociedade!?...
Mas que mobil, que impulso, que segredo
logra convulsionar as multidões
e transmutar a face á humanidade?
é da fria razão? — É das paixões!
E as paixões d'onde vem?...
Dize, Senhor,
d'onde lhe vinha a Ella tanto amor?
e a ti d'onde te vem tanta saudade?

Hypocrita doutrina a das ficções,
e coitada de ti, pobre verdade!

XIII

Vens esperar a morte no degredo
— só porque a tua herdeira cria em Deus! —
no Deus a que jurára obediencia
como elles vão jurar, — mas vão por mêdo!

Mentirosa, servil *conveniencia*
que inda os não deixas proclamar-se — atheus — !
Haja uma ficção mais e adopte-a o povo
que acaba d'expulsar os seus *tyrannos*
e proclama e saúda o *credo* novo.

Como seja preciso, ainda alguns annos
conservar no Brazil d'altar e templo
ao menos um vestigio,
adopte um novo culto! — E ha d'isso exemplo.

O — Nada — é complacente; o — Deus — afflige-o?
pois busque entre as formosas de *Campinas*
(Sem aggravo ao seu pejo e ao seu pudor!)
a que ostente melhor — barrete phrygio;

que tenha o pé mais curvo e as mãos mais finas,
o olhar mais vivo e a face mais louçã,
as fórmas divinaes de mais primor;
e eleja a peregrina cidadã,
temporaria, se quer, — Deusa do amor.

Na hora propicia em que a Deusa o queira,
has de ir descalça, tu, varrer a esteira
da capella pagã, turma d'atheus!
tal como dizem que a Princeza herdeira
ia varrer o templo do bom Deus,
por sua propria mão...
Humildade christã, que foi virtude;
hoje, crime de tanta magnitude
que escandalisa a terra e brada aos céos.

Outro crime: — Aboliu a escravidão!!!

. . . . . .

Chora, Senhor! que mais podes fazer?
chora, perdoa e ama, e espera a morte.
Não sondes do futuro e negro arcano.

. . . . . .

Bem dizia Herculano
ao vêr o inferno dos baldões da sorte:
—«Ás vezes dá vontade de morrer!»—

A PATRICIA

EPISTOLA DE DESPEDIDA DE THOMÉ DE DIU

ao seu amigo o Ill.^mo^ e Exc.^mo^ Snr.

AUGUSTO CESAR BARJONA DE FREITAS

do Conselho de Sua Magestade e do d'Estado,
Doutor em direito pela Universidade de Coimbra, Par do Reino, Ministro
e Secretario d'Estado honorario, Gran-cruz de Christo,
Ministro plenipotenciario de Portugal em Londres, etc., etc., etc.

Meu querido Barjona!

Lisboa...
— Bom signal! LISBOA EXISTE
ainda, ao fazer d'esta,
em trem de capital, e régia e dona!
e, vês que o teu amigo aqui persiste,
emquanto o bravo inglez, — leopardo ou tigre, —
lhe não mandar que emigre
para terras de Gaza ou de Machona;
terras que Portugal teve, e perdeu,
como diz a Inglaterra e a Europa attesta;
e... tu bem sabes, — *todo o mundo é seu.* —

Lisboa 11 de março...
Um dia triste

para os annaes da historia e da justiça;
e para nós, de lugubre memoria!
para a bretã cubiça
porém, de quantos jubilos e gloria!

Meu querido Barjona, meu amigo!
eu sou aquelle rabugento e velho
Thomé de Diu que... ha talvez 20 annos,
d'enganos saturado e desenganos,
vinha das Indias conversar comtigo
a respeito das prendas da Inglaterra,
e semear, debalde, um bom conselho
na sua ingenua terra.

Inutil ingratissima canceira!
Negaram-se a aceitar-lhe o depoimento
do que viram seus olhos.
Colheu da devastada sementeira
sizanias só, e abrolhos!

Hoje o que disse então é documento,
mas, tarde para a paz ou para a guerra.
Bem sabes, meu amigo, se o lamento!
não é por mim, é pela nossa terra.

Que fazes tu n'essa Carthago ingente,
que afoga em latrocinios a existencia?
que vive e ha de morrer impenitente
porque não tem consciencia?

Até me disse um medico: — A Inglaterra
é bem mais desgraçada que ferina;
doente, por doença nos faz guerra!
— E que doença tem?
— Fome canina. —

Grande jurisconsulto, as leis que estudes,
o direito que sabes e professas,
as razões sociaes em que te escudes,
requisições, offertas, ou promessas,
a analyse, — a exegesis — dos tratados,
geito, argucias, ternuras, paciencia,
apostrophes candentes, ameaças...
amigo, tem paciencia!
mas faças o que faças,
só estás pagando ahi os teus peccados;
que os tens, dizem más linguas, que não eu!
por mim ou tal não sei ou tal não digo;
porém, se é certo, parabens, amigo!
vaes direitinho ao céo!

Quando se chega a ser jurisconsulto
dos teus quilates e do teu prestigio,

mudam-no d'homem logo em bruxo ou spectro.
Reverentes, piedosos!... — mero insulto! —
vão tiral-o, em andor, do seu fastigio,
dão-lhe, como a Jesus, corôa e sceptro
e dizem-lhe: — Essa vida é bem consagres,
— glorioso final de sabias lidas! —
a fazeres milagres! —
E mandam-no advogar... causas perdidas!

Suicida-te infeliz! Faze-te morto,
se não tens a coragem de matar-te.
Estás na terra em que o direito é torto
e o latrocinio, de preceito e arte.
(Arte de primitivos artificios;
processos de *pick-pocket* — ampliados).
Foreign-Office, a casa d'exercicios
e de ensaios geraes da *companhia*,
expede, noite e dia,
catervas de farçantes amestrados,
— consules, padres, alcools e vicios,
nas hostes de crueis aventureiros,
— corsos, — no mar, na terra — bandoleiros.

Já viste o grão-ministro, o omnipotente
da moderna Carthago?
archi-feroz comnosco e archi-prudente
com visinhos do norte e do occidente,

por causas que não sei, nem mesmo indago?
Se uma hora de repouso t'o consente,
dá-me noticias d'esse *honesto Iago.*

Toma cuidado, que elle é mau e astuto!
Escuta e não te esqueças:
tu és — *Augusto* — e — *Cesar* —, elle é *Bruto.*
Bem sei que emquanto a manhas, pedes meças,
mas tem-te sempre em guarda,
emquanto d'essa terra não voltares.

Ainda bem que não tarda
a recobrar-se a camara dos pares
da tua estranha, lamentavel perda.
Por mais que digam, muita gente aceita
que o governo se quiz dar-te a direita,
foi pelo gosto de roubar-te á *Esquerda.*

Tu não reparas n'este geito brando,
n'este frio, sereno murmurar
de phrases sem vigor, agora, quando
em côro as patrioticas paixões,
rubras, estrelejantes e candentes,
bramam, como leões,
silvam, como serpentes,
n'este jardim da Europa á beira-mar?...

Ninguem me viu, amigo, n'um comicio...
(— *meeting* — é prohibido, o inglez é crime),
não sou da *Executiva*, do Rocio,
nem da *Liga do Norte*. Ainda um convicio
não soltou do meu peito o horror sublime,
escrevendo ou fallando. É que ando frio
ao vêr tanto ouropel, tanto atavio,
quando a verdade é núa, ingenua e franca!
e a paixão sobe ao céo ou desce ao inferno
sem procurar escada ou corrimão.

Inda não proclamei plano ou alvitre
de guerra, ou desaffronta da nação,
nem disse mal de ti nem do governo.
Podes crêr-me? nem ainda assassinei
o consul Crawford, o ministro Petre!
Tambem não proclamei contra o monarcha,
nem ousei patear o patriarcha.

Fiz bem? fiz mal?... Que por traidor me tomem!
— Falta uma voz a que obedeça a grey!
Ha córos, ha bramidos, versos, prosas,
protestos, raivas, dôres pavorosas!
ha tudo... e tudo falta! — falta um homem!
Falta quem toque a unir e chame á gloria
esta heroica nação, ... se ella desperta!
que nos mostre o caminho da victoria!...
que nos leve a morrer, se a morte é certa.

Ceder só! transigir! transigir sempre!
hontem! hoje! ámanhã!...
depois!... inda depois!... sorte villã!!
simular de nação, e nem colonia
ser, de potencia nobre que nos vingue!...
Nome! epopeia! gloria que se extingue
n'uma agonia torpe e miseranda!...

Comprehende-se a Polonia;
a nobre Hungria; a trucidada Irlanda;
a Noruega, a truncada Dinamarca,
tão nobre e tão leal,
que ao vêr-se espedaçar não solta um grito;
mal se comprehende o Egypto,
e, menos do que o Egypto, — Portugal.

. . . .

Que fazes tu em Londres? um tratado?
Que pedes a Salisbury? uma graça?...
Olha por ti e olha por nós! Cuidado!
Levem-nos tudo! tudo!...

Vês, amigo?
ia a dizer loucuras!... Pobre velho!
como ha 20 annos, a ralhar comtigo!...
É que não tinha ao pé de mim o espelho.

Se tu visses o povo teu patricio!...
como o fez a desgraça!
anda, absorto, a correr desorientado,
n'um constante exercicio
de marcha, contra-marcha, acclamações,
visitas d'amizade (!) ás legações,
de — vivas — á policia que o vigia
e á guarda, que o arrebanha na enxovia
e o mette nos pontões!
que lhe tolhe o comicio,
onde elle quer, não — conspirar —, coitado!
porém... matar o vicio:
— fazer um deputado!...

Fazer um deputado! — uns deputados,
em tempos de perenne dictadura!...
. . . . . .
Chegaram pois á meta da loucura
— *As armas e os barões assignalados!* —

vou fazer-te uns pedidos,
que para nada mais venho escrever-te:

I

Nos ocios teus, que devem ser compridos,
pois que tens a fazer — não fazer nada

n'isso de diplomaticas intrigas,
antes do teu reembarque
vais, certo, espairecer por *Hyde-Park*
os teus cinco sentidos.
Attenta bem no bando fulgurante
das nobres, formosissimas inglezas;
calcula-lhes contornos e estaturas,
seguindo na carreira
as lendarias bellezas,
as mais preconisadas formosuras;
e, peço-te medites e me digas
se, — no teu parecer, — d'algumas ligas
vale a pena fazer a — *Jarreteira.* —

Sei que isto que te peço é fatigante
e te ha de importunar, mas tem paciencia.

II

Segunda impertinencia:

Vê se encontras familia, — descendentes
d'Hobes, o retratista mais perfeito
dos governos fataes d'essa Inglaterra.
Procurarás tambem vêr os parentes

de Maltus, — regedor das procreações;
um — *genesis* — do avêsso ou contrafeito.
Que dois grandes varões!!
Hobes, horror dos pais! Maltus, das mãis!

Se os encontrares, dá-lhes parabens.

III

Terceira:
Espero e peço
que procures de Major a morada,
— do auctor da *Historia,* conscienciosa e honrada,
do Infante D. Henrique;
d'esse louco fatal que deu começo
aos epicos trabalhos afamados,
— *por mares nunca d'antes navegados.* —

Não sei se *Major* vive ou se é já morto.
A elle ou filhos seus, — de certo os vês, —
pede-lhe, com empenho, que te explique
com que fins escreveu aquella historia
e nos pôz em relevo tanta gloria,
sem nunca se lembrar de que era inglez?

Se, por nos collocar n'uma evidencia
que offerecesse um alvo ao seu governo,
dize-lhe que nunca houve penitencia,
nem Deus nenhum creou tão negro inferno
que valha essa flagrante aleivosia.
Se deixou, imprudente, a consciencia
fazer justiça a quem julgou que a tem...
agradece-lhe o mal que fez por bem.
Mas em troca da sua sympathia
dize-lhe, — e que te aceite a competencia, —
que, se alguem descobriu, não fomos nós:
foi *Buchanan*, foi *Jonston* e foi *Ross*.

IV

Quarta, e findo aqui:

Um dia, has de lembrar-te, — um grande dia!
dia de Josué! o sol parado
viu Portugal absorto, allucinado
inundado de glorias e alegria.

Entrou no Tejo uma brilhante armada
arrogante, louçã, empavezada
de galhardetes, flammulas, pendões.

Vinha do roseo oriente,
amimada, feliz, aurea, contente;
e trazia pantheras e leões,
tigres, chacaes, hyenas e camellos:
bichos de qualidade em quantidade.
Toda a gente ia vêl-os
na jaula. Uma loucura, na cidade!

Que noites e que Tejo! A bordo e em terra
fogos presos e soltos, luminarias
de côres mil, phantasticas, divinas,
duplicadas nas aguas crystallinas,
espantavam a gente e as alimarias.

O velho Portugal e a Inglaterra
de braço-dado, como dois amores,
sem terem de franzir os supercilios,
gesto nobre de reis que impõe aos povos,
andavam — como novos, —
por entre saudações, hymnos e flôres!
Que triumphaes idyllios!

Por um d'aquelles dias festivaes
quiz o principe vêr Cintra — a formosa.
Não era pelas fontes e os rosaes,
que elle não é beb'agua nem romantico;
— por mais d'uma lembrança gloriosa
da grã-bretã pujança.

De Byron ia lêr, na Serra, um cantico
do *Chyld Harold;* o cantico sublime;
em que mais nos deprime.

Depois, tinha esperança
de visitar na villa o paço... dorico...
ou mais devia ser, desde o momento
em que a sorte o fizera monumento
d'um feito egregio da Inglaterra, — historico —:
— a doação generosa feita á França
pelo bretão colosso,
de tudo... que era nosso!
— «De tudo?» — ha de entender-se — o mobiliario;
do mais, de quanto era — urbano e terra, —
teve dominio e posse a Inglaterra,
e consta de inventario.

Vinha o principe, — (e fica isto indicado),
colleccionando os animaes symbolicos
de cada povo e sitio visitado,
fossem mouros gentios ou catholicos.
Trazia do Industão tigres e hyenas;
leões, da Nubia; de Maçuá, macacos;
de Chypre... perdoarás divino Olympo
e perdoareis, Camenas!
de Chypre, hoje que está — britannisado —
cousa muito peior que — profanado, —
evidente signal de pouco limpo,
de Chypre, só carneiros e javardos;

dos pantanos orientaes, os leopardos,
e cavallos, da Arabia;
o urso lento e cruel, dos Dardanellos;
cães, dos Alpes, e lobos, da Calabria;
do velho Egypto, mumias e camellos.

De Portugal que bicho levaria?
um raposo saloio?... um cão rafeiro?
esse é lá das montanhas, — rijo e bravo,
não lhe symbolisava o reino inteiro.

Eis, n'isto, uma jumenta mansa e parda,
de focinheira esguia,
se offerece ao herdeiro da Inglaterra
para subir á serra.
E vem toda enfeitada! O freio e a albarda
são quasi em folha; os atafáes são fôfos!
as orelhas a prumo! — uma *gineta!*
por traz, um bom xarel;
xabraque de variadissimos estofos,
com cercadura preta;
mestra, a cilha, e dobrada, tudo aguenta;
uma flôr, o demonio da jumenta!

Montou, subiu, correu... era a seu gosto!
firme, prudente, mansa, obediente,
manhosita, mas só se lh'o consente
do cavalleiro a espora ou a chibata!...

Bem sabes n'essa tarde, era o sol posto,
entrava para bordo a burra parda
que, em Londres, — com albarda ou sem albarda, —
(perdão!) nos representa e nos retrata.

Espero pois, amigo, que não venhas
da capital bretã
sem que, por vias e noticias várias,
busques, onde estiver, essa patricia...
digamos tudo: — essa nossa irmã. —
Encontral-a talvez na estrebaria
que o principe fez — *album* — d'alimarias.
E dá-lhe — senhoria! —

Depois, como ha de desejar noticia
da longa, da intrincada parentella
por parte de seu pai e de sua mãi,
lista que só por si enche um capitulo,
dize-lhe, — só a ella! —
que todos passam bem.
Que alguns, puxados a gran-cruz e tituto,
se vão já dirigindo para o paço,
(e ensaiam para isso aprumo e inchaço),
onde esperam ser mestres e modelo
de nobres e d'honrados servidores;
outros, são do governo (isto sabe ella);
outros, syndicateiros, grãos-senhores
que, após um longo tirocinio em pêllo,
se contentaram com a modesta albarda;

que, a pouco trecho, conquistaram sella;
que emfim, agora, já botaram farda.
Que dos que se conservam mais modestos
ha bem bonitos potros.
Que o numero maior é de politicos;
e que ha por cá zuns-zuns
de que vêm pares, uns,
e deputados, outros;
— a providencia dos momentos criticos! —
Que alguns são nervo e alma dos comicios,
onde proclamam o exterminio, a guerra!
Que outros, os mais violentos,
dão de loucura já serios indicios;
(e é pena! que talentos!)
e tudo isto *ad uzum* da Inglaterra.

Verás como ha de ouvir-te commovida
e saudosa da antiga parentella!
para todos os seus ha liberdade,
ella... solteira, ha de morrer donzella!
e aqui... tão libertina sociedade!

Dizem ter importancia e influencia;
então, se te parece, á despedida...
sobe!... alteza inda não! dá-lhe — excellencia. —

. . . . . .
. . . . . .

Basta! Perdoa, amigo, este gracejo,
que tentou esconder-te immensa magoa!
se me visses, verias com que pejo
te sorriam meus olhos, rasos d'agua.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Sabes? eu já não sei se dementados
são esta gente ou eu! O horror e o tedio
que eu sinto por mim proprio, e os meus cuidados
um remedio só têm: — não ter remedio.

Serão ante-visões d'uma demencia?!...
Põe no exame a justiça da amizade
e dize-me, com a mão na consciencia,
se o que eu vejo é illusão ou se é verdade.

Enlouqueci, talvez! Em cada phrase
Viste a allucinação dos meus sentidos?!...
Pois, quando ao teu paiz chegar a phase
da esperteza villã, — somos perdidos!

Perdidos no respeito do passado;
perdidos no presente, — um ermo escuro; —
e perdidos no empenho mallogrado
de seguir nas conquistas do futuro.

Viver!... durar... gemer... andar de rojo!...
Pensa que estamos, quem grilhões nos forja,
como o leão decrepito no fojo?
O traidor mente e mente pela gorja!

É preciso pagarmos o arremesso
aos miseraveis que por tal nos tomem.
Não faltam brios n'este povo oppresso.
Não faltam homens!— só nos falta um homem,

que faça unir e que nos chame á gloria;
que nos conduza entre os vaivens da sorte;
que nos mostre o caminho da victoria...
que nos faça matar, se é certa a morte!

Dos leopardos, após, venha a alcateia
cevar-se á nossa campa solitaria.
Pois legamos ao mundo uma epopeia,
dispensamos legenda funeraria.

E que nos poupe a *compassiva gente,*
— com isso embora se interneça ou goze, —
ao — *miserere* — em cantochão plangente;
aos — *hosannas* — triumphaes da apotheose.

— «Ser ou não ser»... — A honra é que destina
o praso da existencia ao povo honrado!...
— A Salisbury poupa esta doutrina,
ou não chega a entender-te o arrazoado. —

Se te elle asseverar, falseando a historia,
que — *tudo* aqui é seu, — nega! e accrescenta,
que n'esta patria, de que és filho e gloria,
nem tudo é parentella da jumenta.

Ha d'isso! e vê-se, em rebeldia e manha,
a raça da patricia, archi-atrevida;
mas, se a nação marchar, ella acompanha!
são fiadores — o chicote e a brida.

. . . . . .

E então? — Incorregivel! — Planta exotica!...
Não me tornas a vêr, emigro. Adeus.

Sabes? no meu delirio...
anhelo da minha alma ou illusão d'optica,
vislumbro, entre as extremas esperanças,
que nos havemos encontrar nos céos;
tu entras pela porta do martyrio,
eu, por uma, das Bemaventuranças.

Vou para terras d'Africa:
por derradeira vez transponho o mar;
vou vêr se alli comsigo dar na vista;
e não m'o tomes tu por desvario.

Na mania que tem de... se alastrar,
quero vêr se a Inglaterra me conquista;
pois, com sorna malicia,
teimam commigo os primos da patricia
que estou por conquistar!!

Se por lá poder ser-te prestadio,
não tens senão mandar
o teu do coração
Thomé de Diu.

NOTAS

NOTAS

DISSONANCIAS

É difficil baptisar um livro; especialmente um livro composto de muitos poemetos, cada qual com assumpto especial e diversa fórma no contexto.

Este nome porém parece convir ao livro: — *Dissonancias.* —

Não podia chamar-lhe — satyras —, embora os seus cantos se aproximem d'esse genero de litteratura; alguns, ao menos. As satyras censuram e condemnam, e aqui antes ha queixumes que censuras ou condemnações.

Este livro destoante de tudo quanto está estatuido, aceite, lisongeado, applaudido, legalisado pelos costumes, pela moda ou pelo capricho, que tem tudo isso chancella d'auctoridade, não póde agradar a ninguem porque nenhum abuso exalta, nenhuma vaidade reverenceia, nenhuma auctoridade aceita, sem discussão.

Andam por ahi umas heresias mettidas em todas as religiões, umas religiões abstrusas mettidas em todos os templos; tudo isso tem hymnos e córos e orchestras; este livro é, no meio das heresias, uma censura; no meio das religiões novas ou renovadas, uma heresia; no meio dos hymnos, um *miserere;* no meio dos córos, uma desafinação. — DISSONANCIAS. —

Entra na politica a pedir justiça; entra no concilio a pedir liberdade; aos *livres pensadores* falla em Deus; aos Jesuitas, em probidade; aos poderosos, em indulgencia; aos fracos, em dignidade; aos moços em juizo; aos cidadãos, em patriotismo; aos sonhadores, em bom senso. Destôa de tudo e de todos. — Immensa inutilidade!

É um livro excentrico, insubmisso, descontente. Nasce d'um espirito a que tudo se antolha caminhar errado e desorientado: — a liberdade desunida em duas phalanges, marchando — uma para a licença, outra para a tyrannia; as religiões, para o mercado; o commercio para o contrabando; o valor para o saque; a philosophia para o dogma; a historia para o sonho; a sciencia para a crystallisação; a poesia para a montureira.

São notas que soam e morrem logo; não têm ecco em que se reproduzam e prolonguem.

A proposito d'este livro de DISSONANCIAS e do espirito que o dictou, vem, contar-se a historia d'um amigo do auctor. Ás vezes uma historia elucída mais e melhor que uma explicação.

Perto da cidade de Vizeu, entre os rios Pavia e Dão, vivia no Loureiro, na sua casa solarenga, um fidalgo de velha e preclara progenie, morgado do Loureiro: — Manoel Casimiro, senhor de grandes propriedades e herdeiro de gloriosas tradições.

Manoel Casimiro do Loureiro tivera uma educação esmerada; porém, desequilibrado de nascença, aos 25 annos tinha endoidecido. De muito religioso que era, passou a ter um grande odio a Deus; e por noites de lua cheia, que elle julgava um oculo aberto no céo, espingardeava o padre eterno d'uma das torres do seu solar.

Os seus padecimentos foram-se-lhe accelerando e multiplicando; e uma lesão da espinal-medulla acabou por fazer-lhe perder o equilibrio.

Parecia-lhe que tudo em volta d'elle estava prestes a cahir e por isso resistia, ás vezes com violencia, ao apoio que se lhe dava, exclamando em gritos afflictivos: — « Impossivel viver! A terra está muito molle! o ar é muito leve! a agua, muito fria! o fogo, muito quente! »

E todos os sêres: — arvores, torres, paredes, mezas, cadeiras, leitos, oscillavam em volta d'elle, ameaçando-o, em vez de lhe offerecerem um ponto d'apoio!

O auctor d'este livro viveu muito perto do infeliz Manoel Casimiro; e muita vez tem pensado, ao escrever as suas DISSONANCIAS, se não herdaria d'aquelle enfermo algumas visões de allucinado, e se os desequilibrios que accusa não estarão na sua imaginação.

Antes assim fosse! mas infelizmente não é.

O leitor, se ha leitor que chegue a esta nota, ri da ingenuidade com que o poeta aviva uma suspeita que elle provavelmente já tinha!...

É muito discreto, o leitor, mas não percebeu a verdadeira intenção com que se escreveu esta historia?

A de lhe não dar alviçaras.

«Paga de róes e juros atrazados
«sem lhe valer a benção apostolica»

(Pag. 10).

O auctor d'este livro deveu ao snr. D. Luiz I muitissimos favores e graças, que só lhe pagará em saudades no decurso de toda a sua vida.

Presenceou tantas virtudes do monarcha e assistiu-lhe a tantos lances de agonia, que, ao contemplar o seu feretro, na igreja de S. Vicente de Fóra, quasi agradecia a Deus haver-lhe concedido a sua libertação.

Foi n'esta situação do seu espirito e do seu agradecido sentimento que o cardeal patriarcha veio affirmar que o rei estava padecendo no purgatorio até que se purgasse dos seus peccados! Crudelissima affirmação que a ser verdadeira em nada minorava os soffrimentos do condemnado, compungia os que o amaram e escandalisava mesmo os que tivessem duvidas sobre o fogo lustral intermédio para a preparação dos bemaventurados, no rito catholico.

É certo que a igreja estava pedindo misericordia para a sua alma, o que para muitos era apenas uma pompa funebre de saudades, visto que

a indulgencia plenaria do pontifice, que tem os poderes de Deus para prender e soltar, tinha descido sobre a sua cabeça moribunda.

— *Plenaria!* —

Indulgencia quer dizer — perdão; *plenaria* quer dizer — *completo.* Que perdão completo é esse que não isenta do purgatorio?!...

Este livro não podia passar na meza censoria e talvez não fuja ao *index.* Póde salval-o a sua modestia, que o não deixará chegar a Roma.

Tambem póde salval-o n'este e n'outros pontos, que mais ou menos vão implicar com padres, o alto espirito do pontifice, que sabe fazer justiça a quem a tem (tudo está em que o deixem fazel-a), e que não póde desconhecer que o auctor do livro fez honra á sua benção e ás suas indulgencias, o que nem... ás vezes, fazem os mais altos dignitarios da igreja.

... «E acaso do presente
« garante alguem a flôr? o fructo?...»

Pag. 14.

Depois de escriptos estes versos, em que se punham em duvida os sentimentos da nova geração, vieram os acontecimentos d'Africa, veio a affronta ingleza, e a geração novissima fez-nos reparar nas duvidas alli expressas. Parece que a gente portugueza quiz acordar do seu lethargo secular e á frente da nação ergueu-se a mocidade, especialmente a estudiosa, a que tem de tomar sobre os hombros a pesadissima cruz do governo de Portugal. — Pesadissima porque mais facil mil vezes é governar os grandes e poderosos paizes que têm navios e exercitos e dinheiro e população, do que os pequenos estados a que faltam ou todas ou muitas d'estas condições. Ainda a Suissa, ainda a Belgica, ainda a Hollanda, que não têm dominios ultramarinos ou têm concentrada a sua administração, podem governar-se sem grandes sobresaltos e sem grandes attritos; mas Portugal não póde.

Com um grandissimo imperio ultramarino onde cabem e onde seriam precisos mais de 60 milhões de brancos para bem o povoar e o explorar,

no sentido d'uma civilisação productiva, transportou, Portugal, durante muitos annos, a Africa para o Brazil; e quando este se emancipou, a Africa estava deserta.

Já Affonso d'Albuquerque, attentando na falta de gente portugueza, intentára na India substituir a colonisação e a força da metropole pela constituição da familia, enlaçando europeus com indigenas.

No mesmo pensamento se baseou, no seculo XVIII, a constituição dos prazos da corôa em Moçambique; mas alli não se acclimava a gente branca; ao menos sem a experiencia d'alguma estação intermédia; e os senhores dos prazos acabaram por vender os colonos, na grande febre do trafico.

N'estas circumstancias é difficilima alli a nossa sustentação, que depende d'um assiduo e longo trabalho; difficilima especialmente com a visinhança ingleza que não consente marcos nem reconhece direitos de propriedade ou de soberania. Exceptuando os seus.

Durante largos annos acreditou Portugal na amizade da Inglaterra. Tinha necessidade de acreditar em alguem. Paiz fidalgo, affectivo, enthusiasta, sentia necessidade de acreditar em amigos. Carecia d'apoiar-se n'uma alliança, receioso, como sempre estava, da visinhança hespanhola.

Nos seus apuros politicos fechava os olhos ao procedimento inglez, aliás pouquissimo para fingimentos ou hypocrisias, forçoso é confessal-o; e quando alguem lhe fazia notar as felonias e aleivosias britannicas, revoltava-se contra o aviso e o acautelador, julgando mais commodo continuar a fingir-se ingenuo do que entrar n'um regimen de cautela que na sua desesperança tinha por impossivel, e, na sua preguiça, por incommodo.

Os poderes publicos desharmonisavam-se, logo que se tratava de interesses coloniaes e o paiz absolutamente ignorante, até dos rudimentos da geographia das colonias, deixava-se explorar por mal intencionados, e revoltava-se contra quaesquer medidas tendentes a emendar os nossos erros vetustos. Dava-se e dar-se-ha ainda porventura esta anomalia fatal: dizia-se ao povo que de nada fazermos podiamos ir perdendo as nossas colonias; erguia-se indignado contra essa perda; pediam-se meios para

acudirmos por ellas, com gente, navios e dinheiro; erguia-se indignado contra esse *esbanjamento;* propunha-se o regimen de companhias, bradava que se iam *vender as joias preciosas da coróa de Portugal.*

Até que o governo inglez chegou a irritar a nossa fibra patriotica, mais sensivel a uma brutal descortezia do que a quantos roubos nos tem feito; e tem sido muitos e grandissimos. Transigimos com o ladrão mas não aturamos o insolente. De nós tiveram tudo, tudo! A nossa casa era sua e como sua quasi a governavam, em seu proveito, é certo; um dia porém entraram n'ella de chapéo na cabeça; Portugal não pôde fechar os olhos.

A mocidade ergueu-se contra o insulto; e quando alguma facção a queria chamar ao seu campo e insinar-lhe as suas acclamações egoistas ella respondia-lhe: — *fóra a politica!* —

Passados dias porém a idéa generosa da patria começou de abastardar-se, e, de grande religião, começou a descer em degenerações até ás idolatrias.

Um mez depois do generoso e digno protesto escrevia um estudante (e publicava-o na imprensa):

— « Abaixo a monarchia! — abaixo o governo! — abaixo a policia! — abaixo a religião! — abaixo os exames! » —

Isto foi um; mas não deixa de entristecer que elle escolhesse o momento do protesto patriotico para escrever aquillo.

A mocidade, comtudo, a mocidade estudiosa continúa a associar-se e a mostrar-se desejosa de aceitar com animo viril todos os nossos encargos. Oxalá elles desmintam os receios que a seu respeito se aventuram n'este livro.

— « Depois um novo Egypto... »

Pag. 16.

A intenção tradicional do governo inglez é absorver-nos. N'este desejo porém não temos que agradecer-lhe o exclusivo do appetite, só podemos ser-lhe gratos á preferencia.

Nos orgulhosos sonhos da Inglaterra, allucinações, talvez, da grande

senhora dos mares, nós somos apenas os primeiros, na honra da sua faminta absorpção. Depois de nós os outros povos a começar pela Hespanha, que lhe ficará collocada entre Lisboa e Gibraltar ; depois de Hespanha a Italia, as duas peninsulas que ousam estar mettidas no seu mar. — O mar é todo inglez. —

Á Italia já o governo de Londres a metteu em Massouah, onde os seus Rassam e Cameron esperam ensejo para novas investidas quando o nome inglez fôr menos odiado na Abyssinia.

Pobre Italia, que amiga escolheu!

Depois... É d'esperar que o sonho da raça messias lhe degenere em pesadelo e que tenha a sorte que merece o paiz que, no conceito de Heine, *o mar não quer engulir pelo nojo de o vomitar.*

Emquanto porém não chega o desengano providencial ao *povo messias,* nós estamos no perigo d'entrar para a sua posse a titulo de refens, como entrou o Egypto, onde elles agora descobriram (e vão levar para Londres) a mumia de Cleopatra ; que, verdade, verdade, elles têm de tudo e bom. Até museus, dos melhores do mundo! como se tivessem vislumbres de gosto artistico.

Ha quem julgue que o governo inglez só quer os nossos dominios ultramarinos ; enganam-se ; o governo inglez quer a peninsula iberica e quer a peninsula italica ; para chegar a isto vai estabelecendo o cêrco : — Gibraltar, Malta, Chypre e além, perto, o Egypto que intenta não largar mais ; no archipelago grego quer tomar pé e para isso roça-se com delicias pela ilha de Cândea. A Massouah irá chamando forças italianas para oppôr a difficuldades cada vez maiores que opportunamente, o governo d'Aden e os seus missionarios, sempre a postos, lhes saberão levantar.

A Inglaterra não se apressa, mas nunca desiste. Quando chegar o seu naufragio um só inglez que escapar julgará que é a Inglaterra, herdará as malversações e os vicios do seu governo e fará na esphera das suas forças milagres de malvadez, para honrar as tradições da administração que representa.

A Inglaterra... o governo inglez procurará todo o pretexto para nos possuir, — aqui, — porque este lhe será o seu caes da Europa.

Para lá do estreito de Sund sabe elle onde encontrará outro, e facilmente, porém mais tarde. A Europa meridional é que lhe está balisando os caminhos mais curtos da India e de Africa.

Depois do Egypto, nós, — segundo espera o governo inglez.

« TE DEUM »

Pag. 35.

Quem actualmente quer locupletar-se á custa alheia escolhe, para victima, Portugal. Um dia vem a França arrombar-nos os cofres publicos para indemnisação dos seus negreiros; outro dia vem a « Propaganda », submisso o pápa, roubar-nos o *padroado*, e todos os dias a Inglaterra nos rouba a Africa.

Muito ricos eramos, na verdade, para termos resistido a tanta invasão, a tanto arrombamento, a tanta *razzia*, a tantas depradações!

Ás vezes percorremos o mappa-mundi e pasmamos do que temos perdido.

A começar na costa d'Africa occidental: — Bolama que é nossa por milagre da justiça, mas nos esteve roubada; — Fernando Pó — Santa Helena —; Tristão da Cunha, — uma parte do Zaire; Cabo da Boa-Esperança (que nome tão portuguez!), Porto-Natal e...

Fallamos só de praias, portos e ilhas. Na India — Malaca, Dabul, Cananor, Cochim, Calicut, Baçaim, Surrate, Bombaim, Ilha de Salsete, Colombo, em Ceylão, uma grande parte de Coromandel, Molucas, Maldivas, Solor, Aden...

Valia a pena perder a memoria se a historia podesse morrer com ella.

Restava-nos na India, não já o imperio d'Albuquerque mas o de S. Francisco Xavier. Não era um mercado; não era uma industria; não era um centro de commercio; era apenas uma honra, um padrão de gloria para o nome portuguez; Leão XIII, o magnanimo, o illustrado, o interventor, o respeitadissimo, o escolhido para juiz em difficeis pleitos, ousa metter as suas mãos no patrimonio glorioso de Portugal e en-

contra um governo que ousa sancionar a iniquidade dos seus ministros.

D'este modo — roubam-nos as cidades nas Indias; roubam-nos as ilhas e bahias nos mares; roubam-nos os nossos dominios no interior da Africa; roubam, em Roma, os pergaminhos da nossa nobreza, não para os archivarem e guardarem, mas para os rasgarem ou falsificarem; que nos deixam afinal os nossos amigos e alliados, que tudo isto somos dos inglezes? que nos deixam os nossos pais e irmãos em Roma, que nós somos catholicos?

Nós somos o inverso do paralytico que se cura por suggestão. Imaginámos um dia que não podiamos andar e não andamos. Pois ou nós estamos effectivamente invalidos e morramos, ou podemos caminhar e caminhemos.

Este livro é um protesto que não exclue o advento d'uma desesperança.

« ENTERRO CIVIL »

Pag. 41.

Publicados esses versos nas *Republicas* — o auctor recebeu no dia immediato esta carta:

« ... Senhor.

« O pai d'essa infeliz creança que no dia... foi enterrada civil-
« mente não é um atheu, não é um bebedor, como v. parece inculcar,
« não é um insultador da igreja, é um pobre. Para que v. possa verifi-
« car a verdade do que affirmo, ahi vai o meu nome e a minha morada.
« Christãos eram meus pais, christão me fizeram, christão fiz esse meni-
« no que a morte me levou, de menos de tres annos. Não sei de que
« morreu, que não tive dinheiro para lhe pôr um medico á cabeceira;
« morreu de pobreza, talvez; uma doença que os medicos não conhecem,
« porque ninguem os chama para a verificarem, a não ser quando a jus-
« tiça pretende punir os pais, d'infanticidio.

« Amortalhada a pobre creança fui dizer ao meu parocho as cir-
« cumstancias em que me achava e pedir-lhe a esmola de m'o acompa-
« nhar á sepultura. Recebeu-me com má sombra e mostrou-me a tabella
« dos emolumentos que lhe competiam a elle e aos do seu cortejo.

« Sabia que eu era um artifice mas não sabia que ha dois mezes es-
« tava doente. Mostrei-lhe as cautelas da casa de penhores e respondeu-
« me que era sua conhecida a minha estrategia.

« Vim para casa resolvido a levar o meu filho, eu só, ao cemiterio.
« Appareceu-me á porta quem se promptificou a fazer-lhe o enterro de
« graça, aceitei o favor, certo de que Deus sabia mais do que o snr. prior
« quaes eram as minhas circumstancias. V. que tanto me aggravou em
« versos de tão plausivel indignação, venha vêr a morada do precoce
« atheu e do orphanado inquilino, e depois condemne-me.

« Sou de V...

« Travessa da...

« *F...* »

Ha lances bem tristes na vida! e quantas vezes os que se prezam de mais justos praticam iniquidades!

É infelizmente verdade! Christo morreu e os vendilhões tomaram posse da igreja. Nem todos os templos estão profanados; nem todos. Muitissimos, estão.

No dia seguinte o desventurado pai deve ter recebido esta carta que, para penitencia publica, agora se publica, visto que elle, o honrado martyr, a não quiz publicar:

— « Trabalhador honrado, ouviste ou leste a injuria
que sobre ti lancei, iniquo julgador?!
Tenho nos olhos pranto e a face ainda purpurea
por ter envenenado a tua immensa dôr.

E nem um brado só d'indignação, ai, pobre!
quizeste arremessar contra o poeta-algoz
que veio alancear-te o coração tão nobre!
Queixumes tens, não mais, na soluçante voz!

Que padre é o teu pastor!... Porque razão troveja
e inquire — d'onde vem a multidão d'atheus —,
a cathedra, o concilio, — a voz da santa igreja?
Que o procure na biblia ou que o pergunte a Deus.

. . . . . .

Ahi tens a confissão que, em plena consciencia,
faço da minha culpa; e leva um duplo fim:
publica-a pela imprensa, é leve a penitencia!
mas vingas-te do padre e vingas-te de mim.»

CONDE DE PODENTES

Pag. 47.

O conde de Podentes é já finado. Foi um varão preclaro e liberal sincero. Casou em Vizeu com a mais formosa filha d'aquella cidade, onde as formosuras abundam. Casou com a snr.ª D. Liberata da Silva Mendes, da illustre familia Mendes, a mais perseguida e atormentada por constitucional de quantas o foram n'aquella cidade e seu termo. Elle, sentenciado no Porto pelas justiças de 1828 a dar voltas á forca, foi depois mandado para as casas-matas da Torre de S. Julião da Barra, de que era governador o famigerado Telles Jordão; e ahi o conservaram até que se terminou a lucta.

Não foi elle dos mais infelizes dos encarcerados na Torre.

Medico pela Universidade de Coimbra, uma doença do governador-carcereiro o fez tirar da sepultura; e tão bem se houve com o doente que o rigor da sua prisão foi attenuado, e elle ficou sendo a providencia do presidio, muito mais abastecido d'instrumentos de supplicio que de remedios e confortos.

N'este poemeto se diz:

— «com seus Belfast-sphynge e Wellington-traidor.»

Traidor é chamado, principalmente porque, sendo ministro em Londres, d'um governo liberal parlamentar, d'um governo que havia re-

conhecido a legitimidade de D. Pedro IV em 1826, protegeu depois com a grande força da sua auctoridade a enthronisação de D. Miguel e a sua conservação no throno. Contrastou mesmo o procedimento dos ministros com o dos monarchas inglezes, quando chegou a Londres a rainha, Senhora D. Maria II, tristemente enganada pelo seu contrato esponsalicio, celebrado em Vienna, com seu tio, que impunemente e aleivosamente se apoderou do seu throno, dando por nenhuns os seus anteriores compromissos.

A Inglaterra, a *nossa alliada fiel,* foi já, então, quem mais contrariou os portuguezes que trabalhavam pela sua alforria.

Em Londres concediam, com muito má sombra, aos emigrados politicos de Portugal, os celebres Barracões de Plymouth; e quando elles tentavam ir para a Terceira, terra sua, terra portugueza! mandavam bloquear a ilha e fazer fogo contra os navios que levavam portuguezes a terras de Portugal.

Um grande poeta cantou em versos épicos as nossas glorias; pois mais heroicos temos sido na resignação com que temos supportado os nossos revezes e tormentos.

N'isso é que teriamos sido verdadeiramente grandes, se não parecessemos alheados.

— « Com seus Belfast-sphynge... »

Pag. 48.

A vinda do vapor inglez *Belfast,* em 1828, ao Porto, no intento de fornecer generaes e direcção aos revoltados liberaes, que, infelizmente, á sua chegada haviam retirado da Cruz dos Morouços para o Douro, trouxe um relampago d'esperança á causa da liberdade, relampago que deixou, apagando-se, mais caliginosa a noite que começava. Ainda hoje a sombra de *Belfast* apparece espectral na penumbra da nossa historia; e, para muitos historiadores ou testemunhas presenciaes, sempre ficou mysterioso o apparecimento e desapparecimento d'aquelle navio, onde vieram e voltaram os mais importantes homens da nossa pleiade liberal.

Entre elles vinham Palmella, Saldanha, Terceira; vultos de primeira grandeza.

Chegaram ao Porto; entregou-se-lhes a direcção, a administração, o commando; as forças, vencedoras no Mondego, pediam que as guiassem a Lisboa para vingarem a sua inexplicavel retirada; o commando era confiado a Saldanha, que não sabia ter medo, e reembarcam todos! e o *Belfast* levanta ferro e some-se no horisonte dos mares, deixando decapitadas as forças da liberdade e da legalidade!... Porquê?

Porque Saldanha desconfiára que o queriam deslustrar n'uma aventura sem esperança; porque Palmella julgou que só a diplomacia podia valer á liberdade compromettida, e que mais valia negociar em Londres do que empenhar-se em Portugal n'uma guerra que viu perdida.

A tentação por Londres, a fé nos tratados, a esperança n'um governo tradicionalmente parlamentar e que reconhecera a legitimidade em D. Pedro, e portanto em sua filha, levou atraz do general, que chorava, o diplomata que appellava das armas portuguezas para o tribunal das nações. Enganava-se. Wellington era omnipotente mas não era liberal; era ministro inglez, era estadista preponderante da Gran-Bretanha e como tal, só queria e promovia o enfraquecimento, o decahimento de Portugal. Achava aqui um instrumento apropriado aos seus designios, protegia-o, de qualquer modo, mas — efficazmente. Contra o voto dos monarchas inglezes, contra as tradições da politica ingleza, contra o direito, contra a fé dos seus proprios actos, contra tudo! comtanto que tornassem este *seu servo* cada vez mais docil, mais sujeito, mais accommodaticio ao posso, quero e mando do governo inglez.

Ainda havia ingenuos que acreditavam ser a Inglaterra um paiz politicamente liberal, quando ella queria o systema parlamentar para monopolio exclusivo seu.

Os desenganos chegaram logo mas não aproveitaram. Nem os tiros de Walpolle nas aguas da Terceira, que fallaram bem alto e bem claro, lograram convencer-nos do nosso erro, e continuámos relapsos, até hoje, na obstinação da nossa amizade subserviente.

Ingenuos!

ODES DE VICTOR HUGO

Pag. 51 — 59 — 79.

Ha n'este livro tres Odes traduzidas de Victor Hugo: *Quiberon, As Virgens de Verdun,* e *Luiz XVII.* Não seria a vaidade a conselheira do traductor? Não foi. Incontestavelmente nada póde ser tão agradavel a quem se occupa de bellas letras como demorar-se na contemplação dos grandes modelos. Fôra desculpavel a vaidade de os reproduzir em imitações mais ou menos felizes. O que porém seduziu o traductor foi dar amostras de, — quasi postos na sombra, que no olvido nunca decerto hão de estar, — primitivos trabalhos de grande poeta. Muito fez n'elle a idade e mais ainda a politica, para lhe transformar, como transformou, as suas primitivas inspirações e tendencias.

A politica devêra ser prohibida aos poetas. Como ella opéra nos grandes sonhadores a transformação dos seus ideaes! Como elles se divorciam da Musa — uma divindade, — para desposarem a Popularidade — uma profana sem pudor! E como ella, a impudica, transtorna o estro do seu captivo, em tuba, nem sempre épica, de guerras fratricidas! as suas odes em hymnos de revolta, os seus poemas em proclamações, os seus sonhos em pesadelos, em inferno os seus paraisos! Victor Hugo, o auctor das *Virgens de Verdun,* escreveu *O Anno terrivel.*

Não se sabe quando foi maior; sabe-se quando foi luminoso e quando sombrio. Anjo sempre, mas em diversas atmospheras; antes, mais Deus; depois, mais homem. A humanidade locupletava-se á custa da divindade; a facção opulentava-se á custa da humanidade. Fortalecia-se, comprimindo-se. Passou de grande a terrivel; o seu canto fizera-se trovão; a sua luz fez-se raio. Deslumbrava e feria. O cantor de *Luiz XVII,* que fallava com Deus em favor dos innocentes e conhecia e executava a musica dos anjos, deixou as regiões altas e luminosas onde se librava, na intenção de ser o primeiro da humanidade. Aspiração archi-modesta para tão creadora creatura.

A eterna tentação da montanha exercida pelo demonio da politica.

A terra é um atomo, porém, vista de perto, parece o maior dos mundos; e, sobretudo, o mais apropriavel.

É possivel que estranhem este juizo. A mundaneidade applaudiu mais Victor Hugo — politico — do que Victor Hugo — sonhador. Paciencia. Este livro é de DISSONANCIAS. A popularidade tem direito a escandalizar-se com quem nunca lhe fez a côrte nem fará, porque não crê na sua fidelidade e menos ainda na sua justiça.

ESPARTA

Pag. 65.

Duas palavras, mão por mão, aos republicanos da nossa terra; que podiam ser ditas aos de todo o mundo, se por lá nos lêssem alguns versos portuguezes e notas a esses versos.

Espera-se d'este preambulo uma profissão de fé monarchica, d'um fanatismo intransigente. Engano. Os poetas seriam, como poetas, amantes da monarchia por causa de grandezas deslumbrantes, de feitos épicos, de dramas de maravilha pelos scenarios e pela sublimidade e entrecho do assumpto. Tudo que é grande os seduz, tudo que é luminoso os attrae. Mas elles sabem que os reis tiram dos hombros os mantos de purpura e arminhos quando sahem dos salões dourados, como os actores deixam nos camarins, ouropeis e caracterisações.

Todo o homem publico é um actor. Segundo desempenha o seu papel assim é applaudido ou pateado. Comprehendem isto os poetas; e tambem comprehendem que muita vez se formam, como nos theatros, partidos para applaudir ou para patear sem motivo. Ás vezes por capricho, ás vezes para interesseiramente substituir o que está.

Mas se o rei é actor que representa elle?

O primeiro papel d'um drama que se intitula — *A monarchia* — no theatro — *Nação.*

Que pois se applaude ou se pateia? o actor, ou o drama? Póde ser-se actor excellente em pessimo drama, e póde ser excellente o drama e pessimo o actor; e póde ser tudo mau ou tudo bom.

O que aos republicanos desagrada, pois que nenhum rei lhe serve, é o drama, é a monarchia. Quem lh'o póde levar a mal?

Porque motivos a combatem? — Porque ella é cara — (dizem elles).

É um pretexto e é um desprimoroso pretexto.

— Porque a monarchia representa um privilegio.

É uma razão.

Será sufficiente?

É grande. Funda-se comtudo esse privilegio (quando a monarchia é hereditaria) n'uma grande razão social, que tem muito que discutir.

Mas não basta decretar a prohibição do drama e a expulsão dos actores; convem saber que se representa depois e quem representa.

— O drama — Republica. —

Os actores, quem os escolhe e os nomeia? a tradição, o direito de raça? a lei? a urna?

A urna e as nomeações que, por delegação tacita, fazem os eleitos.

E depois como governa essa nova ingrenagem, que tem muito de velha? segundo a inspiração dos actores? É o poder pessoal. Segundo a imposição dos espectadores? é a olygarchia das massas. Só uma estricta e cega lei? é processo de machina em tribunal de torturas. Para isso nem é preciso um rei nem um presidente; basta um mestre de fabrica.

Uma republica nos agradava, e não é a de Platão. Devia representar:

«... — Um anjo bom, de risos fraternaes,
«assumpto singular de cantos immortaes;
«anceio do opprimido, esperança da orphandade
«com labios de justiça e mãos de caridade.»

Assim era boa de aceitar a republica; excepto para quem por interesse ou anomalia ponha os reis acima dos povos. Porém uma republica em que a *liberdade* seja valhacouto de anarchia, em que a *igualdade* consista na decapitação das grandezas, e a *fraternidade,* no enxovalho das *distincções* e no desrespeito das imminencias que a natureza cria ou o trabalho produz, não póde aceitar-se sem protesto.

Os povos devem caminhar para o seu aperfeiçoamento, que se traduza no melhoramento successivo das suas instituições. Arriscar cegamente a sua sorte, a sua tranquillidade, o seu trabalho proficuo n'um jogo aventuroso, será sempre uma imprudencia e quanta vez um crime.

As republicas não têm só partidarios nos povos, tambem os têm nas côrtes. Muitos reis e principes conspiram em favor d'elles.

Para que apressarem-se?

Na *Marselheza* escreveu o auctor d'este livro os versos onde se lê:

« Quereis vós um brado unanime?
« juremos que se algum dia
« as hostes da tyrannia
« nos vierem affrontar
« patria ou liberdade, impavidos
« venceremos como nobres,
« ou, entre incendios e dobres
« morreremos a cantar:

« — Ás armas, cidadãos! formai legiões, soldados!
« ávante! e um sangue impuro inunde os nossos prados. »

Este protesto é sincero.

EM CONTINENCIA

Pag. 71.

Grandes festas se consagraram em Lisboa a Capello e Ivens quando voltaram da sua trabalhosa travessia da Africa.

« Se dos fructos do seu labor fecundo
« o querem despojar ignaros povos.
« ergue-se e vinga-se em prodigios novos. »

Pois enganava-se a esperança do poeta. Estes *prodigios novos* se

alguma coisa produziram foi accender e afervorar a cubiça da Inglaterra, insaciavel na sua cupidez, inexoravel na nossa aniquilação.

Nem os velhos nem os novos *prodigios*, verdadeiros prodigios d'actividade, de civica devoção, d'intemerato patriotismo, lograram nem lograrão jámais defender o nosso direito documentando a nossa historia, tão heroica e tão humana.

A todos estes prodigios contrapõe-se a insidia das evangelicas missões do Nyassa, os contrabandos de Quilimane, as traiçoeiras machinações com os makololos, as notas diplomaticas de lord Salisbury, o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890.

É muito facil ser inglez, francez, allemão, russo. Não ha nada tão difficil como ser-se portuguez.

E nós teimamos e teimaremos em o ser.

Que ao menos a historia nos faça justiça.

Exceptuamos a ingleza.

A « MARSELHEZA »

Pag. 87.

Era na feira de Belem. Esta feira acabou. Um jardim municipal toma hoje o logar que ella occupava na praia do Restello defronte do convento de S. Jeronymo, o — *claustro-monumento*, — pois foi edificado para commemoração das viagens do Gama ás Indias orientaes, e *aborto do destino*, porque nunca se terminou; e ainda ha poucos annos cahiu uma parte da sua fachada principal que se andava concluindo.

A columna da infamia existe ainda, mas quasi de todo escondida por uns casebres que em volta d'ella se edificaram.

Esta columna foi mandada erguer pelo marquez de Pombal, como padrão d'ignominia á memoria do duque d'Aveiro justiçado com os Tavoras no largo de Belem, hoje de *D. Fernando*, por crime de lesa-magestade.

Havia, ha poucos annos, na base da columna, gravada uma inscri-

pção em que se lia ter sido alli *a casa de José Mascarenhas que se intitulou duque d'Aveiro;* e tinha a data da sentença que o condemnára e o motivo porquê. A casa foi mandada arrasar e o terreno, salgado. Era ainda um vilipendio. Condemnava-se a nem herva nascer alli.

Quando o poeta visitou pela segunda vez a columna, já não encontrou legivel a inscripção.

Da columna vê-se, da rua, apenas o capitel.

« PRO TEMPORE »

Pag. 97.

Este poemeto bem se conhece que foi inspirado pela ultima « concordata », que nos levou, contra o preceito expresso das antigas bullas pontificias, direitos sacratissimos e *irrevogaveis,* no dizer dos santos padres.

Muito ricos eramos nós, que depois de tantas perdas e tamanhas depredações, ainda não estamos pobres!

Aqui disputavamos mais pela honra que pelo proveito; a « propaganda », mais pelo proveito que pela piedade. Tudo nos levam; e por estas condescendencias successivas e interminaveis dos governos de Portugal chegaremos a andar dispersos, os que teimarmos na honra de morrer portuguezes, levando na mão o livro de Camões como cedula de naturalidade, já que não póde ser de visinhança. Dizem que Homero mendigava, cantando os seus versos acompanhado pela sua lyra. Nós não teremos voz para cantar nem ouvintes que nos entendam.

Convem dar uma idéa muito resumida mas essencial da espoliação de que fomos victimas na « concordata » de 23 de junho de 1886:

As bullas pontificias que *nos reconheciam* e não *conferiam* o padroado de todo o Oriente são explicitas no texto e no sentido. Nós conquistámos esse direito de padroado implantando no Oriente a religião catholica.

As bullas de Leão x em 1514, de Clemente vii e Paulo iii em 1539, e muitas mais tão terminantes como essas, *reconheceram-nos padroeiros*, e como taes nos consideraram, dando por *irrevogaveis* os nossos direitos e impondo censuras a quem attentasse contra elles, até que a cubiça dos padres começou de nos incommodar e de forçar Roma a cerceal-os.

Em 1857 fomos obrigados a firmar uma «concordata» pela qual era já posto em duvida o nosso direito.

Uma lucta de seculos nos forçava emfim a esse convenio, que teve nas côrtes a mais violenta opposição.

N'um *memorandum* que acompanhou uma nota do cardeal secretario d'estado para o nosso governo, *memorandum* que tem a data de 15 de abril de 1885, se lê:

... «Não foi um só ou dois pontifices que por uso extraordinario «tiveram de resistir ás pretensões dos ministros do rei de Portugal... «mas uma longa série d'elles; *quatorze papas*, no decurso de *dois seculos* luctaram continuadamente por esta causa.»

Era pois uma lucta incessante, pertinaz, sem tregoas que os padres travaram contra o nosso direito e nós sustentámos a guerra *duzentos annos!* defendendo-o e defendendo-nos.

Chegou porém o momento de cedermos, pois que só Roma póde fazer padres e sagrar bispos, sem o que não ha padroado catholico.

Milagre parece que tanto tempo nos fosse possivel luctar.

14 papas nos fizeram a guerra desde Clemente viii até Gregorio xvi. Chegou Pio ix e já não podiamos luctar mais, era o 15.º pontifice; força nos foi capitular.

A 21 de julho de 1857 assignava-se na respectiva concordata essa primeira capitulação.

Por ella ficavamos com a archi-diocese de Goa, e n'ella, e suas suffraganeas, com as dioceses de Cochim, de S. Thomé de Meliapor, Cranganor, Malaca e Macau. — 5 —. Além d'estas, uma que havia de fundar-se d'accordo com a santa sé. Ficavam além d'isto, com excepção de Hong-Kong, Paulo-Penang e Quamsi, na provincia de Cantão, todas as Indias orientaes para expansão do nosso padroado. Tres pequenos pontos eram exceptuados sómente.

Porém, acredital-o-ha a posteridade? Roma achou pouco o que nós lhe cediamos e repudiou a sua palavra e a sua assignatura!

Depois forçou o governo portuguez a aceitar a nova «concordata», a de 1886, em que nos deixou apenas, além de Goa e alli d'um patriarcha *ad honorem* e *pro tempore*, as dioceses de Cochim, S. Thomé de Meliapor, Damão e *ad honorem* de Cranganor, deixando-se á propaganda o direito de tomar posse de muitas das nossas igrejas.

Pois esta mesma «concordata», affirmamos aqui, não chegará á sua inteira execução. Roma não quer.

O *Te-Deum* e o *Pro tempore* devem-se á magoa que tal «concordata» causou á nação portugueza: — *a fidelissima* —.

— *Pro tempore* — foi um escarneo accrescentado á usurpação escandalosa.

Ceilão pediu, supplicou, instou, mandou a Lisboa um procurador *ad hoc;* o governo chegou quasi a negar-lhe o direito de pedir.

São conhecidos uns celebres decretos regulamentares, expedidos pela *sacra* (ou coisa parecida) congregação da propaganda. Esses decretos matarão em poucos annos as nossas igrejas, as que ficaram. O governo de Portugal nem foi ouvido para a sua expedição.

Ao clamor que se levantou na India contra as suas disposições voltaram á curia os decretos sobre os quaes nem mesmo agora consta que tenham ouvido o governo portuguez.

E assim tratam os nossos governos a nossa soberania!

É o caso de Juvenal:

— «Si Muza vitat, facit indignatio versos.»

Estes versos, perdoe o santo padre Leão XIII, não foi decerto a Musa que os inspirou.

— « *i barbari,* no Corso. » —

Pag. 102.

Um dos divertimentos do carnaval, em Roma, consiste em se soltarem muitos cavallos na praça *del popolo* e de os deixar correr em fuga desapoderada até á outra extremidade da cidade, pela rua do *Corso;* rua estreita e, á hora de sol posto, cheia de gente que, não sem difficuldade, abre caminho aos cegos, espantados, fugitivos, estimulados na carreira pelos espinhos que cravejam as correias que os enfeitam. Talvez porque fosse dos barbaros, que invadiam e tomavam Roma, aquella demonstração festiva, lhe chamam — *i barbari* — os romanos.

O carnaval em Roma era, e é talvez ainda hoje, uma festa regrada e methodica nas ruas da cidade. Um tiro de peça disparado no castello de Sant'Angelo era o signal de começarem as distracções carnavalescas. Desde então os moços de Roma, em turmas, percorriam o *Corso* atirando para as janellas *i confetti* e flôres; e da mesma fórma eram correspondidos. Ao fim do dia outro tiro no castello de Sant'Angelo marcava o fim dos divertimentos nas ruas.

Todas as classes tomam parte n'estes divertimentos. Vimos o actual rei de Italia, então principe real, tomando n'ellas parte principal, d'uma janella do *Corso.*

Ao disparar-se o segundo tiro partem os cavallos: — *i barbari,* — da *Piazza del' popolo.*

— «... uma capella
« pequena, estreita, baixa e desornada. »

Pag. 102.

É perfeitamente exacta a descripção d'esta capella, chamada, — salvo erro, — *do encontro.* Está edificada sobre o pavimento vetusto e meio gasto da *Via Appia;* e a lenda do milagre que recorda, é tal como vai contada.

Visitámos a prisão de S. Pedro, onde ha uma fonte em cujas aguas se conta que S. Pedro baptisára todos os seus companheiros de encarceramento.

Pedro, condemnado á morte, logrou evadir-se e quando corria pela *Via Appia* viu surgir, alli, no logar onde se fundou a capella, — Jesus, que vinha caminhando para Roma. Nas paredes estão pintados Christo e o fugitivo, e sahem das boccas de cada qual a pergunta: — « Domine, quo vadis? » e a resposta: — « Vado Romam iterum crucifigi ». —

Que lenda singela e poetica!

Mais que as sumptuosidades de S. Pedro, de S. Paulo ou de S. João de Latrão nos attrahia este modestissimo templo, commemorando um *milagre* que a nossa razão comprèhendia.

Que não se offenda a igreja nem a orthodoxia dos padres intransigentes. Comprehende-se admiravelmente a visão do timorato discipulo, ante a apparição do mestre.

Como é sabido, Pedro foi crucificado em Roma

— « ao inverso de Jesus. » —

— « Por esta sem razão
« e por esta fatal sem-ceremonia
« se revolta Ceylão
« e se passa de Roma a Babylonia. »

Pag. 107.

Depois da « concordata » de 1886 as christandades de Ceylão abraçaram o rito Syriaco.

Pediram, instaram, ante Roma e ante o governo portuguez, constituiram um procurador requerendo que lhes consentissem continuar sob o protectorado de Portugal. Foi baldado o seu empenho e o dos deputados e pares portuguezes que advogaram a sua causa.

Consta dos annaes parlamentares essa lucta, mas o governo portuguez nem quiz sujeitar á approvação do poder legislativo o novo tratado com a santa sé. E achou maiorias que approvassem a propria exautoração!

A tal decadencia chegou o brio das côrtes portuguezas em 1887. É bom registar esta data nefasta; data em que começamos a comprehender que o desanimo tinha invadido fatalmente a nação.

Quando o snr. D. Luiz I escrevia ao papa enviando-lhe como prenda para o seu festejadissimo jubileu uma reproducção do calix de D. Manoel, feito do primeiro ouro que nos veio das Indias, vimos-lhe lagrimas nos olhos. Era uma oblata filial que devia conter para o santo padre um escrupulo ou um remorso.

— «Dizem que havia um padre então na Italia.»

Pag. 110.

A historia de D. Bosco é bem conhecida. A sua caridade achou em Portugal quem a comprehendesse.

O snr. padre Sebastião de Vasconcellos exerce-a no Porto onde está demonstrando que a maior parte dos crimes são executados pelo cidadão, mas commettidos — pela sociedade. —

A caridade de D. Bosco e a do padre portuense tendem só a demonstrar que a justiça criminal assenta quasi sempre não sobre delinquentes, mas sobre desgraçados, que não tiveram pais, nem mãis, nem educadores, nem conselheiros, nem protectores, nem *justiça* que lhes désse ou garantisse o que era seu.

O *pária* existe; 1900 annos depois de Christo ainda existe! e em volta d'elle uma iniquidade que o sujeita, entregando-o a outra iniquidade que o flagella e o perde, a titulo de o punir.

D. Bosco era na verdade um successor e continuador de Jesus.

Um dia pediu e obteve que o deixassem levar os presos de Turim

a gozar do sol de Deus. Á noite abençoou-os e elles voltaram, todos, sem nenhuma guarda policial, ás cellas dos seus carceres.

Que palavras lhes diria aquelle padre?

Perguntem ao seu discipulo portuense, que lh'as decorou.

— « Escondido em ruinas e arvoredo
. . . . . .
« pousa um templo christão. »

Pag. 112.

A « Velha Goa » é uma cidade morta. Ainda hoje quem sobe o Mandovy e desembarca ao pé do antigo arsenal de marinha, encontra o Arco dos Viso-reis e descobre para além d'elle uma cidade em ruinas, em meio d'uma floresta enorme.

Conservam-se ainda de pé e em bom estado, relativamente, a sé primacial (hoje patriarchal... *pro tempore*) o convento de S. Caetano, hoje palacio do governo, a igreja e parte do convento do Bom-Jesus, a igreja de Santa Catharina, o convento das freiras de Santa Monica, e, completos, poucos mais edificios.

— « Conservam-se ainda » — dissemos, e deviamos escrever: — Conservavam-se em 1870. — Hoje, não sabemos.

Tudo mais eram ruinas de conventos e de igrejas. O matagal invadiu a cidade, completou a ruinaria começada pelo abandono dos homens, e vestiu-a com o seu manto de luxuriante verdura e de florescencia eterna.

Nada mais profundamente triste que o silencio d'aquella cidade, necropole onde se encontram em ataudes marmoreos os nomes e os brazões dos nossos grandes capitães e navegadores; dos que por lá morreram, n'aquelle paiz, que foi de glorias.

Alli pois:

— « Entre ruinas e arvoredo » —

se encontra a igreja do Bom-Jesus, e uma parte do convento, onde reside o padre que serve aquelle santuario, dentro do qual está o tumulo rico e formosissimo do apostolo das Indias, — S. Francisco Xavier. —

É alli que vão tomar solemne posse do seu cargo os governadores geraes da India, — d'antes: viso-reis d'aquelle estado.

O bastão de commando acha-se depositado sobre o tumulo de S. Francisco Xavier desde o tempo do conde d'Alvor.

Nem todos sabem porquê.

No *Diario da camara dos pares*, relativo á questão do padroado na sessão de 27 de maio de 1887, encontra-se o periodo seguinte, em que se relata a razão d'aquelle facto:

— «Quando o conde d'Alvor se viu cercado pelas tropas numero-«sissimas e victoriosas de Savagy, que estava prestes a entrar os muros «de Goa, aconselhado, talvez por padres d'aquellas igrejas (as dos Gat-«tes) que então eram pobres, mas sempre, como hoje, verdadeiramente «de Portugal, dispondo d'um grande valor politico e de influencia in-«contestavel na côrte de soberanos poderosos, lançou mão d'um remedio «extremo.

«Convocando todo o clero da cidade e todos os nobres e auctorida-«des, foi, como em acção de preces, da sé primacial á igreja do Bom-«Jesus, onde, no seu tumulo de prata, repousa o apostolo das Indias (das «verdadeiras *Indias orientaes*) e alli, ajoelhado ante o apostolo em acto «solemnissimo, depositou o bastão, symbolo da sua auctoridade su-«prema sobre o tumulo venerando, confiando-lhe, com elle, a defeza «de Goa.

«E é tal a veneração d'aquelles povos pelo seu apostolo que o es-«pirito esmorecido se revigorou, a defeza manteve-se mais firme e dos «Gattes desceu, como uma torrente, á voz dos sacerdotes das nossas po-«bres igrejas, um exercito aguerrido e bravo de christãos e gentios, que «punha Savagy em retirada».

Esta exposição foi apoiada pelo arcebispo resignatario de Goa, o finado snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa; o que lhe deu a maxima authenticidade.

Este templo *escondido entre ruinas e arvoredo* é visitado com a maxima devoção, até por mouros, e principalmente por gentios de todo o Oriente.

Tanto era o prestigio do nosso grande missionario. Era e é.

— « Duas palavras só: breve noticia
« das origens do velho franciscano. »

Pag. 112.

Dizemos n'esta noticia biographica ter ido para Goa com o governador Veiga Cabral, o trasmontano frei Bento da Agonia.

Veiga Cabral estaria governando Goa em 1814 ou em 1815?

A tradição que lá encontrámos assim o attesta, attribuindo-lhe a sahida dos inglezes, do Cabo, depois da paz geral e após uma occupação eventual que durou desde 1801, aproximadamente.

É possivel, respeitando aquella tradição de gente que dizia havel-o conhecido, que Veiga Cabral voltasse por aquelle tempo á India; e nós seguimos os dictames d'aquella tradição, como era do nosso direito.

Porém não queremos faltar ao rigor historico e por isso nos cumpre reflectir em que a primeira nomeação que o levou á India tem a data de 24 de agosto de 1793.

Não como governador, então. A carta régia ou carta patente que o elevou a essa dignidade foi de 21 de novembro de 1805. Em 1807 entregou o governo ao conde de Sarzedas, que fôra nomeado a 17 de outubro de 1806.

Seguiu da India para o Brazil, onde se encontrou com o principe regente que o fez, primeiro, barão de Boveda; depois, visconde de Mirandella.

Ahi perde-se para nós a historia de Veiga Cabral e por isso nos soccorremos da tradição que o faz voltar a Goa por 1814 ou 1815.

Miguel Vicente d'Abreu escreve no *Bosquejo historico de Goa*, livro do reverendo Diniz L. Cottineau de Koguen, que elle traduziu, emendou e largamente annotou, o seguinte:

— « Francisco Antonio de Veiga Cabral... estando a servir o car-
« go de commandante em chefe das tropas de Goa, com a patente de te-
« nente-general, foi encarregado do governo do estado, com attribuições
« e soldo de governador, por carta régia de 21 de agosto de 1793; to-
« mou posse no Bom-Jesus a 22 de maio de 1794; aos 15 de novembro
« de 1806 recebeu a carta patente de governador e capitão general, e foi
« elevado á dignidade da gran-cruz de S. Bento d'Aviz. Governou com
« excessivo rigor mas muita politica até 30 de maio de 1807, e se reco-
« lheu ao Rio de Janeiro, onde teve boa aceitação de Sua Magestade que
« o agraciou com o titulo de visconde de Mirandella... Em 1801 uma
« força auxiliar ingleza entrou em Goa e se empossou da fortaleza de
« Aguada, em Bardez, e do Cabo, nas ilhas de Goa, que defendem a en-
« trada do rio, e lá permaneceu até á paz geral, em 1815. »

Referia-se a tradição a qualquer conflicto com a auctoridade militar ingleza na occasião da sua entrada nas nossas terras, e na fortaleza da Aguada?

É possivel, porque foi no tempo do seu governo que vieram aposar-se do que era nosso, e provavelmente com a sem-ceremonia que lhe é propria. Tanto mais que em 1801 andavamos nós em negociações amigaveis com a França e com ella faziamos em 1803 um tratado de paz.

É certo que os inglezes lá persistiram, por seu *motu-proprio*, e sem respeito, como é de seu uso, ás nossas estipulações.

A tradição da sua arrogancia inquebrantavel com os inglezes intrusos seria d'aquella época? ou voltou elle á India por 1815?

Se o conflicto se deu em 1801, certamente não vingou, ao menos em parte, a sua auctoridade.

No Cabo ainda existe o cemiterio dos inglezes, cujas paredes elles

mandam caiar todos os annos, — com permissão dos governos de Goa, — diga-se toda a verdade; queremos crêr que têm grandes saudades pelos seus defunctos. Provavelmente para d'isso fazerem um titulo de posse *valiosa* quando convier aos governos da Inglaterra accrescentar com a nossa Goa e com o districto de Damão e a fortaleza de Diu, o seu imperio das Indias.

Veiga Cabral era ascendente do nosso desditoso amigo e grande escriptor Camillo Castello Branco.

« Frei Bento nunca ousou referendar
« a attestação formal dos franciscanos. »

Pag. 116.

Frei Bento da Agonia era um somnambulo.

Não é difficil, hoje, comprehender o motivo por que elle annunciando o que sabia como vidente, não confirmava a noticia que déra. É que não tinha, acordado, consciencia do que vira e dissera, dormindo.

Esta nevrose é conhecida hoje, e attestada pela medicina.

O doente vê, denuncía o que vê nas suas visões de somnambulo, mas acorda sem a memoria do que viu, do que disse, do que fez, de tudo o que se passára.

Frei Bento era um desequilibrado. A sua ascendencia paterna déra um intemerato; porém, da materna sahira um allucinado.

As beatas do *bispo santo* (Veiga Cabral, irmão do viso-rei) são ainda hoje muito falladas em Bragança onde existiam ainda ha pouco, se não existem hoje, casas que foram seus recolhimentos.

Essas beatas vão tracejadas no poemeto *Pro Tempore*. Eram verdadeiras hypnotisadas que obedeciam á vontade do bispo, — o hypnotisador, que por causa dos prodigios que operava, teve de responder na inquisição.

É historico tudo o que vai referido.

CARTA D'ALFORRIA

Pag. 145.

Não carece de nota explicativa esta composição; comtudo vamos publicar as duas cartas que no *Mensageiro* a acompanharam e que, como vai verificar-se, em parte a determinaram. Demais, uma d'essas cartas é de Camillo Castello Branco, e é sempre grato lêr o que tão alto espirito dictava ou escrevia.

Meu muito querido Thomaz Ribeiro.

Provavelmente nunca viste um romance que eu escrevi ha dezeseis annos, intitulado: *Livro de Consolação.* Os noticiaristas do jornalismo d'aquelle tempo, quasi todos *espiritos fortes,* farejando no titulo do livro uma obra archeologicamente mystica, não lhe deram a importancia de a lêr e de a inculcar. De modo que, sendo este o menos ordinario dos meus romances, é talvez o menos lido, porque foram precisos treze annos para exhaurir a primeira edição, ao passo que livros de fancaria como os *Mysterios de Lisboa* e o *Amor de Perdição,* em menos de dez annos se multiplicaram em sete edições.

O facto de não conheceres o *Livro de Consolação,* não prova o teu desaffecto á litteratura lacrimavel e plangente. Ainda hontem me dizias que um dos meus romances te fizera chorar uma noite inteira. É necessario ter grande coração para que as glandulas lacrimaes de um poeta da tua estatura possam manifestar sentimentos altruistas de condolencia pelas estranhas desgraças.

Dou-te os parabens, meu bom amigo, porque ainda podes chorar.

No *Livro de Consolação,* pagina primeira, está impresso um documento que eu desejo fazer-te conhecido. É uma carta escripta a Sua Magestade o Imperador do Brazil, dedicando-lhe afoitamente e audaciosa-

mente o meu livro. Essa carta manifesta o meu grande respeito e a minha profunda gratidão áquelle magnanimo homem, que não carecia do diadema para ser um dos mais veneraveis cultores das letras, e amigo dos operarios que vivem acorrentados á galé dos trabalhos do espirito, em que a alma, alando-se para altas regiões, vai deixando cahir em terra o corpo despedaçado.

Aqui tens o traslado da dedicatoria do meu livro ao Imperador do Brazil.

Senhor.

Eu não solicitei licença para dedicar a' Vossa Magestade Imperial este livro que representa um trabalho — palavra sagrada que nobilita e exalta os mais futeis labores do espirito. Vi por esta lente de ambicioso alcance a pequenez da offerta, para que me não fallecesse a afoiteza de ir depôr na livraria de Vossa Magestade as paginas estereis da historia d'umas paixões triviaes da vulgaridade do mal.

Além de que, Senhor, quando eu escrevia estas linhas, em frente da cadeira onde Vossa Magestade se assentou, no escriptorio do operario, esqueci-me de que é Imperador do Brazil Aquelle a quem as envio, e vejo tão sómente, o sabio, o modelo de principes que, ao descerem até aos pequenos, deixam o diadema em altura onde mais subidos vão os respeitos.

Desde o momento em que Vossa Magestade me honrou a obscuridade, fazendo-me sentir que vinte e dois annos de incessante lidar mereciam o galardão de alguns minutos gloriosos, tambem eu cobrei alentos para chegar até á meza de estudo do douto Imperador, e esperar ahi uma hora muito feriada de leituras proveitosas, para então lhe offerecer com respeitosa confiança um livro de mero desenfado, pois não tenho mais nada com que possa significar a Vossa Magestade a minha gratidão.

De Vossa Magestade Imperial

o mais reverente creado

Camillo Castello Branco.

Quando o Senhor D. Pedro de Alcantara entrou a barra de Lisboa, expatriado, tu decerto, da janella do teu escriptorio na casa que habitas á orla do mar, verias o pennacho cinzento do *Alagoas,* sacudido pela ventania algida da madrugada, esphacelar-se em flocos de fumarada pela atmosphera triste e escurentada, como as almas d'aquella familia imperial expulsa da sua terra, do seu ninho e das manhãs calmosas e gorgeiadas das florestas de Santa Cruz. Debruçado no peitoril da tua janella, que levantados pensamentos seriam os teus, ó Thomaz Ribeiro, pensando no imperador do Brazil, tão bom, tão generoso, tanto do seu tempo, tão avançado adaíl da civilisação, que era expulso da sua patria e do seu throno, quando acabava de quebrar os ferros á escravidão, e de levantar o escravo ao nivel do homem! Como foi que tu podeste abafar a immensa tristeza e a dolorosa poesia em que deviam crystallisar-se as tuas lagrimas?

Eu tenho ouvido lêr quasi tudo quanto em Lisboa se tem escripto desde a chegada do Imperador. Pude saber o dia e a hora em que Sua Magestade mandou comprar uns sapatos de agasalho, aos quaes o jornalista, para não destoar do estylo épico dos Fastos que escrevia, chamou *chinellos.*

Esta transcendente noticia communicada á porvindoura historia revela a minudencia dos artifices subalternos da chronica do primeiro e ultimo Imperador do Brazil; mas isso não satisfaz o meu espirito preoccupado na dôr nostalgica, na saudade dilacerante que devem ser o unico assumpto digno da biographia do imperterrito soberano, e das consternadas almas que o rodeiam n'estas incomportaveis horas de immerecido infortunio.

Que terás tu pensado pois, meu adorado poeta, d'essa desgraça cuja magestade levanta o martyr a uma altura de respeito, que eu não sei quando elle foi mais sublime, se no gozo do imperio, se na mesta reverencia com que o vemos na grandeza da sua queda, e na santa resignação do seu destino?

Meu querido Thomaz Ribeiro, que fará o Brazil da sua victoria barata e desassombrada? Volvidos alguns mezes, sobre aquelle paiz desmembrado em republicas dissolventes da unidade e da força que dá a

sacratissima palavra *Patria,* os fautores da embryonaria anarchia bem póde ser que volvam olhos saudosos para os escombros do throno que destruiram, depois de meio seculo de prosperidade, desterrando um homem que teve apenas um crime como soberano constitucional: é que amou demasiadamente a liberdade.

Já descobriste o estimulo de vaidade, honesta e licita, que motivou esta carta? É que eu ufanamente desejo que saibas que tive a honra de apertar a mão do Imperador; mas não lh'a beijei, porque elle não consentiu. Estou a vêl-o sentado no meu pobre canapé. Defronte de Sua Magestade havia um quadro com os retratos de todos os monarchas portuguezes até ao fundador da dynastia brigantina. Alli por perto estava o retrato, gravado, do poeta Béranger.

— Está Vossa Magestade contemplando os retratos de seus avós? — perguntei.

— Não. Estava contemplando Béranger — respondeu o Imperador.

Dizem-me que o meu quadro está hoje no Paço de S. Christovão. É de presumir que lá se conserve longos annos, visto que os reis retratados não têm lista civil nem hão de intrometter-se na libertação dos negros, quando a escravidão se reconstituir o nervo agricola da republica.

Eu vou partir brevemente ou para a monarchia do Padre Eterno ou para a monarchia de Lucifer. Tanto ao céo como ao inferno não chegam noticias d'este remexer de poeira que na terra se chama desabamentos e reconstrucções d'imperios. Não assistirei, pois, ao segundo acto da tragi-comedia brazileira, nem, a fallar verdade, desejo assistir.

Adeus, meu presado Thomaz Ribeiro. Não deixes de me dizer que pensamentos, a um tempo brilhantes e lutuosos, volteavam no teu espirito, durante a leitura d'esta carta.

Lisboa, 10 de dezembro de 1889.

Camillo Castello Branco.

Meu querido Camillo.

Vais ficar mal commigo.

Pensaste que ao vêr entrar no Tejo o *Alagoas,* que trazia a seu bor-

do a familia imperial do Brazil, tive lagrimas para aquelles infortunados; enganas-te; saudei no intimo a sua carta d'alforria.

Eu não conheço nada mais afflictivo — actualmente, — mais degradante, — ás vezes, do que a sorte de quem reina, de quem preside ou de quem governa.

Além de que o Brazil em revolta, ou em revolução, — que n'aquelle paiz prodigioso é rapida a expansão natural, — nem matou o Imperador, nem a Imperatriz, nem entregou os principes ao sapateiro Simão.

Hosanna in excelsis et in brazilicis plagis.

Nunca, mais humanamente, mais suavemente, mais ceremoniosamente, se intimou sentença dictatorial de despejo ao primeiro cidadão d'uma republica, ao primeiro magistrado d'um imperio. Honra seja, e digo sem ironia, aos iniciadores da revolução do Brazil. Não os applaudo, porque a sua victoria foi demasiado facil e facilitada para que fosse heroica ou gloriosa, mas felicito-os porque não tiveram necessidade de recorrer a scenas de violencia.

Bastou-lhes alguma familiar aleivosia. Segundo o manifesto do visconde de Ouro Preto.

Eu sinto como o nosso distincto poeta Gomes Leal: não applaudo quem mate os reis, seja republicano ou jesuita. E tambem não sou por quem d'officio ou d'industria os insulte. Posso respeitar quem os combata, por convicção.

Tambem sinto, como Castellar (outro republicano! vê bem o caminho que eu levo!) quando acima da republica, do rei, da propria liberdade, punha a existencia honrada e gloriosa da sua patria. Isto quer dizer que o meu conhecido monarchismo não é absolutamente incondicional.

Conheço hoje mais de perto a familia imperial proscripta, e, depois de me aproximar d'ella, posso dizer-te que teria vertido todas as lagrimas que pensaste havêr nos meus olhos, ainda felizmente susceptiveis de chorar, se em vez de portuguez eu fosse brazileiro.

Familia patriarchal, — adoravel! que sente pelo seu Brazil o enternecimento especial dos pais e das mãis pelos filhos que lhes sahiram ingratos.

No dia em que do meu albergue da beira do Tejo alonguei os olhos para o navio que arrojava do Brazil á Europa a familia proscripta, familia que só lhe havia propiciado glorias e venturas, a minha tentação foi dar-lhe parabens. E pensei, Camillo... na ephemeridade das realezas.

Exceptuando a tua, meu generoso amigo! a quem agradeço, tão envaidecido da tua amizade que não substituo nem illido na tua carta, uma só das palavras lisongeiras que me diriges, e vou de braço dado comtigo levar o nosso preito e homenagem ao Senhor D. Pedro d'Alcantara, AUGUSTO FILHO D'ESTA NAÇÃO.

Feitoria, dezembro de 1889.

Thomaz Ribeiro.

A PATRICIA

Pag. 169.

Quando o principe de Galles visitou Lisboa na sua vinda do oriente, quiz visitar Cintra, e d'alli quiz levar como recordação de Portugal uma jumenta que o trouxe pela serra com toda a fidelidade, segurança e obediencia; uma creatura passiva, docil, leal, inoffensiva — para o cavalleiro —, talvez não tanto para o seu tratador quotidiano.

Por essa jumenta, honrada pela distincção de tão alto senhor, são inspirados os versos d'este poemeto. Parte d'elles.

Como annotação aos versos consagrados em epistola d'amizade ao nosso ministro na côrte de Londres, póde servir de nota e commentario o *Protesto da Commissão Primeiro de Dezembro de 1640*, que ao auctor d'este livro conferiu a honra de lh'o escrever.

Pedimos pois licença para o reproduzir como nota elucidativa ao texto da Patricia:

Ill.mo e exc.mo snr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho de ministros e ministro do reino e interino da guerra.

Faz v. exc.ª parte d'uma sociedade que existe em Portugal desde 1861 e se chama *Commissão Central Primeiro de Dezembro de 1640.*

O nome d'esta sociedade diz qual é o seu encargo patriotico, e o paiz conhece bem a sua devoção civica.

Para acudir, na medida restricta das suas forças, pela nossa independencia, foi creada. Couberam-lhe até hoje actos de glorificação, principalmente; agora que a lucta se prepara, para luctar se offerece.

Não podia, desde já sem faltar ás suas tradições e á indole do seu estatuto, ficar silenciosa e inactiva ante os actos novissimos do governo inglez para com esta nação; actos annotados e sublinhados pela sua imprensa; actos que nos significam, — na maxima nitidez da sua transparencia, — que *não somos uma nação independente.*

Contra este pregão vilipendioso protesta solemnemente a nação, e acompanha o seu protesto a *Commissão Primeiro de Dezembro,* ante v. exc.ª, porque é presidente do conselho de ministros, e porque não póde ella escolher melhor interprete dos seus sentimentos ante Sua Magestade.

Os documentos officiaes, ha seculos publicados em todas as chancellarias do mundo, têm declarado, sem uma só nota contradictoria, a Inglaterra nossa *amiga fiel e antiga alliada;* e Portugal, com uma boa fé, que, se não abona a sua prudencia, honra a sua probidade, como tal a tinha, a considerava e a estimava. Felizmente cahiu a venda. Tarde, para repararmos as nossas perdas, que são muito grandes, mas ainda a tempo de tentarmos reivindicar a nossa dignidade.

Quando agora, desvendados, olhamos em torno de nós e attentamos na realidade dos factos; quando, á luz serena e quieta da verdade, inventariamos o que nos resta ainda, comparando-o com o tantissimo que aleivosamente nos levaram, o sentimento que nos domina é menos de pena pelo que nos falta, pois que merecidamente o perdemos, do que de

pasmo e dó, ao contemplarmos a falta absoluta de senso moral que amesquinha e abate os poderes publicos de tão grande nação: — a Inglaterra.

Comprehendemos agora melhor do que antes os seus dois notaveis pensadores: — Thomaz Hobes, o amigo de Gallileu e de Descartes, o philosopho que proclamava: — direito unico, o da força, e, principio unico da justiça, a vontade absoluta de quem governa; — e Maltus o regularisador da procreação, o moderador da paternidade, que chegaria com a sua logica fria e cortante, á suppressão dos *excedentes*. Comprehendem-se agora melhor estes dois notaveis pensadores: — eram inglezes de origem e viviam no meio dos dirigentes inglezes. De arvore exotica, fructos selectos.

« O homem é mau por natureza », dizia Hobes, e como para o inglez a Inglaterra é a humanidade, Thomaz Hobes operava *in anima... britannica,* e copiava do natural.

Este estado morbido que pela sua diuturnidade póde julgar-se incuravel, como politica, attenta a normalidade que mantem, espanta as nações; como symptoma psychico, deslustra e entristece o genero humano.

É preciso que se comece a fazer justiça a Napoleão. Quando elle convidou a Europa a decretar o isolamento d'aquelle povo, não era um conquistador; não era um general; era um clinico. Não viu, na suppressão da Inglaterra, senão o bem, a purificação da humanidade. Não que a doença fosse contagiosa, pois é exclusivamente aborigene; tanto que vivem d'ella indemnes os outros povos do mundo, mas por ser aggressiva e perigosa, n'um povo prolifico e adaptavel ás condições climatericas de quasi todas as latitudes.

Quando Napoleão considerou que fizera injuria á nação, attribuindo-lhe os vicios constitucionaes dos seus governos, entregou-se, como Themistocles, á generosidade dos seus inimigos. Infeliz! tomou posse d'elle o governo e tratou-o... segundo a si!

A nação ingleza nem o viu nem o ouviu. Tel-o-hia desejado na metropole. Era mais um consumidor.

A doença do governo inglez apresenta symptomas geraes, mas tem alguns especialismos que, por isso, especialmente cumpre estudar. Entre estes offerecem-se á observação: — o requinte da sua innata ferocidade e o esmero do estudadissimo desprimor com que trata as suas victimas. Sir Hudson Lowe apparece em toda a parte; reproduz-se, multiplica-se. O nome é que não é sempre o mesmo.

«John Bull» é o povo, que assim se baptisou e assim se ostenta, decorado pela alcunha que adoptou, e orgulhoso d'ella.

Sir Hudson Lowe é o governo inglez. Um, tem a brutalidade da força e a necessidade incoercivel, talvez inconsciente, da investida; outro, a mesquinharia do ecónomo, que se educou a traficar por miudo. Os seus processos têm muito de primitivo, e por isso os inglezes sentem attracção pela Africa.

Quando se estudam os symptomas especiaes da enfermidade britannica, chega-se, por vezes, a duvidar da sua inteira responsabilidade.

Attenda-se na analyse dos seus desprimores, a que elles começam pela propria Inglaterra! Divisa do seu orgulho: — «John Bull!» uma alcunha ridicula... *João touro!*

Emblema do seu escudo: — um leopardo; — o assassino covarde que espreita o somno do homem para o victimar.

Não escolheram o leão, — a féra rei; preferiram-lhe o leopardo, — a féra contrabandista.

Para adorno do seu elmo antepozeram ás pennas da aguia a plumagem do abestruz; — o pernalto voraz que até engole pedras e metaes.

Notavel ingenuidade em tudo isto!

Para eternisar feitios ou acontecimentos memoraveis se crearam em todos os povos titulos e ordens de nobreza e cavallaria. Na Inglaterra, não.

A ordem do banho foi creada em fins do seculo XIV por Henrique IV, para condecorar os 36 escudeiros que tomaram banho com elle, na vespera de ser sagrada a sua realeza. Não se deve crêr que fosse acto de grande coragem arriscarem-se ás aguas em que o rei se banhava.

A Jarreteira creou-a 50 annos antes Eduardo III, por uma galanteria feminil, suspeita, apesar da divisa franceza que a protege, e com a qual o monarcha pretendeu abafar o riso irreverente dos seus cortezãos.

Note-se que na sociedade ingleza não se póde fallar em banhos em commum ou em ligas de senhora, por mais que sejam perfumadas, sem se ouvir uma exclamação desprezativa, já hoje universalmente conhecida.

Pois nasceram d'estes dois futeis motivos as grandes ordens da cavallaria ingleza.

Nos seus procedimentos comnosco misturaram-se as atrocidades frequentes com exquisitas puerilidades, que teriamos por affrontosas se as não tomassemos por symptomas de molestia especifica.

Assim: — Quando, na sua derrota para a India, uma esquadra ingleza levou a bordo o governador geral — Antonio de Mello e Castro, destinado a conferir ao governo inglez posse de Bombaim, por vezes tiveram de encontrar-se no mesmo navio o nosso governador e o almirante inglez. Pois teve sempre cuidado, — o almirante — de destinar, para o sitio das conferencias, duas cadeiras de altura desigual, e de assentar-se na mais alta!

Para tomar posse de Bombaim, levaram da Europa, os donatarios, dois governadores. O primeiro, que a receberia do governo portuguez, chamava-se Onofre Cook. Era um pobre tendeiro inglez, ambulante nas ruas de Lisboa! Conferida que fosse por nós a posse a este mercenario, seria elle demittido, acto contínuo, e a posse dada então, já pela auctoridade ingleza, ao que definitivamente devia governar [1].

V. exc.ª comprehende a intenção vilipendiosa d'este procedimento.

Isto que o governador tomou a mal e a recusa de nos irem ajudar

[1] A posse foi dada pelo governo portuguez a Abrahão Shipman a 24 de novembro de 1663. Como, porém, este houvesse alliciado o seu companheiro a conservar-se na India, nomeou-o a 14 de abril de 1664, para o substituir por sua morte. De facto em 1665 Humphrey Cook (Onofre Cook) tomou posse do governo por concessão directa. *Doc. do archivo da secretaria do governo geral da India.*

na defeza de Cochim, accrescendo ao horror que tinham os habitantes de Bombaim aos novos denominadores, tão grande que pediam o seu resgate a peso de ouro, motivou a demora de tres annos em dar-se posse d'aquella ilha. Porém eram baldadas as representações ao governo portuguez. Quando el-rei as recebia já os inglezes as tinham devassado, violando-as, e obtido d'el-rei novas ordens para se dar posse; e cada vez mais instantes.

Até que o padre Manoel Godinho se encarregou de vir por terra a Portugal para advogar ante o throno a causa do governador e dos povos, relaxados ao braço inglez [1].

Quando o padre chegou a Lisboa, Bombaim já estava entregue á Inglaterra.

Nunca, nem os desprimores que nos dispensarem, nem a falta de cumprimento dos tratados conseguiram abrir os olhos de Portugal.

Démos-lhe Bombaim, tomaram-nos logo Salsete — *porque para esta ilha se passava a pé enxuto na maré baixa!* Tomaram Ceylão, e nunca, até hoje, nos restituiram Colombo, que, no tratado, se obrigaram a restituir-nos; ao passo que nos forçaram a restituir á França a Guyana, apesar de não termos ratificado o tratado respectivo.

Quando um ministro portuguez lembrou á Inglaterra a restituição de Colombo, foi demittido rudemente por ousar lembrar uma divida sagrada á nossa amiga fiel [2].

No seculo XVIII ainda respirámos um momento e pudemos responder com a sobranceria da justiça á audacia dos nossos expoliadores consuetudinarios. Traço brilhante, mas fugitivo, da nossa historia. Depois, apenas 1820 ousou lembrar-lhes que eramos nação, e expulsar os carrascos de 1817.

Nós vimos protestar e não escrever a historia: por isso não fallaremos do tratado de Methwen; dos emprestimos usurarios ao rei, que nos

1 Archivo do governo da India.

2 O decreto em que foi demittido o barão da Ribeira de Saborna foi o primeiro em que se acha supprimida a phrase do estylo — «que serviu a meu contento».

levaram para o Brazil; da posse, em refens, da Madeira; da suppressão summaria da nossa feitoria de Surrate [1].

Para que tambem rememorar as grosserias inauditas do plenipotenciario inglez Strangford no Rio de Janeiro, que não ia ao paço em dias de comprimentos officiaes, e andava na cidade ostentando a sua descortezia e insolente desattenção, e que intentava impôr, e *impunha* ao snr. D. João VI os ministros que havia de nomear? [2]

Para que lembrar a *conquista de Portugal* que elles proclamaram em 1808, a opprobriosa convenção de Cintra e os damnos de toda a especie que os *nossos fieis alliados* causaram ao reino, damnos accusados pelo proprio Beresford? Para que mencionar os tratados de 1810? Para que historiar as piratarias dos cruzadores inglezes á sombra de uma philantropia, que proclamaram para aniquilarem a nossa marinha mercante, arruinarem o nosso Brazil, e povoarem de escravos as suas colonias, — a pretexto da libertação dos negros, a cuja civilisação destinam, ainda hoje, — algemas, gargalheiras, venenos alcoolicos e açoites de muitos braços?

Não ha idéa humanitaria que o governo inglez não adopte, por hypocrisia, e não accommode e adapte ás suas ganancias, rara vez commercialmente limpas.

No governo da Grã-Bretanha só um sentimento póde actuar: — o medo.

Sabem isso os Estados-Unidos que lhe vão disputando os mares; sabe-o a Russia, por quem estão clamando os escravos da India.

Nós somos a prêsa, a victima, fatalmente destinada a fartar o brutal appetite da sua gula insaciavel. Sem possibilidade de lhe fazermos

[1] É de 1871 ou 1872 esta expoliação. Como houvesse differença entre os direitos da nossa Feitoria e os pontos das alfandegas inglezas, começaram por difficultar os desembarques, de modo que o nosso pequeno commercio perdesse em tempo o que podia ganhar na differença dos direitos das suas pautas. Um dia porém acharam melhor mandar fechar a Feitoria que tinham aceitado do Grão Mogol, e, sem participação prévia nem intimação ao governo portuguez, tomaram posse d'ella.

[2] Carta do principe regente ao rei d'Inglaterra.

comprehender as noções do direito ou da justiça, não tendo meios de a conter pela força, protegidos, é certo, pela consciencia unanime dos povos, mas desamparados dos poderes publicos de todas as nações, que guardam a sua acção á sombra da sua prudencia, para ellas mesmas perigosa, senhores ainda (iamos a dizer felizmente!) — de archipelagos invejaveis e invejados, de extensas costas maritimas e de portos magnificos, cercados pelo mar de todos os lados, como podemos defender-nos, emquanto o mar fôr inglez? O mar que para todos é liberdade e expansão, para nós, que primeiro o dominámos, é hoje gargalheira servil!

Mal diria o Gama que a esteira da sua náu S. Gabriel balizava o rumo da pirataria da Europa! e que, emquanto Portugal mandaria desembarcar em Gôa S. Francisco Xavier, o governo inglez mandaria desembarcar Hastings em Calcuttá! [1]

Pasmámos quando á China ouvimos chamar — barbaros — aos Europeus. Chegou a Inglaterra e justificou a China.

O governo inglez podia absorver-nos sem nos deshonrar. Era-lhe facil a tarefa, pois que da sua fé, incondicionalmente, nos confiámos, e hoje ninguem tem obrigação de nos ajudar na defeza, pois que a todos desprezámos para só servir a Inglaterra. Escrupulos? nunca os teve; receios? não ha de que os tenha; remorsos? nunca os terá. Para que é pois este apparato de processo? este adiamento de execução? este triturar aos poucos a prêsa que não póde, não sabe..., que não tem querido fugir-lhe?

E a voluptuosidade da gula, ou o prazer dos espectaculos cannibalescos?

Sem ceremonia, senhores! banqueteai-vos. E quando, depois de nós, tomardes nas garras e nas prêsas algum dos espectadores condoídos, elles saberão, já tarde! que na defeza de Portugal começava a defeza propria.

[1] Warren-Hastings e lord Clive foram os maiores algozes da India; algozes e ladrões.

Desculpe v. exc.ª que nos voltassemos, um momento para o governo inglez. Visto que pretendem deshonrar-nos ainda em vida, e temos por ora voz, defendamos a nossa honra e defendamol-a contra todos. Isso podemos nós.

Quer o governo inglez, a todo o transe, fazer-nos passar por escravisadores na Africa. Para isso até se foi servir em Berlim, v. exc.ª ha-de lembrar-se do testemunho de Stanley. Pois v. exc.ª encontra no ministerio da marinha um depoimento do honrado Stanley, *prestado e firmado por Stanley*, ao terminar a sua primeira travessia, em que elle declara que *não eram os portuguezes que faziam escravatura em Africa, mas*, singular acaso! *que o grande escravisador africano era esse mesmo insigne Tippo-Tib*, agora seu intimo, socio e camarada [1].

Querem-nos deshonrar, os nossos fieis alliados, chamando-nos escravisadores? mas todos sabem que antecedemos em leis e em procedimentos a *humanitaria* cruzada ingleza, que só acordou quando se lhe acabava o *monopolio* do transporte de negros para a America, e com elle o de vender escravos; monopolio que solicitou de sua magestade catholica, e lhe foi concedido na convenção de 26 de maio de 1813.

Querem deshonrar-nos apontando-nos como escravisadores, e esquecem que no honroso encargo de libertar escravos aprisionamos o negreiro Charles & George, que nol-o mandaram arrancar ao Tejo, com indemnisações pecuniarias *pelo aggravo*, e que o *humanitario* governo inglez, que nos devia ajudar *ex vi* de todos os tratados com que nos encadeou, mandava dizer aos nossos governos *que nos libertassemos como podessemos da iniquidade do imperio francez, porque elle não mettia n'isso a sua mão nem arriscava a sua palavra.*

Quando nos accusam de escrávisadores commettem uma imprudencia. Esquecem que podemos defender-nos com os seus proprios testemu-

1 Em Portugal: no archivo da secretaria da Marinha e Ultramar. Este depoimento chegou a Lisboa, remettido pelo então governador geral de Angola, o snr. Caetano de Almeida e Albuquerque, e sendo ministro da marinha o snr. José de Mello Gouveia.

nhos. Bastava-nos citar Canning, um inglez que todos conhecem. Este disse no parlamento britannico em 1799 — *que o trafico de escravos das outras nações era quasi nullo e que a Inglaterra exercia o seu monopolio.* Bastava; mas citaremos outros muitos.

30:000 escravos arrancavam da Africa os inglezes annualmente; 10:000 para as suas colonias, 20:000 para venderem ás outras nações. Em 84 annos só para a Jamaica levou a marinha ingleza 600:000 escravos. Era ao findar do seculo XVIII [1].

Escravisadores! Nós ou elles?

Quem quizer saber com que boa fé os governos britannicos exercitaram a sua decantada philantropia a favor dos negros, adiantado já o seculo XIX, philantropia tão advogada pela alma ingenua de Wilbelforce e tão difficilmente enxertada nos poderes publicos da Inglaterra, pergunte a R. Thorpe, regedor das justiças em Serra Leôa e juiz do tribunal do almirantado, n'aquella colonia; ou leia a carta d'este honrado juiz a Wilbelforce com data de 1 de fevereiro de 1815 no intento de o desilludir sobre os seus sonhos humanitarios. N'essa carta prova elle que o inglez não libertava escravos, — *roubava escravos* para as suas colonias a titulo de os libertar [2].

Escravisadores! Mas foram elles, não fomos nós, quem, d'uma só vez, mandou vender na Jamaica mil donzellas da Irlanda!...

E agora, que evocámos este nome, seja-nos licito perguntar se a escravidão é, porventura, a maior das deshumanidades na historia do governo inglez?

Aquellas mil creanças foram as mais felizes victimas da sanha da féra ingleza.

A Irlanda! Que de assassinatos legaes ou legalisados, n'aquella victima da raiva bretã! A historia da dominação ingleza na Irlanda e a insigne má fé da sua posse, é, desde que se escreve historia, o maior escandalo da humanidade; e digamos tambem — a sua maior deshonra e

1 Elias Regnault, *Historia dos Crimes do Governo Inglez.*

2 *O Brazil e a Inglaterra ou o trafico de africanos.*

vergonha. Que furia de tratos! que obstinação na carnagem! que esmero de perseguições! que trucidação de cannibaes!

E ninguem lhe acudiu! ninguem ousou interpôr-se ou ao menos bradar por ella!... Covardia utilitaria das nações!

Só a França, e talvez interesseiramente, tentou, já fóra de tempo, acudir áquella victima que se debatia ensanguentada, inerme, esfomeada, despojada dos proprios vestidos! A pobre Irlanda! onde as virgens eram violadas em pleno Tribunal, as mães, nos domicilios, nas ruas, nas praças os fugitivos arcabuzados em montões, metralhados no mar, por onde tentavam evadir-se, na terra, nos templos!

Até se decretaram leis em que se conferiam ao filho, que apostatasse da religião de seus pais, os direitos senhoriaes da sua familia, reduzindo os progenitores a servos seus excommungados. E ninguem acudiu áquelles crimes em que após hecatombes monstruosas, se desterravam aos cem mil! onde, os que escapavam, se refugiavam nas montanhas e d'ahi eram expulsos, em montarias, como féras bravas! por esta humanitaria gente, que nos quer deshonrar, apontando-nos como protectores do trafico de escravos. E luctou pela sua independencia esta misera Irlanda até 1800, anno em que 1.260:000 libras sterlinas, sem contar cargos, tenças e pariatos, compraram a consciencia dos seus legisladores.

O milhão foi sempre o seu Deus; a traição a sua força; as tempestades a sua protectora providencia.

Filippe II perdeu n'um temporal desfeito a sua *invencivel armada;* uma frota franceza de 45 velas e conduzindo 16:000 soldados, á frente dos quaes ia o general Hoche, em soccorro da Irlanda, perdeu-se n'outro temporal.

Humber conseguiu emfim desembarcar, porém, pobre Irlanda! quasi não achou quem soccorrer.

E que tribunaes! que juizes!... E ousa o *Times* babujar os de Portugal!!

A morte de Fitzgerald ainda hoje faz o horror da Irlanda.

Fitzgerald, O'Conner Wolf Tone!...

Prestemos a homenagem de um respeitoso silencio a estas tragicas figuras.

A Irlanda ainda não morreu; remexe-se no jazigo. A Inglaterra vê-a levantar-se a cada momento, como um espectro vingador. Pobre espectro! não acha consciencia em que possa reflectir-se![1]

Já que para mostrar os symptomas ultra-suspeitos da raiva ingleza, sahimos do recinto dos nossos dominios e do capitulo vasto e accidentado dos nossos aggravos, consinta v. exc.ª que deixemos aqui n'este protesto, escripto, bem póde ser que — *in extremis* —, alguns traços mais da philantropia ingleza. Que ao menos Portugal, se tem de morrer, morra sem um queixume, porém arrancando a mascara aos seus algozes.

Na America basta apontar o pacto celebrado com os indios selvagens, para se fazer idéa dos seus processos, na guerra de que sahiram triumphantes os Estados-Unidos.

Anda na historia uma carta do capitão Crawford ao coronel Haldemond, governador do Canadá, acompanhando a remessa de 9 pacotes de pericraneos, enviados pelos chefes selvagens de Senneká, *em cumprimento das estipulações anteriores*. O capitão Crawford... (é notavel a apparição aqui d'este nome!) enviava-os: — «com o favor de Deus!» ao coronel, e pedia-lhe que *animasse com retribuições condignas* AQUELLA HONRADA GENTE. Os pericraneos iam por grupos numerados e classificados. Eram de soldados, de fazendeiros, de velhos, de mulheres e de creanças. O 9.º pacote era designado assim:

«N.º 9 — Collecção de ditos (pericraneos) em numero de 122, de todas as especies; e uma boceta de casca de bétula *contendo os pericraneos de 29 meninos*, em pequenos arcos brancos, *pelle da mesma côr*, sem

[1] Veja-se além dos annaes parlamentares da Inglaterra, Villemin, *Historia de Cromwell*; Mr. de Beaumont, *Sir Richard Musgrave*; Thierry, *Diccionario politico: Irlanda*; Zingard, *Le land*; Spencer, *Estado da Irlanda*; Holingshed, H. Sirdney: *Cartas*, etc.

lagrimas, mas com uma faca negra no meio para designar que foram arrancados dos ventres de suas mães » [1].

. . . . . .

Eis a guerra que nos espera a nós em Africa, no dia em que os pretos, perdido o prestigio portuguez, entrarem em contratos de *cabelladuras com os nossos fieis alliados.*

Basta lêr os discursos de lord Chatam no parlamento inglez sobre os attentados da America, para se fazer idéa dos horrores d'aquella guerra selvagem.

Não carece v. exc.ª, para acautelar-se, de que lhe apontemos a tomada de Gibraltar nem a de Malta; e alli a demissão do astucioso Ball, — *commissario do rei de Napoles;* para o substituir por Cameron, *commissario de S. M. britannica;* nem as astucias do tratado de Paris substituindo o de Amiens; tudo para honra do governo inglez.

É de conveniencia para o mundo lêr de Spencer, — auctoridade insuspeita, — o seu livro: *Principios de sociologia,* que põe bem a nú, só como estudo scientifico, a tactica do governo inglez, na sua feição recente de conquistador. Faltou ao illustre sabio dizer que o — *conquistador* — enxertado em mercador, dá sempre o *contrabandista.* É verdade que é tambem o contrabandista que elle examina e estuda nos guerreiros que vai encontrar nas ilhas Fidgee, em Samôa, na guerra dos Ashantis, em Cherboo, em Perat. Spencer acha que a Inglaterra — a industrial e commerciante, — retrocede no caminho da sua grandeza, desviando-se do seu papel. Talvez; mas o governo julga adiantar-se, apressado, no caminho das suas ganancias.

Não nos demoremos em Napoles onde os instinctos de Nelson, envenenados por lady Hamilton, deshonraram a marinha ingleza.

1 Eram ao todo só n'esta remessa, 1:037 pericraneos. Estes pacotes encontraram-se nas bagagens do exercito real que os americanos tomaram depois da retirada do general Burgoygne. A carta ia com elles. Os americanos guardaram este despojo e este documento, — com as cartas dos Indios que o acompanhavam.

Ainda hoje na formosissima bahia sobrenada por noites de limpida lua um vulto informe, que os marinheiros da Ischia e de Sorrento affirmam, na sua visionaria credulidade, ser o cadaver do almirante Carraciolo, que vem citar a sinistra sombra do seu carrasco para que lhe dê sepultura.

E na França! os incendios de Toulon allumiando o morticinio de 12:000 habitantes, realistas que haviam acolhido os inglezes! 12:000 perdidos! uns, que tentavam, a nado, alcançar os seus navios; outros, que da praia lhes estendiam os braços e clamavam por soccorro! 12:000 afflictos, homens, mulheres e creanças, que os marinheiros inglezes metralharam, e cujo sangue ainda hoje ruborisa as aguas do golfo de Lyão.

Em Quiberon! que de mãos cortadas a machado aos que, salvos do bombardeamento e já feridos da metralha, chegaram, nadando, a encostar-se e a soerguer-se em volta dos navios inglezes!

E os assignados falsos! E o incendio das cidades, arsenaes e forragens!...

Quando no parlamento, em Londres, se lançava em rosto a Pitt o morticinio de Quiberon, respondia o terrivel ministro:

— Ao menos não correu alli sangue inglez.

Sheridan respondeu-lhe indignado:

— Sangue inglez, não; mas a honra ingleza escorreu alli por todos os póros.

O general Pillet, que esteve prisioneiro nos celebres pontões de Chatam, escreveu no seu livro — *A Inglaterra vista em Londres e nas provincias:*

— « A politica ingleza consiste em enganar alliados, assassinar ven-
« cidos, incendiar cidades, matar a ferro e a veneno, e refinar os tratos
« mais crueis. »

E são estes os destinados a civilisar a Africa!

É preciso terminar, mas a historia das atrocidades do governo inglez é grande e não nos offerece uma só folha que não esteja manchada

de lama e de sangue, o que nos demora a voltal-as para não sujarmos as mãos.

Deixemos as *cabelladuras* francezas, postas a premio na Flórida, e deixemos o *Livre navegante* aprisionado por um corsario inglez, apesar dos mais legaes e dos mais legalisados passaportes do almirantado. São minucias.

Deixemos no Canadá sir James Craig e o seu governo de terror só excedido em crueldade pelo do seu successor o conde de Dalhousie. E nem sequer nos demoremos a memorar os resultados da *liga commercial* contra os inglezes, ferindo os interesses da metropole, que é o seu ponto mais sensivel. Deixemos a consequente chamada — rebellião — (sem armas), pretexto para se proclamar a lei marcial e as listas de proscripção; e, os horrores de *Navy island,* terminados no abysmo do Nyagara. Deixemos.

O commercio — á força — do opio na China e a guerra de 1840, os incendios e saques de Thing-Hae e Amoï são feitos memoraveis de crueldade e pilhagem, que já quasi não têm importancia em tal revista de horrores. O que porém se distingue n'esta referencia é o seguinte:

A companhia das Indias fizera da cultura e do commercio do opio com a China, um monopolio, a que por vezes se referiu o parlamento inglez; e até o duque de Wellington tomou parte n'essas discussões. Pois quando a China perguntou, ao tratar-se da paz, se não tinha já direito de prohibir qualquer genero de commercio, e este, em especial, que lhe envenenava os seus subditos, o governo de Calcuttá e o gabinete inglez responderam:

— Nós até ignoravamos que se fazia este commercio do opio!

Então, entre outras ganancias, obtiveram a ilha de Hong-Kong; e alli, a titulo sempre de humanidade, — conseguiram tirar a Macau o embarque dos coolis para a America, e ficaram elles com o monopolio d'esse trafico. É verdade que o haviam inventado.

A occupação do Egypto... aquelle celebre bombardeamento de Alexandria, artilhada com velhos morteiros, cujos projectis não chegavam a friccionar as couraças dos navios inglezes, aquelle Arabi, encontrado

ad hoc para pretexto da investida e da occupação, e as façanhas do Sudan, dariam uma peça magica de grandes effeitos.

Mas essa investida e as guerras da Abyssinia e as violencias intentadas contra nós, dizem claramente os receios da Inglaterra e seus designios. A Africa será sua, ou a Inglaterra se julgará perdida. — « *To be or not to be.* » — Eis a sua preoccupação.

A Abyssinia recordará sempre com asco o nome de sir Robert Napier, que, mais damninho que a serpente da Biblia, não só despovoou, — arrazou — o *paraizo terreal,* segundo a tradição vetusta, que alli disputa a Ceylão a honra de ser berço da humanidade. Alli encontraram ainda os inglezes honradas tradições do soccorro que Portugal prestou aos abyssinios, contra os mouros, que os tinham quasi aniquilados.

Transcrevamos, que é grato, em meio de tanta accusação proterva, encontrar uma palavra de justiça e uma, embora curta, menção de boas obras, que praticámos na Africa:

— « A nação mais pequena da Europa, mas que foi a mais valente, « diz Boussidon, a nação portugueza foi a unica potencia europeia que « enviou, sob as ordens de Christovão da Gama, 1:500 guerreiros em « soccorro dos seus irmãos catholicos, contra o poder musulmano. »

Por este feito e porque em tempo de D. João II alli foi dar um explorador portuguez que, de ordem de el-rei, demandava a India, e na Abyssinia lhe deu esposa e bens o Preste João, e porque dos 1:500 expedicionarios alli ficou tambem sangue portuguez e laços de familia, incluem, com orgulho, nos seus titulos — a Ethiopia, os monarchas portuguezes.

A tremenda noite de Fahlá na guerra contra Theodoros, recorda um feito de Sparta.

Os inglezes venceram Theodoros, marchando sempre na retaguarda dos traidores, seus assalariados mercenarios; de modo que, n'aquella sangrenta guerra de cem dias, a Inglaterra não perdeu um só dos seus soldados.

A 13 de abril de 1862, depois de haver aceitado a paz proposta por Theodoros, recebendo os presentes que elle lhe enviou, cahiram sobre o vencido, em Magdala desguarnecida, 30:800 homens contra 400! e consumou-se, em nome da Inglaterra, mais um aleivoso e covardissimo attentado. A imperatriz da Abyssinia, *cuja ascendencia portugueza attestava a sua côr de andaluza,* no dizer de todos os viajantes europeus, que a conheceram, recebeu 20 tiros pelas costas, e, quando, prostrado tambem o imperador, os soldados inglezes feriam leopardinamente os dois ultimos companheiros, indefesos e inermes, do vencido, o commandante bradou:

— Alto! se os matamos todos, quem nos dirá onde estão os thesouros? —

Esta interrogação de cupidez vibrante resume a epopeia ingleza na sua guerra contra o Negus. Depois, o saque da cidade. Depois decorrem 36 horas de roubos, de violações, de flagicios e assassinatos: — o que ha de mais grato aos humanos civilisadores da Africa. Depois, o incendio! — a gloria theatral de uma apotheose.

— « Duque de Magdala, sir Robert Napier! duque do inferno! » — lhe ficaram chamando aquelles povos.

É preciso parar no interminavel.

Fica bem demonstrado que o governo inglez padece de uma ambição insaciavel e fatal, e que a sua acção é cega, ferina, selvagem, irresistivel. Perigosa para a humanidade. Raça que se julga Messias, intenta sobrepôr-se a todos os povos; não — incorporando-os, — exterminando-os. Messias que os judeus esperaram sempre, e devem ter como chegado, emfim.

E, para que não pareça que fundamos o nosso conceito em auctoridades suspeitas, copiemos alguns periodos de escriptores ou oradores inglezes, além dos que ficam citados; que ha muita individualidade indemne ainda na Inglaterra, e é justo dar-lhes logar de honra n'este protesto solemne de reivindicação e defeza. Nós não injuriamos a Inglaterra, protestamos contra os actos do seu governo.

Beresford escreveu e publicou em ordem do exercito *que mais dam nos fizeram em Portugal os soldados inglezes, a titulo de amigos, do qu lhe causaram os francezes, seus invasores.*

Wellesley, uma testemunha presencial e insuspeita, escreveu:

— « Os soldados inglezes saqueiam terrivelmente o paiz á vista do « seus officiaes, que *se aproveitam da pilhagem...*

« É impossivel descrever as violencias e excessos commettidos. Nã « ha ultrage, por inaudito que pareça, de que não sejam victimas *os qu* « *os receberam como amigos...* Sinto dizer-vos que a conducta dos nosso « soldados *é infame.* Actualmente estão funccionando permanentemente o « conselhos de guerra para julgar soldados por crimes de assassinato « roubo, violações, pilhagem e constante embriaguez.

. . . . . .

« Não se faz marchar um destacamento que a sua passagem não se « ja assignalada pela perpetração de roubos de estrada, violação de « mulheres e raparigas, rapina de todo o genero, assassinatos, etc. etc. »

Warren escreveu no seu livro — *A India Ingleza:*

— « A consciencia do seu grande poder e a certeza da sua impu- « nidade, levam a Inglaterra á pratica de insolencias e oppressões que, « segundo a expressão de Shakspeare — fazem chorar os anjos —. »

Goldsmith, outro inglez, diz que a Inglaterra — « costuma tratar os « seus amigos como o caçador os seus cães de caça; pois julga que bas- « ta assobiar-lhes para os ter a seus pés. »

Lord Longhboroux, inglez tambem, dizia no parlamento britannico em 1791:

— « A ambição desenfreada e requintada insolencia do governo de « S. M..., acarretarão infallivelmente a ruina do nosso imperio. *Como « animaes carnivoros procuramos cada uma das regiões do globo para im- « molarmos victimas.* »

N'um livro inglez — *A colonisação ingleza da Nova Zelandia* — se lê que — « os bretões matavam os indigenas para traficarem com as suas « cabeças, porque, sendo ellas objecto de curiosidade, eram vendidas por « enormes preços. »

Jefferson disse:

— «Pouco á Inglaterra importa a moral, comtanto que o acto que «pratíca, possa saciar a rapacidade e espirito de pirataria da sua ma- «rinha.»

Lord Lansdown dizia no parlamento em 2 de novembro de 1797:

— «Estamos desacreditados ante a Europa, pelo orgulho que nos «fascina e pela nossa *rapacidade.*»

Para que citar mais auctoridades? Digamos com Jefferson, e terminaremos:

— «Boa fé, a da Gran-Bretanha!?... *a punica fides* da Nova Car- «thago... da amiga protectora de Copenhague... da nação que nunca «admittiu um só capitulo de moral no seu codigo politico.»

Napoleão não quiz aniquilar um povo, quiz isolar um lazareto; e para a raiva ingleza ainda não ha *Pasteur.*

Ahi ficam traços fugitivos, muito fugitivos, da historia dos governos da Inglaterra. Uma grande e monotona fereza. Nem uma acção preclara! Roubos, traições, exterminios, violações, incendios, a insidia, a exploração das virtudes e dos sentimentos nobres e dignos; a traição; a sobreposição do seu lucro a todos os direitos, da sua raça a todos os povos.

Na frente uns padres sem fé, com biblias *ad uzum*, e uns prégadores sem escrupulos, assalariando cumplices e traidores; na segunda linha uns provocadores de officio e de raça; na retaguarda, assegurando a retirada e o transporte dos saques, a guarda pretoriana; e nos mares, as esquadras receptadoras.

O governo inglez ameaçado no Canadá, e não mais seguro nas Indias, pretende mudar-se para a Africa. — Victimas, — nós.

A situação de Portugal é a da rez nas fauces da giboia. Presos por uma das extremidades, sentimo-nos triturar e engulir, mas vivemos ainda. A giboia, se por instantes adormece na sua digestão, quando es-

*

trebuchamos, acorda, e nós sentimos subir a trituração e descermos gradualmente pelas fauces do reptil. Só uma amputação póde salvar-nos. Em todo o caso hemos de ficar mutilados.

Mas, quem se aproxima e nos liberta? Ninguem! nem nós commettemos a indignidade de pedir soccorro aos compassivos espectadores, que não ousam manter os seus direitos na defeza dos nossos, que lhes são communs; nem pensam em que, depois de nós, as victimas serão elles.

Recorremos ao governo de Portugal; a ninguem mais. Façamos um esforço extremo! arranquemo'-nos das esmagadoras prêsas que nos seguram, e antes caiamos na lucta do que agonisemos na pressão constrictora em que nos deixámos cahir. Temos deseido de condescendencia em condescendencia, de concessões em concessões, e só conseguimos refinar a fome á fera insaciavel.

*

Seja o que fôr não esqueçamos que devemos á Inglaterra dois favores; de generos bem differentes, é certo, mas que nunca deixaremos de agradecer-lhe: devemos-lhe uma grande rainha; — D. Filippa de Lencastre; — grande rainha e grande mãe; e devemos-lhe... a ultima nota de Lord Salisbury, desengano formal a este paiz ingenuo.

Não queremos injuriar a Inglaterra, onde sobresahem consciencias honradas; porém n'um individualismo sem força e sem auctoridade. Não vimos declamar contra os seus governos que têm sido o que são, por motivos de força maior, de uma enfermidade constitucional — incuravel.

E dizemol-o com a mão na consciencia. Para esta calamidade não ha senão um remedio; reduzir o doente á impotencia. Portugal não póde e a humanidade não quer.

Defendamo'-nos emquanto nos restar alento. É a lucta pela vida, a guerra em defeza propria.

A *Commissão Primeiro de Dezembro* pediu em 1870 ao marechal

duque de Saldanha, então ministro da guerra, o armamento do paiz. Repete hoje a v. exc.ª, passados 20 annos, o mesmo pedido.

Ha povos que morrem luctando, ha povos que se deixam morrer. Queremos ser dos primeiros.

Antes de terminar é preciso que façamos uma confissão publica, pese embora á nossa vaidade, se alguem a tiver ainda n'este momento de provações e desenganos.

A Inglaterra tem uma vantagem reconhecida sobre nós: — é mais industrial, mais commercial, mais trabalhadora. Por condescendencia com ella arruinámos as nossas industrias, relativamente florescentes, e o que d'ellas nos restava, arrazaram os soldados inglezes durante a guerra da peninsula. Atraz da industria foi-se a nossa marinha mercante, e nós, em honra dos *fieis alliados*, cruzámos os braços e encouraçámo'-nos, como guerreiros de épicos museus, em nossas velhas tradições, muito fidalgas, mas tanto mais damnosas quanto mais iamos empobrecendo; no respeitante a industrias, principalmente, e a colonias.

Carecemos de transformar a nossa existencia e de que seja rapida, quanto possivel, essa transformação, porque temos, se nos durar a vida, de chegar depressa. Os nossos estudos abundam em classicismos, quando deviam abundar em ensinamentos de trabalho. A Allemanha tem, na sua instrucção secundaria, entrada para o ensinamento pratico; os Estados Unidos devem a sua orientação, em grande parte, ao seu espantoso progresso; a França tem luctado para o introduzir e tem conseguido muito, mas a França é como nós, nação latina, e os povos latinos preferem recitar versos de Homero e de Virgilio, extasiar-se ante Cicero e Demosthenes, a serem fabricantes, commerciantes, colonisadores.

Quantas aptidões, quantos braços andam por ahi inertes e inuteis, nos ocios das ruas e das secretarias! Quantos válidos mendigam empregos, não, segundo as suas aptidões ou habilitações, mas segundo as suas necessidades corporaes, porque a má orientação dos seus estudos os levou para as arcadas do Terreiro do Paço, em vez de lhes indicar o caminho das officinas ou dos terrenos colonisaveis da Africa portugueza, onde

melhor, trabalhando, serviriam os nossos direitos, do que nas ruas de Lisboa, perorando!

Pedimos já ao ministerio da guerra o armamento do paiz, pedimos agora ao ministro do reino [1] a reforma profunda, radical, da nossa instrucção.

Decrete v. exc.ª a grande reforma que lhe pedimos; n'ella principalmente, é que está *o fundo permanente da defeza nacional*, que o governo procurou crear no decreto n.º 7, de 10 de fevereiro do corrente anno.

*

Não basta porém nem é justo pedir tudo aos poderes publicos. Em toda a parte á iniciativa particular compete, senão antepôr-se aos esforços officiaes, offerecer-se para os auxiliar.

Não nos illudimos: — na Africa é que se trava a grande lucta de competencias nos grandes trabalhos da civilisação. Pois bem: — A *Commissão Primeiro de Dezembro* vem, modesta mas afoitamente, offerecer a v. exc.ª serviços na Africa onde o governo urgentemente os precisa.

Não poderemos subscrever com grandes sommas pecuniarias, offerecemos serviços pessoaes; se não nos alistamos como soldados, alistar-nos-hemos trabalhadores.

Tem o governo de emprehender, e já, trabalhos de colonisação em condições de viabilidade e com garantias de futuro.

Os signatarios d'este manifesto promptificam-se a, d'entre si, fornecer-lhe pessoal que se offerece, até onde lhes chegarem as forças, a secundar as suas diligencias; a procurar, no continente e nas ilhas adjacentes, um nucleo de colonisação, — quasi inicio d'um emprehendimento a que deve ficar caminho aberto; — a acompanhal-o na Africa, a ajudal-o

[1] Creou-se depois de publicado este manifesto o ministerio da instrucção publica.

DISSONANCIAS

INDICE

	Pag.
Carta de convite	7
Ad ostia	13
Janua Cœli	21
Surrexit	27
Te Deum	35
O enterro civil	41
Conde de Podentes	47
Quiberon	51
Luiz XVII	59
Esparta	65
Em continencia	71
31 de Dezembro	75
Antipodas	77
As Virgens de Verdun	79
A *Marselheza*	87
Pro tempore	97
Artigo transitorio	123
Carta d'Alforria	145
In excelsis	159
A Patricia	169
Notas	189

no seu estabelecimento e desenvolvimento; a sujeitar-se a todas as eventualidades da sua boa ou má fortuna.

E não se offerecem para só empregarem as suas forças na exploração eventual das riquezas africanas, mas para consagrarem a sua vida á lucta que vai travar-se no grande continente.

Não podem aventurar-se sós; precisam do governo. Não se lhe pedem ganancias, mas que elle dê garantias.

A patria n'este momento carece de tudo e de todos.

É preciso trazer africanistas ás côrtes? É urgente mandar africanistas para a Africa.

Snr. presidente do conselho de ministros! Ainda em Berlim v. exc.ª acreditou que discutia e assignava um tratado ou uma convenção; que, perdendo parte dos nossos territorios do Congo, adquiriamos direito a ser ouvidos no conselho d'aquellas nações com quem alli contratavamos; e que, para as nossas pendencias, haveria um tribunal de arbitragem, que nos fizesse justiça, em caso de pleito com os demais signatarios d'essa convenção. V. exc.ª acreditou que esse pacto era sagrado, e ficava garantido por todas aquellas altas partes contratantes. É v. exc.ª muito leal; não podia crêr que estava fabricando mais um grilhão para encadear o seu paiz.

Hoje deve estar desilludido e triste, porque o fizeram representar de ingenuo em torpe tragi-comedia, cuja repetição praza Deus se não esteja produzindo em Bruxellas.

Ao batermos á porta das altas partes com quem reciprocamente nos obrigámos, não iamos pedir-lhes favor, que estamos amestrados nas lições provectas e diuturnas do governo inglez, e fômos edificados com as recentes peregrinações de Thiers; iamos reclamar o processo a que temos direito.

Achámos um desengano mais, para a nossa lealdade proverbial.

Os grandes estados resignam-se a ser cumplices do governo inglez na espoliação, que nos foi infligida, e das que se vão seguir!

Inaudito?... Não é.

Os grandes estados olham-nos somnolentos, indigestinados pela crueza dos egoismos, ambições e orgulhos, que são parte constante da sua alimentação quotidiana.

Os grandes estados que deviam mostrar a sua força assegurando a manutenção da justiça, machinas são só de guerra, armadas para ameaça eterna, principalmente contra as nações pequenas que exploram, ou deixam explorar aos seus congeneres.

Digne-se v. exc.ª dizer a Sua Magestade que protestamos aqui, não só contra o procedimento do governo inglez, mas contra esta iniquidade collectiva, que brada ao céo e envergonha a humanidade; pois que vamos no fim do seculo XIX e ainda não ha justiça sobre a terra.

Ha victimas e algozes! — Ha tambem espectadores!... alguns — hypocritamente compassivos.

Sabemos o que nos espera; e pedimos ao governo que não tente desviar de nós o golpe, á custa de transacções que não sejam dignas.

Somos ainda muito ricos para mendigos, e muito fidalgos para supplicantes.

« *Una salus victis: — nullam sperare salutem* ».

Deus guarde a v. exc.ª

Ill.mo e exc.mo snr. Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho de ministros.

Lisboa e Sala dos trabalhos da Commissão Central Primeiro de Dezembro de 1640, aos 4 de março de 1890.

(Seguem as assignaturas).

P. S.

Não será sem interesse lêr-se um resumo dos penultimos feitos da Inglaterra.

Sentimos dizer — da Inglaterra, — mas naturalmente vem aos bicos da penna o seu nome, e é tanto mais desculpavel a confusão quanto é certo affirmar-se que o governo inglez é apenas o transumpto da opinião publica da nação.

E não é verdade.

A nação ingleza trabalha, lida, especula, navega, commerceia, espiritualisa-se... para illuminar a plenitude das suas venturas, alastra os pés, que exaggera, para tomar posse, com medidas falsas, dos territorios que lhe ficam ao alcance das toezas, e tem fé plenissima nos seus governos, que já são mais receptadores que mandantes.

O governo são meia duzia de aristocratas; e as tradições são leis.

O povo emigrante não leva instrucções nem responsabilidades; trabalha em liberdade; o governo garante, protege e anima.

Beata gens!

Andam na firme persuasão de que ninguem lhes resiste; e, se lhes resistem, fogem! Não é por medo; é por espantados de que haja mais gente no mundo.

Fugidos, recorrem ao governo, que fica em jubilos por ter mais um pretexto de pedir perdas e damnos.

Matar um subdito inglez!...

A todas as nações é motivo de luto e dôr a morte de subditos seus; á Inglaterra é mais uma fonte de riqueza. O governo só tem pena de a descrever nas receitas eventuaes.

Lá mesmo dizem que *os inglezes valem mais mortos que vivos.* E, — com o devido respeito e sem animo de offensa, — tambem essa é a nossa opinião.

Leiam que é bonito devéras isso que vai lêr-se de *Camille Debans:*

. . . . . .

« Depois de lêr estas trezentas paginas, mais de um leitor me perguntará: odeia então os inglezes?

« Se eu fosse diplomata ou hypocrita, responderia comcircumloquios attenuantes, que se póde odiar uma nação sem se ter animosidade alguma contra as individualidades que a compõem. Mas só são evasivas. Não sou diplomata nem hypocrita; e como a palavra — franqueza — tem por origem o proprio nome do nosso paiz, declaro francamente: sim, detesto os inglezes, detesto-os como governo, como povo e como individuos.

« Quero-lhes mal, antes de tudo, porque nos odeiam cordialmente e mostram-n'o a cada momento. Mesmo sem estas razões eu lhes quereria mal porque são incommodos, porque se mettem sem cessar no que lhes não deve importar para nada, porque mal põem pé n'um paiz que lhes não pertence, tratam-n'o como terra conquistada, porque não são honrados nem politicamente, nem commercialmente, nem humanamente; porque não são delicados nem em Inglaterra nem em nenhum outro paiz; porque quaesquer relações com os inglezes são detestaveis na nossa terra, na terra d'elles, em outra terra, em toda a parte.

« Vejamol-os na nossa terra.

« Os inglezes espalharam-se por todos os continentes como as sardinhas por todos os mares, aos cardumes. Só em França formam legiões; ha um cardume em Bolonha, um em Dunkerque, um em Fecamp, um em Dinan, um em Touraine, um em Nice, um em Cannes, um em Montpellier, um em Pau, um em Arcachon, etc.

« Desde que um subdito de Sua Graciosissima Magestade mostra os seus dentes de cavallo n'um canto da Europa, esse canto não pertence mais aos naturaes do paiz, depois d'aquelle vêm dois, depois quatro, depois dez, depois cem. É como sabem um eczema que se põe a roer a região.

« E sabem porque é que os inglezes se entregam assim á exploração dos pontos virgens de visitantes? É para disfructarem a barateza dos generos que a sua presença faz encarecer immediatamente. De modo que pouco a pouco, com o fim de viver commodamente com os seus pequenos

rendimentos, infestam e envenenam o nosso paiz, no qual não ha já uma pequena aldeia onde um velho capitão possa viver com seu soldo de reformado.

« Respondem-me com a economia politica. Descontam-me a alegria de vêr o dinheiro britannico cahir nas algibeiras francezas. Importa-me bem com isso, se o accrescimo do que ganho está na razão directa do que sou forçado a gastar.

« E realmente são muitos, são demais. Multiplicam-se e pullulam como arenques.

. . . . . .

« Quando somos incommodados na nossa terra, opprimidos na d'elles, roubados um pouco em toda a parte por essa nação que tende a substituir no universo os antigos judeus agora fundidos e assimilados em quasi todos os paizes, nós esperariamos, não é verdade que em troca elles consentissem em nos deixar tranquillamente tratar dos nossos negocios civis, religiosos e politicos?

« Não. Não podem. Quando eramos um povo poderoso que não se deixava pisar sem replicar com uma bofetada, os filhos da livre Inglaterra e o seu governo conservavam-se muito socegadamente no seu logar. Mas desde que os destinos das batalhas nos foram contrarios, John Bull, esse heroe, não sabe intrepidamente o que ha de imaginar para nos fazer sentir o peso das derrotas que elle era incapaz de nos infligir.

« Queremos mexer um braço? — Alto lá! exclama John Bull. Temos vontade de vêr o que se passa diante de nós? — Opponho-me a isso, declara apressadamente. Vamos á Tunisia: — Ah! não sei se deva permittir. Estavamos no Egypto: tira-te tu d'ahi, para eu entrar.

. . . . . .

« Temos uma questão com o Tonkin, John Bull mette-se no meio e declara que os seus interesses estão arriscados se desancamos a China. Queremos enviar os nossos reincidentes para a nova Caledonia. — Isso é que não! grita John Bull, os filhos dos antigos forçados de Sydney veriam n'isso uma vergonha. Abrimos o canal de Suez? John Bull surri-

pia-o e leva a effeito este acto do gigantesco *pick-pocketismo*, como um sacerdocio. Está-lhe na massa do sangue.

. . . . . .

«Ha oito dias, um vapor francez, *A cidade de Tanger*, escangalhou o helice e reclamou o auxilio de um inglez, em pleno Mediterraneo, pedindo-lhe para o conduzir a um porto visinho. John Bull pede *cento e vinte mil francos* para prestar este serviço e deixa perdido o navio que não póde pagar tão caro tres horas de reboque! Honrada gente!!!

«Não ha em tudo isto motivo para odiar os inglezes, essa nação que não tem uma unica virtude, que não tem senão interesses?

«Quando se levantaram contra a escravatura dos negros, foi porque tinham milhões de indios para utilisar. Hontem ainda elles percorriam toda a Africa para matar os mercadores de escravos, combatendo pela santa causa da humanidade preta.

«Mas o Sudan revolta-se, e Gordon o Chinez, Gordon Pachá, um dos seus maiores purificadores de povos, corre a Karthoum e *proclama o direito de ter escravos no dia seguinte á sua chegada.*

«— Procede no interesse da Inglaterra!» — diz elle aos que se espantam.

«Ó virtude!!»

«Hawet e Graham não podem dar cabo de um heroe chamado Osman Digma. Á frente de alguns milhares de outros heroes, sem espingardas, sem canhões, elle espera, ataca, abala e repelle os exercitos de Sua Magestade. Que faz Hawet? Põe a preço a cabeça do seu adversario. Envia emissarios carregados de ouro para semear a divisão entre os seus inimigos e comprar as consciencias turvas. Não tendo força para vencer quando não tem um cumplice como Arabi em frente d'elles, estes bravos fomentam a covardia; excitam os instinctos cubiçosos e pedem o seu triumpho á mais revolante das traições.

«E eis a lealdade d'esses carthaginezes.»

Camille Debans.

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building